



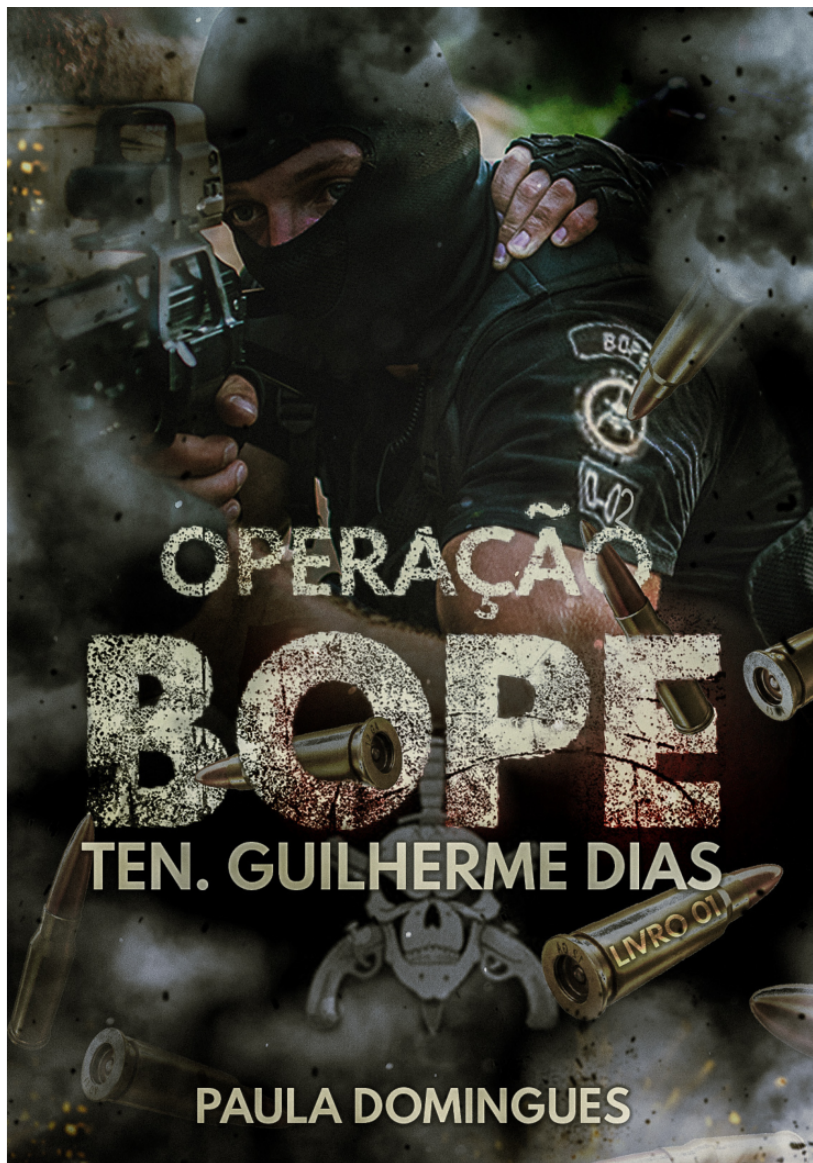
OPERAÇÃO BOPE

TEN. GUILHERME DIAS

PAULA DOMINGUES

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



A

FORÇA

DO

AMOR

OPERAÇÃO BOPE

1ª Edição

2023

Copyright © 2023 Paula Domingues

Revisão: Paula Domingues

Análise Crítica: Sara Ester

Leitura Crítica: Jéssica Lindoso

Diagramação Digital: Paula Domingues

Ilustração: Hiago Barry

Capa: Alice Prince

Esta é uma obra ficcional.

Qualquer semelhança entre nomes, locais ou fatos da vida real é
mera coincidência.

Todos os direitos são reservados. Nenhuma parte deste livro
pode ser utilizada ou reproduzida em quaisquer meios existentes sem
a autorização por escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº
9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.



Aviso

Este livro é ambientado no Rio de Janeiro, sendo partes da narrativa baseada em linguagens de gírias locais. Todas as menções relacionadas ao BOPE - Batalhão de Operações Policiais Especiais, foram devidamente pesquisadas na Net, via Google. Trata de uma história fictícia, onde os personagens bem como, nomes e apelidos, foram criados pela autora para compor a história.



Sinopse

Qual é a cura para um coração partido?

Para Lauren Saulo, a única saída que encontrou foi refazer a si mesma, escondendo suas emoções e se tornando fria como gelo.

O plano era bom... até ter de ficar frente a frente com Guilherme Dias, o responsável pela sua destruição emocional quando ela completou quinze anos.

Ele não deveria mexer tanto com ela... nem ter tanto poder sob seu corpo. Não quando ela ainda estava tentando consertar o estrago que ele mesmo causou.

Guilherme tinha consciência da dor que causou a Lauren no passado, mesmo sem intenção. Na época, ele já era um homem e, ela... apenas uma menina.

No entanto, anos depois, a garota magoada retornou para sua vida, disposta a enlouquecê-lo e lhe mostrar o que perdeu.

O problema era que como Tenente do Bope, Guilherme não estava acostumado a desistir, e agora não havia mais empecilhos.

Lauren não era mais uma menina... e ele mal podia esperar para tê-la em sua cama gemendo o único nome que ele permitiria que saísse de seus lábios.

O dele.





Sumário

AVISO

SINOPSE

SUMÁRIO

PRÓLOGO

CAPÍTULO 01

CAPÍTULO 02

CAPÍTULO 03

CAPÍTULO 04

CAPÍTULO 05

CAPÍTULO 06

CAPÍTULO 07

CAPÍTULO 08

CAPÍTULO 09

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

CAPÍTULO 19

CAPÍTULO 20

CAPÍTULO 21

CAPÍTULO 22

CAPÍTULO 23

CAPÍTULO 24

CAPÍTULO 25

CAPÍTULO 26

CAPÍTULO 27

EPÍLOGO

OBRAS DA AUTORA

SIGAM A AUTORA

Como um elo de corrente

Que não se rompe é forte

Unidos, todos por um

Caveira até depois da morte

É o BOPE

Somos os mais brabos do Rio

É o BOPE

Conhecido em todo o Brasil

É o BOPE

Nos chamam de Tropa de Elite

É o BOPE

Pra maldade sou o revide

By' Música Flow BOPE – JC Rap



TURQUIA

— Está nervosa? — Ravi pergunta, esparramado na minha cama como o perfeito folgado que é. — Afinal, voltar após todos esses anos e ainda ter de encarar seu passado mal resolvido, não parece ser uma coisa fácil, muito menos interessante.

— Para de encher o saco, seu idiota. — Raj xingou o irmão, jogando uma almofada nele, que se defendeu jogando-a de volta. E, assim, a guerra de almofadas estava declarada.

Ridículos!

Sorrio com a brincadeira dos dois enquanto continuo esvaziando meu closet, deixando tudo em cima da cama para colocar nas malas.

Quando cheguei na Capadócia, Turquia, conheci esses dois, Ravi e Rajesh, irmãos da Ayla por parte da segunda esposa do pai dela.

A Ayla foi o motivo para termos — meu irmão Cezário e eu — viajado para Turquia, há três anos; meu irmão veio honrar um contrato de casamento arranjado que nosso pai selou com o tutor legal da garota. Agora, três anos depois, ela se tornou esposa do meu irmão. E desde que chegamos e conheci os irmãos dela, ficamos muito amigos, quase que de imediato.

Eles são uma família grande, de vários irmãos, mas a conexão que tive com esses dois foi instantânea.

— Se está se referindo ao tenente, já aviso que não tem nada de mal resolvido nesse assunto, Ravi, pelo contrário, Guilherme deixou muito claro o que pensava a respeito da paixonite que declarei sentir por ele. — Falo terminando de colocar umas coisas na mala, disfarçando minhas emoções conflitantes, ou pelo menos tentando disfarçar.

— Eu particularmente acho que aí tem muito mais história para

ser escrita, o que você ainda sente, mesmo negando, nunca foi só uma paixonite — argumenta, olhando para o irmão com um ar conspiratório, como se tivessem um segredo.

Olho de um para o outro, desconfiada, estreitando os olhos.

— O que estou perdendo aqui? — pergunto, gesticulando entre eles. Cruzando os braços em seguida, com expressão zangada.

— Nada, princesa. Só uma coisinha boba — diz com risinho sem graça. — É só uma aposta que Ravi e eu fizemos de quanto tempo você vai demorar para ceder aos encantos do tenente depois que voltar ao Brasil. — Raj responde, rindo na maior cara de cínico.

Suspiro, rendida, pois também não fazia ideia de como reagiria quando voltasse a rever o único homem que habitou no meu coração, e que mesmo ainda chateada, ainda habita.

Me apaixonei ainda menina, tinha apenas treze anos quando conheci o Guilherme, estava no início da minha adolescência, me descobrindo, e descobrindo o mundo a minha volta.

Quando decidi vir para Turquia, eu tinha acabado de completar quinze anos; aprendi a aproveitar os momentos. Fiz amizades. Dei meu primeiro beijo. Foi uma verdadeira temporada de descobertas na minha vida, não podia reclamar.

— Isso não vai acontecer — murmuro, mas eles gargalham, desacreditados.

Idiotas!

Minha relação com esses dois era de extremo amor fraternal, e eu me sentia grata por tê-los na minha vida. Por ter sido praticamente adotada por eles.

Através deles dois conheci cada boate e festa badalada da Capadócia; quando namorei o Amim, com quem perdi minha virgindade, eles se juntaram ao Cezário e quase mataram o pobre coitado de medo, mas depois desse episódio, decidiram que não valia a pena se meterem na minha vida amorosa, pois eu fazia o que queria.

E ainda me sentia um pouco rebelde devido à rejeição que sofri vinda do Tenente Dias.

Mesmo que, secretamente, eu soubesse que eles afastavam qualquer um que julgassem não serem bons o bastante para mim, eles

fingiam me apoiar em tudo.

— Queria que vocês fossem embora comigo — murmuro fazendo beicinho, e um pouco de drama.

— Ei?! Sabe que estamos a um telefonema de distância, princesa — Ravi afirma, me puxando para sentar-me ao seu lado, no meio da cama.

— É só ligar que pegaremos o primeiro voo para o Brasil. — Seu irmão complementa, se sentando no meu outro lado na cama, me fazendo ficar entre os dois como sempre fazíamos, até nas festas.

Ravi e Raj eram dois exemplares masculinos de tirar o fôlego, ambos de cabelos negros como ébano, bem cortados, a barba muito bem-feita e desenhada. A pele era levemente dourada, e o que mais gostava em ambos eram aqueles olhos cor de âmbar, parecendo ouro líquido.

— Eu sei, mas vou sentir falta disso — falo, apontando essa cumplicidade e amizade que nós três tínhamos.

Eu estava com dezoito anos, e os irmãos, vinte e vinte e dois, sendo Ravi o mais novo. Quando cheguei no país, eles já eram herdeiros de uma Refinaria imensa de Petróleo, o que fazia os olhos de muitos pais de famílias brilharem com a ideia de terem suas filhas escolhidas para um casamento com um deles. Quem não ficaria deslumbrado com um futuro de dinastia, de riqueza e prosperidade?

— Nós também, princesa. Mas já combinamos de ligar todos os dias, além de chamadas de vídeo a noite. Assim, o Raj não fala mal de mim pelas costas — o Ravi comenta, levando um peteleco do irmão.

— Combinado, então. — Passo o braço pela cintura de cada um, me apertando mais contra os dois grandalhões. — Nas minhas férias da faculdade, vocês vão passar no Brasil comigo?

— Com certeza! Quero me acabar nas beldades brasileiras — Raj responde, rindo com arrogância. — Vou passar o rodo nas suas amigas.

— Safado! — exclamo com uma risada divertida.



Quando chegamos ao Brasil — eu, meu irmão e sua esposa Ayla —, a sensação de estar de volta, e dessa vez para ficar, foi um pouco estranha. Podia jurar que até estava com um pouco de sotaque, já que passei os últimos três anos falando somente em árabe ou inglês.

Eu e meu irmão viemos algumas vezes para visitar, principalmente, quando Isaac nasceu, nosso irmão caçula, filho do nosso pai com a tia Nat.

— Confesso que estou um pouco ansiosa — a Ayla comenta, esfregando as mãos no vestido.

— Relaxa, o pessoal é muito gente boa — alego como uma forma de tranquilizá-la — você vai adorá-los, e tenho certeza de que vão amar você. — Digo colocando a mão em seu ombro.

Ela sorri em agradecimento, acenando afirmativo com um movimento singelo de cabeça.



Eu não esperava que o Guilherme viria na festa de boas-vindas que fizeram para nos receber, e menos ainda que o veria com uma garotinha linda no colo. Perguntei quem era aquela gracinha de bebê mais por educação, pois a menina era a cara dele. Estava nítido que era sua filha.

Após os abraços e as saudações, eu e o tenente nos afastamos até o jardim. Ele me chamou alegando precisar conversar comigo.

Desejei recusar seu pedido, mas não podia mostrar o quanto ele ainda me afetava. Afinal de contas, eu não era mais aquela garota tola e apaixonada. Apaixonada sim! Acabei de constatar isso, mas não tola.

— Você se transformou em uma mulher linda! — ele declara, me encarando com toda aquela intensidade que era quase como uma característica dele. Na verdade, parecia me analisar enquanto eu brincava com sua filhinha.

— Você continua o mesmo, não mudou nada — respondo com um leve sorriso, mas por dentro estou um tsunami de emoções contraditórias.

Seus olhos não se desviavam dos meus, intensificando minhas

reações indesejadas.

— Sei que já se passaram alguns anos, mas... — se calou, como se estivesse buscando as palavras certas para usar — desde que conversamos naquele dia, no seu aniversário de quinze anos, que eu quero falar com você — meu coração começou a galopar no peito, droga! — Sei que fui um pouco exagerado na minha reação, até grosseiro, mas esse é meu jeito e não sei se consigo ser diferente do que sou. — Me oferece um sorriso sem graça. — Bem que tentei e, — pigarra, nervoso — eu só queria dizer que...

— Não tem o que ser dito sobre aquele dia — respondo, interrompendo suas palavras, porque aquilo já estava ficando muito constrangedor.

Ele não precisava fazer aquilo, poxa! Não precisava jogar na minha cara o momento mais vergonhoso — e doloroso — da minha vida, quando na minha estupidez adolescente decidi que seria romântico me declarar para ele nos meus quinze anos.

Tinha como ser mais burra?

— Lauren, eu...

O interrompi novamente:

— Não dá, Guilherme. — O entreguei a menina que estava nos meus braços, sentindo meu corpo tremendo da cabeça aos pés. Em seguida, limpei as mãos na calça jeans. Limpando a voz disse: — Eu não consigo.

— O que não consegue? — pergunta querendo saber, com um leve franzir de testa. — Me perdoar?

Me preparei para me afastar, porque apenas sua proximidade já bastava para me deixar fraca.

— Sei que tudo o que falou, cada palavra que me disse no passado era o certo a ser feito na época — olho para ele, sentindo minha garganta queimando, porque é impossível não me lembrar daquela decepção — mas isso não significa que não doeu. Você foi o responsável pelo meu primeiro coração partido. Eu era só uma garota boba e apaixonada, você poderia ter sido mais gentil nas palavras.

— Sei disso, e me arrependo muito.

Assenti, tentando não demonstrar o quanto estava afetada. Me

virei para sair, mas sua voz me parou:

— Será que nós podemos ser amigos? — insistiu. — Pois sinto que você está me afastando sem ao menos me deixar falar.

Permaneci pensativa, o encarando por alguns instantes.

— Não vai rolar, Guilherme, não agora — respondo no fim. — Infelizmente, eu ainda não consigo.

Dizendo isso, finalmente me afastei. Odiando-me por sentir aquela fraqueza nas pernas e... no meu maldito coração também.



UM ANO DEPOIS

Estávamos em uma "batida convencional", em um desses pancadões de funk que aconteciam quase diariamente nas comunidades e, que geralmente acabavam com vários adolescentes tendo uma overdose, ou levando um tiro de bala perdida.

Ingressei no BOPE aos vinte anos, estava com trinta e dois agora. Assim que completei maior idade, me alistei nas forças armadas do exército, servi por dois anos, e fui dispensado quando minha mãe adoeceu. Na época, ela foi diagnosticada com um pequeno tumor na mama esquerda, porém foi mais um susto, pois o tumor era benigno. Tempos depois, fomos buscar a Renata — minha prima que morava em uma fazenda no Sul do país — que havia acabado de ficar órfã de pai e mãe, restando somente eu e minha mãe como família.

Acabei prestando concurso para entrar na polícia militar e, meses depois, me inscrevi para o BOPE, o qual entrei depois de muita luta e empenho.

Ali, conheci amigos que considero meus irmãos, pelos quais mato e morro. Somos muito unidos, então, uma decisão que possa afetar um, sempre afetará aos demais.

— Guilherme, onde vocês estão? — Leandro, nosso Capitão, pergunta através do rádio, o qual todos tínhamos acesso pelas escutas.

— No telhado norte, com o alvo na mira, Capitão.

Recebemos uma denúncia de que alguns milicianos fariam uma entrega naquele local. Assim que viemos para comunidade, eu e o Renan, Sargento da equipe Alfa, estávamos escondidos em cima de um dos telhados, que nos dava uma visão ampla, facilitando para que um dos desgraçados dos policiais corruptos estivesse na nossa mira.

— Certeza da mira? Tem margem de erro? — insistiu Leandro, confirmando nossa informação.

— Positivo, meu Capitão, o alvo está na linha de tiro — reforcei, empolgado. Estava louco para meter bala naquele bando de filho da puta.

— Então “senta o dedo” nessa porra! — rugiu, irritado com tudo. Para nós, policial corrupto era tão vagabundo e bandido quanto.



Depois que limpamos a bagunça — matando os bandidos do morro e alguns milicianos —, ficamos satisfeitos ao constatar que não houve perdas do nosso lado.

Já estávamos saindo, voltando para o Batalhão, quando meu celular notificou uma mensagem. Fiquei intrigado ao notar ser da Roberta, mãe da minha filha. Então decidi ligar para saber o que tinha acontecido, ao invés de responder por mensagem mesmo.

Tudo o que vinha da minha garotinha era prioritário.

Eu conheci a Roberta há pouco mais de três anos, em uma boate, então tivemos um caso que durou poucos meses, mas ela engravidou. O problema foi que quando teve nossa filha, ela fugiu, abandonando a criança com minha mãe. Na época, eu estava fora, treinando novos candidatos a "aspiras" no Batalhão.

Então, um tempo depois, ela retornou, casada com um empresário, alegando querer uma chance com nossa garotinha. Explicou que na ocasião sofreu de depressão pós-parto, mas que se tratou, e que desejava uma chance de fazer diferente. E após longas semanas de muita conversa, dela se aproximando devagar da nossa filha, nós decidimos que o melhor para a Lili seria ficar com a mãe. Até que por instinto, minha filhota se apegou a mãe de imediato.

E foi o que acabou acontecendo.

Aline passou a morar em Petrópolis com a mãe, e todo final de semana, quando eu não estava de serviço, eu a buscava para ficar comigo. Temos uma espécie de guarda compartilhada, já que nunca foi preciso chegarmos ao ponto de partir para o jurídico, combinamos assim. Tenho acesso a minha filha sempre eu quero e posso buscá-la,

só aviso antes, para que a Roberta se programe também.

O telefone da Roberta tocou duas vezes antes de ela atender:

— Estou atrapalhando, Guilherme? Podemos falar depois se estiver muito ocupado.

— Aconteceu alguma coisa? — pergunto direto. — Sua mensagem me deixou preocupado.

— Nada demais. Amanhã terei de viajar com o Steve, pois ele terá uma reunião importante. Preciso que fique com a Lili até segunda. Pode ser?

— Estou no meio de uma Operação, mas quando terminar aqui vou até sua casa para buscá-la. Deixe as coisas dela, prontas.

— Tudo bem, vou te esperar.

Ainda bem que aquele dia estava terminando, eu estava cansado. Quando saímos da comunidade e voltamos para o Batalhão, troquei a chave da minha moto, com o carro do Leandro, e fui para Petrópolis buscar minha filha.

Liguei para minha mãe, a fim de perguntar se ela poderia ficar com a neta até sábado, pois eu estaria de plantão nesses dois dias seguidos.



— Papai! — Minha filhota gritou, pulando no meu colo assim que Roberta abriu a porta.

— Oi, princesa! — exclamei, enchendo seu rostinho de beijos. — Que tal pegar sua mochila para irmos à casa da vovó?

— Tá bom, papai! — Correu feito um furacão para pegar suas coisas.

Aline acabou de completar três anos, e era muito esperta para a idade. Por incrível que possa parecer, a primeira palavra que ela falou — não tão articulada — foi vovó. Minha mãe quase chorou de emoção na época, fora que ficou exibida *pra* caralho com isso.

— Se eu conseguir terminar os negócios mais rápido, ligamos

avisando — comentou Steve, me cumprimentando com um aperto de mão.

Quando minha pequena saiu, arrastando sua mochila de pelúcia, nós seguimos para o carro. Foi nesse momento que percebi que estava sem a cadeirinha. Pedi emprestado para a Roberta, em seguida, me despedi deles.



Minha mãe morou na casa da Renata por um tempo, desde que minha prima se casou. Mas agora que mamãe se casou novamente, passou a morar em uma ótima casa, perto do Batalhão.

Só que naquele dia em específico, minha mãe estava na casa da sobrinha a passeio, então combinamos de que eu deixaria a Lili lá, e voltaria para o trabalho.

— Obrigado, mãe. Quando sair do plantão, eu venho buscá-la — prometi. Deixei um beijo no alto da cabecinha da minha filha, ganhando outro, além de um abraço de enforcamento de volta.

— Tchau, papai! — exclamou, enquanto enchia meu rosto de suas beijocas estaladas, como sua tia Mel ensinou.

Melissa era a "Guepardo", pseudônimo de bicho na organização do Phillipe, seu tio e marido da minha prima Renata. Os negócios dele tinham a ver exclusivamente com o Jogo do Bicho e de drogas, e desconfio que de armamento também. Apesar de estar do outro lado da legalidade, eu não me intrometia nas coisas que o Phillipe fazia, desde que ele continuasse fazendo minha prima feliz.

No passado, Melissa e Leandro, meu amigo e Capitão namoraram, mas o namoro não durou muito tempo, pois os dois eram alfas e não baixavam a cabeça. Além de teimosos, o que não foi uma boa combinação. Então decidiram que seriam somente amigos, antes que acabassem se matando.

Quando eu estava saindo, me deparei com a Lauren e a “Onça” como Rebeca, sua tia, gostava de ser chamada, entrando.

— Você por aqui, tenente? E fardado ainda? Aconteceu alguma coisa? — A Onça perguntou, com uma sobrancelha levantada.

Curiosa como sempre.

— Só vim trazer a Lili. A Roberta e o marido vão viajar, e para onde vão não tem como levar criança — respondi, enquanto seguia para o carro. — Como estarei de plantão até amanhã à noite, minha mãe disse que ficaria com ela.

— Entendi. Bom, vamos entrando... hoje o dia foi bem puxado — comentou, olhando a Lauren de canto como se tivessem um segredo.

— Bom trabalho, tenente — Lauren murmurou, entrando na casa sem olhar para trás.

Rebolou aquele traseiro redondo e perfeito, marcado na calça jeans justa que usava.

Permaneci olhando-a até ela desaparecer do meu campo de visão, babando um pouquinho, louco para dar um tapa naquela bunda linda.

Sacudi a cabeça para espantar tais pensamentos, indignado com o rumo que minha mente me levou. Senti uma sensação estranha, além de me achar a porra de um perverso por ver minha passarinha, bem como seu pai e irmão a chamavam quando mais nova, de um jeito totalmente errado.

A verdade — que eu tentava esconder até de mim mesmo — era que eu desejava aquela garota... mais do que eu gostaria de admitir.

Lauren

CAPÍTULO 02



— O que você vai fazer hoje à noite? — perguntou Bianca, outra garçonne que trabalhava comigo, assim que encostei no balcão para repassar os pedidos das mesas.

A lanchonete que eu trabalhava ficava perto do prédio em que eu morava. Meu pai e meu irmão quase tiveram uma síncope quando falei que ia trabalhar e morar sozinha, mas respeitaram minha decisão.

Então, o idiota superprotetor do meu irmão, decidiu ser meu vizinho de porta, comprando o apartamento da frente. O prédio era daqueles com dois apartamentos por andar, o que nos dava total privacidade.

Cezário não era do tipo intrometido, mas com ele morando na porta da frente, eu não sentia a liberdade que desejava quando resolvi morar sozinha. Era como se estivéssemos dividindo o mesmo espaço; a sensação que eu tinha era de que se fizesse barulho, ele estaria na minha porta querendo saber se eu estava bem.

— Hoje? Nada — respondi à pergunta da Bianca. — Só voltar para casa depois da aula e caçar algo na Netflix para assistir. — Arrumei uns pedidos na bandeja para levar até o cliente, que estava sentado do lado de fora.

— Vai rolar uma festa bem legal mais tarde. Está a fim de ir?

— Não sei... tenho provas na próxima semana. — Estalei os lábios. — Pensei em aproveitar que hoje só tem uma aula, e que saio mais cedo, para estudar um pouco.

— As provas serão só semana que vem, hoje ainda é sexta — insistiu, tentando me convencer. — Qualquer coisa, depois nós podemos estudar juntas. Estou super atrasada em algumas matérias, e você é ótima, pode me ajudar. — Arqueou as sobrancelhas de forma sugestiva.

— Tá legal! — exclamei, saindo para entregar os pedidos. Também precisava atender uma mesa que acabou de ser ocupada.

— Passo no seu apartamento às nove.

— Até lá. — Me despedi, pois o turno dela terminou. Só voltaríamos a nos falar mais tarde.

Fui em direção a mesa que acabou de ser ocupada, me preparando psicologicamente, pois eram os rapazes da Equipe Alfa do BOPE onde, entre eles, estava o motivo do meu tormento emocional: Guilherme.

Eu apreciava seu visual despojado quando estava fora de serviço, mas... definitivamente, quando ele estava na sua versão Tenente, com aquela farda preta, minhas pernas ficavam até amortecidas. Disfarcei a cobiça, olhando para os lados, verificando se alguém percebeu minha fraqueza naquele homem, e segui para mesa.

Cumprimentei todos os rapazes.

— Sabem que não é bom para os negócios ter a viatura preta do BOPE parada na frente da lanchonete, né? — insinuei, brincalhona. — Ainda mais com todos vocês fardados e armados, sentados à mesa.

— Pedimos desculpas, linda — Leandro disse, se apressando em pedir para o Renan guardar as armas maiores na viatura.

— Não precisa se desculpar — respondi para o Capitão, mas olhando para o tenente disfarçadamente. — Já decidiram o que vão pedir?

— Sim, — respondeu Guilherme, sem se dignar a me olhar. Anotei tudo, odiando-me por sentir meu corpo tremendo, porque sabia que seus olhos estavam em mim o tempo todo. — Tudo para viagem, por favor — concluiu o pedido.

Percebi que seus amigos olhavam dele para mim, curiosos com a tensão que emanava de nós dois.

— Algo mais? Essa semana começamos a servir cheesecake de vários sabores. Caso aceitem experimentar, recomendo o de morango, é de se lambar os dedos — falei, sem pensar no duplo sentido das palavras. E pelo olhar que recebi do Guilherme, ele percebeu. Droga!

Meu rosto esquentou.

— Vou querer! — exclamou o sargento Renan. — Um de

morango e um de caramelo, se tiver. — Levantou-se, agitado. — Quero lambar os dedos. — Piscou, enquanto saía.

Guilherme rosnou baixo, chamando minha atenção para si, porque não entendi o motivo para seu incômodo.

Então, meio rabugento, perguntou quais sabores de cheesecake a lanchonete oferecia. Anotei os novos pedidos, saindo em seguida. No caminho para o balcão, lutei para manter minhas pernas firmes.

Minutos depois, retornei com tudo embrulhado para viagem. Fui surpreendida com o Guilherme parado na porta, esperando, enquanto os rapazes aguardavam dentro da viatura.

— Se forem realmente bons, eu volto mais vezes — avisou, pegando as sacolas da minha mão.

— Espero que gostem — comentei, passando seu cartão na máquina. — Também trabalhamos com serviço de entrega, assim não precisa atravessar a cidade para comprar lanches aqui.

— E se eu quiser vir comprar pessoalmente? — perguntou, como se estivesse me desafiando a dizer para ele não vir.

Dei de ombros, entregando seu cartão.

— Se não existe problema em gastar dinheiro público com combustível, pode vir todos os dias se quiser, não me importa.

— Mesmo? — insistiu. — Não se importa?

— Por que deveria me importar, Guilherme?

— Por nada. — Dei de ombros, sorrindo, mas o sorriso não chegou aos olhos. — Tenho que ir.

Fiquei o observando se afastar a caminho da viatura. Era tão idiota que não percebia o quanto eu ainda era apaixonada por ele.



— Mais uma bebida? — indagou o cara que estava sentado ao meu lado. Já fazia alguns minutos que ele estava tentando me convencer a dançar.

Ele não era feio, mas eu me sentia realmente cansada. Bianca insistiu muito para eu estar ali, mesmo eu lutando para desistir de última hora, principalmente, quando descobri que a festa seria numa comunidade, que não estava sob a supervisão dos meus tios.

Me sentia um pouco dispersa, até apreensiva, pois era o mesmo que dar a cara a tapa em território inimigo. Tinha certeza de que Cezário e meus tios iam me matar quando descobrissem que fui parar naquele lugar.

— Quero sim — respondi, estampando um sorriso falso no rosto. O que eu queria de fato era ir para casa, tomar um banho quente, relaxante e dormir. — Pode ser outra cerveja — concluí, enquanto ele saía para buscar outra bebida.

Olhei a minha volta, inspecionando o lugar; era muito aberto e sem nenhuma segurança. Sentindo uma sensação estranha, decidi ir embora antes que algo ruim acontecesse.

Então, antes que meu acompanhante voltasse, eu saí, me enfiando no meio das pessoas que estavam dançando.

Ao contrário dos pancadões rotineiros nas comunidades, essa era uma festa Rave, e por isso atraía muitas pessoas de fora, sobretudo, filhinhos de papai dispostos a gastar uma fortuna com drogas e bebidas caras.

Precisava admitir que os donos do morro fizeram uma verdadeira jogada de mestre ali, afinal, em uma festa dessas, eles facilmente desovavam muita droga, fora o contrabando de bebidas.

— Vem dançar, princesa... — murmurou um cara todo suado, e muito louco, tentando me puxar pela cintura.

— Me solta! — O empurrei, desvencilhando-me de suas mãos nojentas.

Agradei quando, finalmente, saí daquele lugar.



Quando eu estava quase na saída da comunidade, abri minha bolsa e peguei meu celular para chamar um UBER. Aproveitei para conferir a Glock que ganhei do Cezário, e que carregava sempre

comigo.

Após o episódio que me aconteceu na Turquia, anos atrás, depois de quase ter sido estuprada, mesmo sem contar o motivo, só alegando que uma garota precisa saber se defender, meu irmão, Ravi e o Raj me ensinaram a atirar e a lutar. Lá, eu treinava com eles, mas desde que voltei para o Brasil, comecei a treinar *Muay Thai* na academia dos Tigres, meus tios.

Os gêmeos, Felipe e Fernando, seus nomes de batismo, apelidados de Tigres, eram donos de uma rede de academias de musculação e artes marciais, com várias franquias espalhadas pelo Rio de Janeiro.

Fiz um muxoxo, irritada que nenhum motorista aceitava minha corrida, e eu tinha certeza de que era pelo fato de eu estar na comunidade.

Decidi caminhar mais um pouco para sair do contorno da favela de uma vez, e quando já estava no perímetro de fora daquele lugar, dei de cara com a viatura do BOPE chegando no morro, com certeza indo em direção de onde estava rolando a Rave. Odiei-me pela má sorte de ser justamente a caminhonete do Guilherme.

— Droga! — ralhei baixinho.

Sargento Luiz estava dirigindo, mas parou na mesma hora quando me viu, freando bruscamente.

— Mais que porra você está fazendo aqui, Lauren? — rugiu um Guilherme, furioso, descendo do veículo grande. — Ainda por cima, sozinha?

Todos estavam armados até os dentes, me fazendo recordar que, mais cedo, Guilherme mencionou que estaria de plantão e, obviamente, a jogada de mestre do dono do morro não terminaria bem. Ficou óbvio que o BOPE colocaria tudo abaixo em alguns minutos.

— Oi para você também, Tenente — respondi com sarcasmo, cruzando os braços. — Não que seja minha obrigação te dizer, ou que seja da sua conta, mas fui em uma festa — falei, escondendo o detalhe de que aquele não era território do meu pai e irmão. — Como estou cansada, decidi ir embora mais cedo. É isso! — Comecei a andar, tentando ignorá-lo. — Vou chamar um táxi.

Escutei seu rosnado, seguido de um aviso aos seus companheiros

de que me tiraria dali em segurança e depois retornaria ao seu posto.

— Pode ir! — Leandro comentou da janela da viatura. Parei e olhei para trás a tempo de ouvi-lo dizer: — Cuidado, menina. Aqui não é lugar para você. Ficar andando sozinha pelas ruas durante a noite, mesmo que fora da comunidade, em ruas movimentadas, é perigoso. Depois passaremos no seu apartamento para garantir que chegou em segurança.

Fui responder, mas eles arrancaram com o carro, me deixando sozinha com um Guilherme puto, que dava para sentir nos ossos.

— Por que vai chamar um táxi? Não veio de carro? — perguntou em tom seco, andando ao meu lado.

Notei que estava atento a cada suspiro e sombra a nossa volta; sempre com o fuzil 762 prestes a ser usado se fosse necessário.

— Precisava mesmo disso? — Apontei a arma. — Eu vim com uns amigos, não estou dirigindo — respondi, caminhando ao seu lado.

— Ao contrário de você, não estou aqui a passeio, Lauren — rosnou, me encarando.

Pisquei, engolindo todos os xingamentos que se aglomeraram na minha garganta.

Grosso!



Quando chegamos no ponto de táxi mais próximo, percebemos alguns taxistas conversando, bem próximos da entrada da comunidade. Abri a boca para falar, mas Guilherme se atravessou na frente, intrometendo-se como se fosse dono de tudo e todos.

— Você carregará uma carga preciosa para mim, então cuidado... — apontou, ameaçadoramente, para o pobre rapaz, que chegou a arregalar os olhos. — Não faça nenhuma gracinha, ou prometo que vou te achar mesmo que se esconda no inferno. — Rolei os olhos diante dessa necessidade de impor medo aos outros. — Me liga quando chegar, por favor — pediu, antes de eu entrar no veículo, o qual fez questão de anotar a placa. — Tem meu número?

— Não — respondi, pegando o celular dentro da bolsa.

Quando fui entregar o aparelho para ele gravar o número, percebi que me olhou com um semblante curioso, pois viu minha arma dentro da bolsa.

Enxerido!

Disfarcei, pigarreando, porque ele não tinha nada a ver com minha vida.

Eu era filha do chefe do jogo do bicho, afinal! Por que ele ficaria surpreso com o fato de eu ter uma arma?



UM MÊS DEPOIS

Estava com minha filha no parque. Fui buscá-la mais cedo na casa da Roberta, considerando que era meu final de semana com a menina. Os últimos dias estavam sendo corridos, ainda mais que estávamos nos preparativos para o próximo concurso de novos aspiras que aconteceria em algumas semanas.

E essa porra me faria ficar quatro longos meses fora de casa.

Um tempo depois, saí do parque e fui até a lanchonete que a Lauren trabalhava, ansioso demais para vê-la.

Ainda era estranho as reações que tomavam meu corpo cada vez que meus olhos a viam, que se esbaldavam na sua beleza. Seria mais fácil disfarçar se ela não fosse tão gostosa.

Por que diabos ela tinha de usar aquelas calças apertadas daquele jeito? Meu cérebro não parava de imaginar minhas mãos nela, apertando, marcando sua pele que parecia ter sido desenhada para minha boca.

Putá merda!

Olhei em volta, envergonhado com o rumo de meus pensamentos. Pigarreei, odiando que me descontrolei desse jeito, ainda mais por estar com minha filha.

Fingi indiferença quando a Lauren caminhou até a mesa que eu estava.

— Olá! — exclamou. — O que vão querer? — perguntou, mas me ignorou, se abaixando para brincar com minha garotinha.

— Tia Len! — Minha pequena se jogou no colo dela.

Sorri, encantado com a cena.

— A tia vai buscar uma cadeira especial para você, igual àquela que você e o Isaac usam lá em casa — explicou, voltando a ajeitar minha filha na cadeira normal, depositando um beijo estalado em sua bochecha.

Isaac era o meio-irmão dela, filho da minha prima com seu pai. Era um ano mais velho que minha filha.

— Decidiu o que vai pedir, Guilherme?

— Me chama de Gui — pedi, com um sorriso aberto.

— Melhor não. — Pigarreou, nitidamente nervosa. — Desse jeito, não se cria a falsa impressão de intimidade.

Fiz uma careta com sua declaração.

— Até quando pretende me tratar como seu inimigo?

— Você não é meu inimigo, então não queira saber como trato os que são — seus olhos lampejaram uma emoção que não soube identificar, mas o perigo que exalou foi nítido. — Só acho que será melhor assim. — Deu de ombros.

Podia sentir, em cada fibra do meu corpo, que ela ainda gostava de mim, todavia a mágoa por eu ser um estúpido no passado ainda estava ali, latejando como uma ferida aberta.

Eu não era nenhum príncipe encantado, estava longe disso, porém, se ela me desse uma chance, certamente não ia desperdiçar.

— Ainda não decidi — falei, sem tirar meus olhos dela. O cardíaco estava nas minhas mãos.

Lauren pareceu se sentir inquieta com meu olhar, me fazendo sentir arrogante.

Eu a afetava.

— Certo! — exclamou, agitada. — Voltarei daqui a pouco, então. Fique à vontade!



Depois que saímos da lanchonete, empanturrados de tanto comer besteira, fomos para casa, pois eu precisava colocar minha gatinha para tomar banho e descansar.

Já era tarde e eu estava na cozinha preparando o mingau da Lili, quando recebi uma chamada urgente do batalhão:

— O que foi Leandro? — perguntei ao atender, pois era raro nos ligarem quando estávamos de folga.

— Recebemos um chamado para uma missão no Morro dos Prazeres, com tiroteio e vítimas. Preciso de você lá.

— Chego em uma hora — avisei. — Só vou arrumar minha filha e deixá-la com minha mãe. Depois, vou direto para lá, Capitão — falei, já desligando o fogo e saindo para me trocar.



Liguei para minha mãe enquanto arrumava as coisas da minha bonequinha. Pelo horário, ela atendeu no segundo toque, consciente de que era algo sério. Então, me troquei, colocando a farda e me armando, em seguida, coloquei tudo o que precisava na minha mochila, peguei minha filha de pijama mesmo, apenas a enrolando no cobertor para evitar que se resfriasse pelo sereno da madrugada.

Minutos depois, saímos de casa.

Ao chegar na minha mãe, entreguei a pequena para ela.

— Cuidado, filho — pediu, pressionando a mão no peito. — Morro de medo quando você sai para essas operações perigosas. — Beijou minha testa.

— Quem disse que é perigosa? — Tentei tranquilizá-la, embora fosse em vão.

— Há essa hora? Duvido que não seja, ainda mais no seu dia de folga.

Dei um beijo na cabecinha da Lili, que dormia tranquila no colo da avó.

— Prometo me cuidar, mãe. — Beije seu rosto, logo pedindo sua

benção.

— Deus te abençoe, filho. E mais uma vez: cuidado — falou, enquanto eu me afastava, indo para meu carro.

Meu rumo era um só: Morro dos Prazeres.



Estávamos subindo em duplas, um dando cobertura para o outro. Como minha parte tática era ser o Snipe da operação, eu e o sargento Renan — meu parceiro na batalha — seguimos para o ponto mais alto do morro, onde a mira seria limpa.

Vi vários grupos atirando, outros, escondidos e se defendendo. Também havia inúmeros carros de polícia, muitos corpos abatidos. O que era para ser um pancadão de funk, se transformou em um circo de horrores.

Já chegamos colocando a bagunça em ordem, mandando muito filho da puta *pra* a vala.

Longos minutos depois, quando eu, finalmente, pude parar para olhar em volta, quase perdi o folego com a cena que vi.

De onde estávamos, pude ver a silhueta de duas moças e um cara, escondidos atrás de um carro, que os mantinham parcialmente seguros, já que algumas munições conseguiam atravessar a lataria. Vi o momento em que eles se levantaram, mantendo os corpos curvados, enquanto saíam detrás do veículo. Notei pela tensão da garota que servia de líder, que olhava para todos os lados procurando por uma rota de fuga.

O problema era que a moça que estava guiando os amigos para sair desse inferno, era ninguém menos que a Lauren, minha passarinha.

Mas que diabos ela estava fazendo ali?

— Puta que pariu! — exclamei, chutando um latão que estava ao nosso lado, fazendo-o voar longe.

— Calma, Tenente. Nós vamos descer e tirá-los de lá. — Renan falou com a mão no meu ombro, olhando para a mesma direção que a

cena se desenrolava.

Quando voltei a olhar, não vi mais ninguém, piorando meu estado de desespero. Meu juízo foi para casa do caralho.

Saí dali parecendo um touro enraivecido, desesperado de preocupação. Comecei a descrevê-la, assim como aos seus amigos. Falei das roupas que usavam, para facilitar nas buscas pelos três.

— Encontramos os civis, Tenente Dias — soou um dos meus companheiros, pela escuta, um tempo depois.

Suspirei aliviado.

— Estou indo aí — decretei, assim que ele me passou o local exato em que estavam.

Passarinha, passarinha...

Lauren

CAPÍTULO 04



— Sério que não virão? Pensei que fossem vir ao Brasil nesse fim de semana — lamentei, fazendo um bico de desagrado. Me entristecia que meus amigos Ravi e Raj não pudessem vir me visitar.

Nós estávamos conversando através de uma chamada de vídeo.

— Você sabe que se dependesse de nós, já estaríamos aí, né? — perguntou Ravi, porém sua atenção estava em alguém que eu não sabia quem era, pois não dava para ver.

— Poxa! — Estalei os lábios. — Já faz mais de um ano que não nos vemos.

— Somos espectros, então? Projeção da sua mente? — indagou Raj, rindo.

— Estou querendo dizer que não os vejo pessoalmente, seu bobo — argumentei, entre risos. — Decidi! Vou sequestrar os dois, é isso!

A risada foi unânime.

— Também estamos mortos de saudade de você, boneca — afirmou Raj, me permitindo ver sua tristeza. — Enfim, por que não nos conta como estão as coisas? — espreitou, chamando a atenção do Ravi, que ainda estava falando com alguém fora da ligação.

Bufei.

— Estou atrapalhando Ravi? — Semicerrei os olhos, enciumada. — Posso ligar para você outra hora, pois parece que está muito ocupado...

— Deixa desse ciúme bobo — riu, voltando os olhos para mim na chamada — é só a Âmica — apontou. Então, a garota colocou o rosto na frente da câmera, me dando um tchauzinho tímido.

— *Salaam Aleikum*, Lauren — ela me cumprimenta.

— Se pretende ir para o Brasil quando formos, tenta a versão em português. — Raj chama sua atenção.

Ela sorri tímida, voltando-se para mim na tela, e falando devagar:

— *Salamaleico*^[1] Lauren! — diz e olha para os irmãos como se perguntasse se acertou.

— *Alaikum as-salaam* ^[2] — respondo sua saudação.

Âmica era meia irmã dos dois, a caçula dentre todos os irmãos. Recentemente, completou dezoito anos e era filha única da terceira esposa do pai deles e da Ayla. Era complicado de entender essa dinâmica, porque o velho tinha seis esposas ao todo, e filhos com cada uma. O problema era que só Ayla, filha da primeira esposa, e os irmãos, Raj e Ravi, filhos da segunda, que entraram no testamento do homem; além de herdarem os bens materiais, também herdaram a responsabilidade de cuidar das outras esposas e irmãos.

Os irmãos possuíam cada um, sua própria casa, mas sempre estavam no palácio onde a mãe deles ainda morava, sob os cuidados do senhor Cemil, tutor dos bens tanto da Ayla quanto de seus irmãos. Ambas as partes tinham uma cláusula para cumprir a fim de receber a herança, do mesmo modo que minha cunhada teve, o que a levou a se casar com meu irmão por um contrato.

— Aonde você vai? — quis saber Ravi, desconfiado. — Se levanta um pouco — pediu —, quero ver essa roupa. — Fiz o que pediu, dando uma voltinha na frente da tela do laptop. — Onde pensa que vai vestida assim, sem que estejamos presentes para te proteger?

— Ignora ele, Lauren, você está maravilhosa! — Âmica comentou, falando em um português arrastado.

Seus irmãos a estavam ajudando no idioma, já que ela pretendia vir com eles ao Brasil. Na verdade, a viagem seria uma espécie de presente, pois a garota estava com um casamento arranjado a caminho.

Conhecendo meus amigos, sabia que eles jamais a forçariam a nada que não quisesse, porém, essa era a cultura deles, não tinha como Âmica ter uma escolha.

— Não adianta puxar o saco dela — ralhou Ravi. — Já adianto que quando formos ao Brasil, será por pouco tempo. E você não vai ficar lá, entendeu? Quando voltarmos, você volta também.

Começaram a discutir um com o outro, e vi Raj revirar os olhos para os dois.

Sorri, me sentando na frente do notebook novamente.

— Vai ter uma festa na casa de uma das alunas veteranas da faculdade — comentei em resposta à pergunta do Ravi. No entanto, logo me arrependi, pois veio uma enxurrada de conselhos dos dois. — Como se vocês nunca fizessem isso, né!? — Rolei os olhos, um pouco indignada com a hipocrisia deles. — Irem em festas assim, quero dizer.

— Somos homens, é diferente! — argumentou Raj. — Mulheres ficam mais vulneráveis nesse tipo de festa, ainda mais quando estão sozinhas.

— Mas eu não vou sozinha — avisei.

Permanecemos conversando por mais alguns minutos, com os dois me obrigando a explicar o local da festa, quem seriam meus acompanhantes. Tive que falar diversas vezes que jamais aceitaria bebidas de estranhos e que não deixaria meu copo longe das minhas vistas.

Prestes a encerrar a chamada, fui coagida a trocar de roupas de modo a usar um par de botas para poder colocar minha Glock escondida ali.

Dois controladores, isso sim!

Assim que desliguei, peguei minhas chaves, minha bolsa e segui para a casa da minha amiga. De lá, nós duas seguiríamos para o local da festa.



— Isso aqui tá um saco! — comentei com a Bia, minha amiga doida que me arrastou para aquela furada. — Já disse que te odeio — torço o nariz em desgosto.

— Já — responde sorrindo — e que hoje, eu não vou conhecer seus amigos turcos sarados, vou ter de me contentar com esses embustes daqui. — Fez uma careta engraçada.

— Pensei que seu negócio fosse dar *uns pegas* no Sargento Luiz.
— Semicerrei os olhos, desconfiada.

Há alguns dias, ela tinha me contado que estava caidinha pelo amigo do Guilherme, e que tentaria de tudo para convencê-lo de sair com ela.

Minha amiga era meia doidinha, avoadada até, mas tinha um coração imenso. O único problema dela era sua impulsividade, e seus gostos duvidosos para definir diversão.

— Eu sou realista, gata — argumentou —, o homem é muita areia para meu pobre, velho e enferrujado caminhãozinho. — Pressionou a mão no peito, fazendo drama. — Ele nem me olha — bufa com um riso fraco.

Quando fui responder que ela estava equivocada, fui interrompida por um amigo dela:

— Ei, meninas?! Sei de um lugar para irmos que vocês vão adorar — afirmou. — Mil vezes mais badalado que esse aqui. — Gesticulou ao redor.

Olhamos de uma para outra e decidimos pagar pra ver. Afinal, não estaríamos perdendo nada.



— Ricardo, você não disse que a festa era na droga de uma comunidade, porra! — reclamei, enquanto dirigia e olhava em volta. Irritação me tomou quando percebi que me enfiei no Morro dos Prazeres.

Quando ele me passou o endereço, não percebi para onde estávamos indo, porque a rota que o GPS nos deu foi por um caminho diferente, e eu era uma negação para gravar nomes de ruas. Só que quando entramos por detrás da favela, reconheci o local de imediato.

— Relaxa, gatinha, vai ser divertido.

Olhei para minha amiga, que deu de ombros. Puta merda!

Era uma das minhas tias quem tomava conta daquele território, mas ainda assim, não era aconselhável vir ali assim, de peito aberto.

Tinha certeza de que se alguém me reconhecesse, a coisa não ficaria bonita.



E como se meus pressentimentos se concretizassem, uns momentos depois que chegamos não demorou muito para a merda feder.

Estávamos escondidos atrás de um carro, usando-o como escudo, enquanto disparavam tiros e balas para todos os lados. Não tinha nem como saber de onde vinham.

— Como vamos sair daqui? — Bianca perguntou, aflita. Estava abaixada com a mão na cabeça, tentando se proteger.

Olhei para os lados, buscando um meio de fuga. Vi uma brecha ao sul de onde estávamos.

— Me sigam — pedi, notando que os tiros diminuíram. — Mas se mantenham abaixados. — Corri para a rua que, antes, notei estar mais sossegada. — Por ali tem um beco que nos levará a uma espécie de avenida, onde poderemos nos esconder até a poeira baixar. Depois disso, vamos até meu carro para dar o fora daqui — expliquei, enquanto corríamos.

— Me lembre de pedir uma explicação de como você conhece esse lugar tão bem — murmurou Bia, sem fôlego, lutando para me acompanhar na corrida, cambaleando em seus saltos altos e escorregadios.

— Não tenho que te explicar nada! — Rangi os dentes de irritação. — Se dê por satisfeita se nós conseguirmos sair desse inferno, vivos.

Quando estávamos descendo uma rua bem íngreme, vi várias duplas dos caveiras, (BOPE), se espalhando pelo local, na surdina. Naquele momento, entendi o motivo para os disparos terem diminuído.

Mas, ao mesmo tempo, em que fiquei aliviada por saber que tínhamos uma chance real de sobrevivência — devido à presença deles —, me desesperei para sair dali, pois certamente o Guilherme estava junto. E eu não queria que ele me visse naquele lugar.

Mas, infelizmente, o destino gostava de brincar comigo...

Fomos parados por dois soldados de preto, e escutei um deles falar, na escuta que usava:

— Encontramos os civis, Tenente Dias.

Droga!



— Pode deixar que assumo daqui — Guilherme dispensou o outro, se aproximando de mim. Segurava o clássico fuzil 762, que o Bope usava nas operações.

O idiota arrogante me checou dos pés à cabeça, com os olhos chispando.

Sem disfarçar o nervosismo, ele falou, sem nem olhar para meus amigos, como se os dois não estivessem ali:

— Vamos! — ditou. — Vou te levar para casa. Pelo menos, está de carro hoje?

— Estou — respondi, pigarreando um pouco. — Não precisa me levar, só tenho que chegar até onde estacionei.

Com quem ele pensava estar falando? Um subordinado? Idiota!

Ele me olhou por alguns segundos e pude ver as chamas em seus olhos. Ficou nítido que se pudesse, ele me daria uma surra por minha inconsequência. E, puta merda! Só de imaginar as mãos dele em mim...

— Vamos. — Pegou minha mão, praticamente, me arrastando dali. Meus amigos só nos acompanharam. Vi no olhar da Bianca que um interrogatório se aproximava.

Quando chegamos ao meu carro, puxei minha mão da sua, pois estava difícil disfarçar as reações que esse simples toque, combinado a minha imaginação pervertida, causou no meu corpo.

— Obrigada, Tenente. — Agradei, entrando no carro, sem dar abertura para mais conversa.

Fiquei aliviada que ele não tentou me segurar nem me encher de mais perguntas. Somente me olhou com olhos tão intensos, que me arrepiaram até a alma.

Dei partida no carro e saí dali, seguindo para a fraternidade onde Bianca havia deixado seu automóvel. No meu íntimo, eu desejava chutar os dois para fora do meu carro.

Lauren

CAPÍTULO 05



DIAS DEPOIS

Exaustão...

Cansaço...

Raiva...

Agora, junta tudo isso, e acrescenta uma dose de frustração. É isso que sinto ao estar destruindo o saco de areia que usamos para treinar na academia. Não sei se sou eu que o estou destruindo ou se ele está detonando meus pés e punhos, mas sei que não consigo parar, é como uma descarga de pura adrenalina.

Tive outro daqueles pesadelos que me torturam desde que quase fui estuprada na Turquia, por aquele velho nojento, podre e asqueroso. Neles, eu nunca consigo fugir. Vi diversos finais possíveis para aquele dia. E isto me causa frustração, indignação e nojo.

Só de pensar sinto meu estômago embrulhar.

Às vezes penso que sou bipolar, pois meu estado de espírito varia muito rapidamente e isso sempre acontece quando relembro aquele dia. Ter pesadelos quase todas as noites em que se revive um momento terrível não ajuda de forma alguma o meu estado emocional, afinal, obviamente aquilo se tornou um trauma para mim, considerando a idade que tinha na época. E quando me sinto a beira de sufocar com as lembranças, sem poder ligar para meus amigos nem falar com meu irmão, já que ninguém sabe o que me aconteceu, eu venho para a academia e faço exercícios até beirar a exaustão, até sentir meus músculos estalarem pedindo clemência.

Não gosto de musculação, acho que como reflexo hoje em dia, sou versada em várias modalidades de artes marciais, *se fosse assim na época*, penso irritada, me lembrando de como eu era tosca, achando que sabia me defender, só porque minhas tias haviam me ensinado

como imobilizar alguém, o que de certa forma até me ajudou, mas só a ganhar tempo para sair correndo feito uma gazela assustada.

Ah, se fosse hoje, aquele velho maldito comeria o próprio pau por se atrever a encostar em mim.

Estou tão concentrada no saco de areia que mal percebo que há outras pessoas ao meu redor, só quando pauso para respirar e me preparar para a próxima sequência de socos e chutes, que vejo o Gui me observando de longe.

Ele conversa com o tio Felipe (dono da academia), o Leandro e o Luiz (seus amigos do BOPE, que frequentam a academia juntos).

Sorrio de forma discreta e começo a bater mais forte no saco, me exibindo um pouco. Não negaria que percebi quando ele me olhou, e gostei do jeito que me fitou. Vi algo nos seus olhos que antes não existia: um olhar quente, cheio de luxúria e promessas.

Só não sei explicar como isso me faz sentir. Uma coisa é amá-lo ainda, apesar de negar até para mim mesma diante do espelho, mas outra é vê-lo me desejar também, mesmo que de longe, só com o olhar.

Estou cursando *Neuro psicopedagogia*, que tem como base a pós-graduação em Terapia Cognitiva Comportamental. Estou-me especializando em ler as pessoas por suas reações corporais ou emocionais para saber quando me escondem algo ou estão mentindo. Isso é muito interessante, e decidi me aprofundar nessa área pelas nuances humanas, e para "me" entender, já que sinto que em algum momento eu me perdi da Lauren que fui um dia.

Os sentimentos do Gui eram contraditórios quando eu voltei da Turquia, mas pelo menos parecia arrependido de ter me magoado. Mas agora, vendo como ele reage a minha presença, sinto que algo mudou.

Agora, por exemplo, enquanto me exibo parecendo um pavão abrindo a cauda em uma dança de acasalamento, ele me olha de uma forma como se conseguisse me ver além do que eu gostaria que visse. Não digo no sentido sexual, e sim emocional, e isso me desestabiliza no momento, me desconcerta.

Tanto que nem percebo quando se aproxima, e está praticamente do meu lado, parado com os braços cruzados no peito.

— Você sempre treina pesado assim? — Pergunta em tom

questionador, não admirado, que era a intensão que ele ficasse.

— Apenas quando preciso — respondo de forma enigmática.

— Será que podemos tomar um suco? Na lanchonete da academia mesmo — diz rápido.

Paro de socar o saco, com a respiração cortada devido o esforço, o cansaço, e ensopada de suor. Olho para ele, decidindo se estou pronta para passar por um interrogatório sobre as duas vezes que ele me encontrou em festas clandestinas nas comunidades.

E não... não estou no clima de responder nada.

— Hoje não vai dar Gui, tenho que correr para casa, tomar um banho e ir para o curso, só passei aqui para aproveitar que estava livre, e treinar um pouco, já que hoje foi minha folga.

— Só um suco, prometo que não vai demorar.

— Eu sei o que quer falar, ou melhor... perguntar, e na boa? Não tô a fim de responder. — Falo pegando minha mochila sem tirar as faixas de proteção da mão.

— Posso te buscar no curso?

— Por que insiste? — Pergunto me virando irritada, olhando-nos olhos.

— Porque cansei de fingir que não tô nem aí, cansei de te olhar de longe — sorri com alguma lembrança — não é de mim desistir, não quando quero algo.

— E o que você quer Tenente? — Pergunto estreitando os olhos.

— Você.

Ficamos uns bons segundos encarando o rosto um do outro, sem desviar o olhar, parecendo uma disputa de quem baixaria a cabeça primeiro, mas... lógico que nenhum dos dois cedeu.

— Eu tenho mesmo que ir — falo saindo — até uma próxima Guilherme. — Olho por cima do ombro, e saio dali antes que perca o juízo e faça merda.



— Sério que ainda tem uma semana inteira para vocês chegarem? — Pergunto para o Ravi e para o Raj, em nossa fiel chamada de vídeo desde que saí da Turquia.

— É só mais uns dias, princesa, logo estaremos aí para cuidar de você, já que pelo visto seu irmão não está fazendo o serviço direito — o Ravi comenta irônico.

— Por que acha isso? Ele está fazendo um serviço primordial — revido rindo — estou com saudades de comer porcarias e passar mais tempo procurando algo na Netflix do que vendo filme, sentada no meio dos meus dois amores — resmungo chateada.

— Logo chegaremos, então prepara os lanches, muitos doces e sorvetes, soube que a lanchonete que você trabalha faz os melhores — Raj fala rindo, mas logo para de sorrir quando vê o sorriso amarelo que dou em resposta. — Vai nos contar o que está acontecendo?

— Vou, mas quando chegarem, não me sinto confortável para falar por telefone, mesmo que em vídeo, e olhando para cara feia de vocês.

— Hei, sou um pedaço de caramelo suculento — o Ravi brinca, mas acrescenta: — Concordo com meu irmão, você não está bem, dá para ver no seu olhar, tem certeza de que não quer conversar sobre isso?

— Querer conversar a respeito, eu até quero, mas como disse, não por aqui — digo disfarçando meu cansaço mental — prefiro esperar vocês chegarem.

— Quer que levemos algo daqui? Manjar turco? Daqueles que você adora? — o Ravi pergunta.

— Não precisa — sorrio — só quero que vocês venham logo.

Depois que desligamos, fui tomar meu banho, e dormir. Hoje fiz uma série intensa de exercícios para distrair a mente, e acabei ficando exausta tanto física quanto mentalmente. Além disso, ultimamente o Gui tem andado muito próximo a mim, o que não está me ajudando a pensar com clareza sobre ele e sobre a situação.



— Você tem andado estranho nas últimas semanas — o Leandro comenta enquanto treinamos na sala que temos para isso no Batalhão.

— Não estou estranho, só minha mente e o rumo dos meus pensamentos que andam meio confusos ultimamente — respondo acertando-lhe um golpe que o leva ao chão no tatame que estamos.

Ele prende as pernas no meu pescoço, me derrubando e me prendendo em um mata-leão apertado.

— E o nome desses pensamentos estranhos por acaso é Lauren?
— Pergunta ainda apertando meu pescoço.

Revido com um contragolpe mudando nossas posições, prendendo-o segurando seu braço para trás.

— Desde que ela voltou, algo mudou com relação a como eu a via, e como me sentia — falo soltando-o e me sentando no chão mesmo, tomando fôlego.

— Beleza, mas defina o que mudou — meu amigo comenta enquanto se levanta e pega duas águas, jogando uma para mim.

— Lembra do que te contei no passado? Quando ela veio até mim e se declarou apaixonada, e eu fui um estúpido com ela? — Pergunto sentindo o amargor das minhas palavras.

— Lembro.

— Aí no dia seguinte ela foi embora — falo baixo — fiquei chateado comigo mesmo, sei que não precisava ter dito as coisas que disse, mas eu fui pego de surpresa, caralho — suspiro derrotado — sabe que não lido bem com surpresas — bebo um gole da minha água — só que, quando ela voltou para o Brasil, no momento que a vi não sei explicar, mas... eu a quis, cada célula do meu corpo a quis para mim entende? Me senti um idiota, um neandertal por sentir que aquela deusa era minha, que só ficou um tempo fora se preparando para voltar para mim.

— Isso foi prepotência demais, até para você — ele fala com uma careta.

— Eu sei — suspiro — mas ela voltou, sim, linda, forte, teimosa — sorrio — gostosa *pra* caralho, mas não para mim.

— Achou mesmo que depois de ter rechaçado a menina, ela pularia nos seus braços após três anos fora? — O idiota ri sarcástico.

— Não, mas pensei que teria a chance de me desculpar, e talvez montar uma ponte até seu coração novamente — comento tomando mais água — e não foi o que aconteceu. Nesse primeiro ano, até tentei me manter distante, mas... — suspiro — não sei explicar o porquê, ultimamente eu só penso nela, eu quero estar por perto, tô até parecendo um maldito perseguidor, pois fico só a observando de longe, sem coragem de me aproximar. E quando ela está perto, eu não consigo raciocinar direito, meus pensamentos vão de querer protegê-la sei lá de que, a imaginá-la nua embaixo de mim gritando meu nome enquanto eu a fodo com força — olho meu amigo esperando a repreensão que não vem — sei que é pervertido, mas é mais forte que eu.

— É pervertido sim, mas já vi esse mesmo olhar guloso naquele par de jades que ela tem e que chama de olhos — o Leandro comenta rindo, me dando a mão para me ajudar a levantar. — Por que não fala com ela?

— Já tentei — respondo com uma careta — ela sempre foge.

— E já se perguntou o porquê? Digo... por que ela foge de ter uma conversa que não seja formal com você? Do que ela tem medo?

— Acho que ela não suporta ficar perto de mim, ela ainda guarda mágoa pelas minhas malditas palavras naquele dia. — Falo chateado.

— Mas você não tinha outra escolha... não uma descende pelo menos.

— Por esse motivo da minha falta de escolha no passado, ela mesma disse que hoje entende meu lado, mas que, o que não consegue esquecer, são as coisas que eu disse, as palavras que usei.

— Quando ela te disse isso? Que entende os motivos.

— No dia que ela voltou para o Brasil — respondo me lembrando daquele dia, e do choque que senti ao revê-la, como se

uma descarga elétrica tivesse passado por todo meu corpo.

Ali eu soube que estava muito ferrado.

— Vou te ajudar a reconquistar sua passarinha — meu amigo brinca com a mão no meu ombro.

Olho para ele rindo, pois não faz o estilo dele bancar o cupido.

— E o que te faz achar que pode dar certo?

— Porque se ela era apaixonada como disse ser na época, esse tipo de sentimento não passa assim, ainda mais que o dela ficou mal resolvido.

— Mas e se passou?

— Então é porque nunca foi real — ele fala saindo da sala.



— O que a princesa do papai vai querer? Leitinho ou Suquinho?
— Falo brincando com minha filha, enquanto arrumo a mamadeira de suco dela.

— *Suto, suto, suto*, papai! — ela fala gritando, sentada no meio de um monte de almofadas que coloquei em sua volta para ela não se machucar.

Minha menina tem três anos e uns meses, é esperta, fala de tudo, errado, do seu jeitinho infantil, mas é uma matraquinha. Gordinha rechonchuda, e meio loirinha como a mãe.

Agora depois de mais velha, que se tornou uma senhora respeitável da alta sociedade, a Roberta deixou os cabelos na cor natural, já que antigamente a cada ano estava de uma cor diferente, e pude constatar que ela é loira.

Nunca vou entender esse tipo de vaidade feminina, na minha opinião é frescura, já que mulher nunca está satisfeita com o que tem.

Ouçõ a campainha tocar, e pela insistência e pelo porteiro ter deixado subir sem me avisar, só pode ser algum dos meus irmãos do trabalho, fora minha mãe e a Renata, minha prima, só eles entram sem aviso. Nem a Roberta entra assim, até porque ela nunca vem aqui

no meu apartamento, sempre sou eu que busco minha filha, e quando não posso, minha mãe quem vai.

— Já vai — Falo alto indo abrir a porta.

Olho através do olho mágico e vejo a trupe toda do lado de fora, o Leandro, o Renan e o Luiz.

— Não consigo me ver livre de vocês nem em dia de folga? — Pergunto brincando depois que abro a porta para entrarem.

— Não fode, trouxemos cerveja e hoje tem jogo, e desde que o mundo é mundo, que uma boa partida de futebol só é realmente boa quando se assiste em turma — o Renan diz sorrindo e entrando.

— Primeiro... olha a boca, maneira no palavrão que a Lili está comigo hoje e ainda acordada — digo apontando meu amigo e pegando a sacola com as cervejas da sua mão, para colocar na geladeira — segundo... e se eu não gostasse de futebol? — pergunto irônico.

— Você gosta, beleza, são oitavas de final da *Champion League*, e o Manchester tá em segundo na pontuação — quem responde é o Leandro, que está entrando logo atrás do Renan com várias sacolas cheias de salgadinhos congelados para fritar.

E como um timing perfeito, antes que eu de uma resposta irônica, minha filhota vem correndo em nossa direção, pulando no colo do Leandro.

— Tiiiiiio Lando! — Grita beijando as bochechas dele, melando seu rosto na verdade, e depois se jogando no colo do Luiz, fazendo o mesmo, e terminando nos braços do Renan, agarrando o pescoço dele.

— Quem é seu tio preferido? — O idiota pergunta para provocar os outros dois.

— Tio Lipe — ela responde se referindo ao Felipe, um dos tigres, sobrinhos do Philippe, marido da minha prima.

O Leandro e o Luiz dão risada da cara dele enquanto pego a pequena no colo, e todos seguimos para cozinha, já que eu estava arrumando o suco do meu amorzinho.

— Por que você gosta mais daquele mala? Eu que sou seu tio favorito, que assiste aquela porca cor de rosa com você — o Renan pergunta para minha filha como se ela entendesse o que ele está

falando.

— Vem gatinha, o tio te dá seu suco enquanto esses bobões fazem pipoca e fritam os salgados para assistirmos ao jogo — o Leandro diz pegando a mamadeira que está pronta na bancada, e segue com ela para sala.

— Goooo — ela grita levantando os bracinhos.

— Isso boneca linda do tio... goool — o Leandro fala jogando-a para cima, brincando com ela.

Meus amigos tratam minha filha como se fosse um pouquinho deles também, já que acompanharam cada passo do crescimento dela, quando era bebê.

Na época, quando minha mãe tinha compromissos e não podia ficar com ela, era sempre um deles que estivesse de folga que cuidava da minha garotinha para mim, já que eu não queria incomodar minha prima pedindo esse favor. Eles até brincam que se for como diz o dito popular, que pai é quem cria, não quem faz, a Aline é filha deles também. Ela tem até um uniforme do Bope, farda completa, com direito a boina e tudo, que ganhou do nosso oficial comandante, para sua festinha de um ano. Minha menina é caveira de corpo, alma e coração.

— Soube que os amigos turcos da Lauren estão para chegar da Turquia por esses dias — O Renan comenta colocando uns salgadinhos congelados que trouxeram na fritadeira.

Olho para ele torcendo o nariz, não fui muito com a cara dos dois da primeira vez que vieram, até porque ficaram enfiados no apartamento dela até voltarem para a Turquia.

— Só não entendo por que toda vez que aqueles dois vem para o Brasil, eles têm que se enfiar no apartamento da Lauren — falo puto, mais para mim do que para os outros — eles não são irmãos da esposa do Cezário? Pois que fiquem na casa dela.

— Calma colega — o Luiz debocha. — Essa é a segunda vez que eles vêm para cá desde que ela voltou — diz pensativo — pelo menos é o que me lembro.

— Esse ano parece que eles trarão uma irmã junto, e aí ficarão no apartamento do Cezário — o Renan comenta — pelo menos foi o que a Camille me disse. Mas não muda muito né? A Lauren e o Cezário são vizinhos de porta.

— Mas pelo menos não vão dormir lá na casa dela, porra. — Falo enciumado e puto com tudo, abrindo uma cerveja.

— Vamos detonar eles, alegamos estarem contrabandeando alguma merda, atiramos neles, e depois dizemos serem da *Al Qaeda*. — O Leandro fala rindo, me zoando enquanto entra na cozinha para pegar uma cerveja.

— Vai se foder! — respondo mostrando o dedo do meio para ele, mas olhando se minha gatinha não está ouvindo ou vendo. Ou senão, é a mãe dela que corta minhas bolas, por minha filha aprender algum palavrão comigo — quando eles chegam de fato?

— Acho que no domingo, não tenho certeza, a Camille só disse que antes do final do mês — o Renan responde raspando a panela de mingau de baunilha que eu havia feito para a mamadeira da Lili. — Isso tá bom, cara — fala passando o dedo no fundo da panela — é de quê? Eu fazia só de chocolate quando ela ficava lá em casa.

— Você não fazia nada — o Luiz rebate — a Camille, que namorava você na época, é quem fazia, para você e para o bebê pelo jeito.

Todos rimos enquanto ele continuava raspando o fundo da panela, mas mostra o dedo do meio para nosso amigo.

Lauren

CAPÍTULO 07



— Tem certeza de que este vestido está bonito? — a Ayla pergunta pela centésima vez se olhando no espelho de corpo inteiro que tem no closet do seu quarto com meu irmão.

Ela está tentando se acostumar a usar roupas fora de sua cultura, vestidos sem os véus, só não consegue dispensar o *hijab*, aquele lenço que as muçulmanas usam cobrindo a cabeça enrolado no pescoço. Então, agora ela tem um de cada cor e uns estampados, para combinar com seu novo visual.

— Não é a primeira vez que vamos em um churrasco de domingo na casa do meu pai, e todas às vezes você sempre pergunta isso — comento me jogando na sua cama — está linda, como sempre, não precisa dessa insegurança toda — digo com um sorriso — não é como se precisasse agradar alguém com sua aparência, e mesmo que fosse, meu irmão morre por você do jeitinho que você é.

— Seus tios são intimidadores, para não dizer assustadores, não sei se consigo me acostumar — ela fala sorrindo sem graça — me sinto um peixe fora d'água perto deles.

— Verdade, eles são um pouco demais em tudo, mas você se acostuma sim, depois que se tornam seus amigos, acabam virando vários gatinhos manhosos — brinco com os apelidos de felinos de cada um.

— O Rajesh e o Ravi chegam hoje à tarde, disseram que a Âmica está vindo com eles — torce o nariz — eles te falaram alguma coisa? Do porquê estão trazendo-a? — Pergunta desconfiada — não sei como a mãe dela permitiu, acho que aí tem coisa — me olha enquanto termina a maquiagem, que é fundamental para ela. Eu mal consigo usar um gloss. durante o dia, e acho lindo isso na minha cunhada — tia Odessa, mãe dela, é osso duro de se roer, por isso estou estranhando os dois trazerem ela junto para ficar dois meses aqui com eles.

— Não cheguei a conversar com a sua tia além do necessário —

comento fuçando a caixa de maquiagem dela — mas achei ela com cara de carrasca quando a conheci, ela é amarga, vive com expressão de quem chupou limão — digo lhe entregando um batom rosa-claro, cor de carne, como diriam — toma usa esse.

Não sou adepta a maquiagem, mas quando uso, gosto de caprichar na sombra e no delineador, para destacar o verde dos meus olhos. Não ligo para o resto, como blush, batom e outras coisas que nem sei para que servem.

— Prontas meninas? Ou logo meu pai liga para saber se morremos no caminho — meu irmão fala rindo, colocando só a cabeça na porta, e espiando dentro do quarto.

— Vamos. — Digo me levantando indo em direção a porta, seguida da Ayla.



Sol, piscina, música boa, amigos e família, é tudo que mais gosto e preso.

Estou sentada em uma dessas cadeiras de piscina conversando com a tia Mell, a tia Onça, e a tia Vera, quando vejo a Lili passar correndo de mãos dadas com o Isaac, meu irmão caçula, e óbvio, deduzo que o pai dela, o principal motivo das minhas noites de insônia e desassossego mental está aqui.

— Não corre perto da piscina Isaac, já te falei que não pode, é perigoso — a tia Nat chama atenção do filho vindo em nossa direção com o primo na sua cola.

E por deus, a secada que ele me dá, um olhar para lá de sugestivo, dos pés à cabeça, me deixa molinha. Sinto como se um fio desencapado tivesse tocado minha pele, e não somente seu olhar.

Ele está usando uma bermuda jeans, e uma regata azul-marinho com chinelos, e está sexy e quente como o inferno, amo ver o pouco que a camiseta deixa a mostra, suas tatuagens, seus músculos bem definidos, nada exagerado. Tento desviar o olhar, disfarçar que estou babando no homem a minha frente, mas é humanamente impossível, ele é lindo.

— Olá meninas — nos cumprimenta se aproximando com a tia

Renata. — Vim trazer a Lili, e a Nat me convenceu a ficar, e pelo jeito tomei a melhor decisão — comenta me olhando de lado.

— Bom, a conversa está boa, mas tenho que ir andando, os gêmeos marcaram algo para hoje e estou muito curiosa para saber o que é — a tia Vera se despede jogando beijos para todos e saindo.

— Assim vou achar que não gosta mais de mim e te espantei — o Gui comenta rindo.

— Não é nada de mais, nem é pessoal, só prefiro a surpresa dos meus amores do que ficar aqui vendo você babar na Lauren sem coragem de chegar nela — pisca saindo e rindo alto, seguindo em direção aos meus tios que estão conversando com meu pai e o tio Dan.

A tia Vera e meus tios se conheceram na mesma época que meu pai conheceu a tia Nat, elas são melhores amigas desde que minha tia se mudou para o Rio a muitos anos. E desde que se conheceram, que eles formam um trisal interessante, porque a princípio, a tia Onça disse jurar ser só sexo, mas a relação deles é um poliamor lindo, pois é nítido o quanto se amam e se respeitam entre si.

O clima não ficou nada pesado após essas palavras, que a debochada soltou e saiu rindo da nossa cara. Mas fomos salvos pela descontração da tia Onça.

— Descarado! — e eu achando que vinha para ver minha beleza de biquíni — brinca, seguindo o olhar dele, e dando uma risadinha safada, e uma piscadinha, quando para o olhar em mim.

— Não sabia que estaria de folga hoje — comento quebrando o clima que ficou devido à troca de olhares que rolou entre todos.

— Esse mês foi bem corrido, então consegui um milagre após dias trabalhando direto, cobrindo plantões, pegando o final de semana inteiro de folga até segunda, voltando só terça — ele responde sentando-se em uma cadeira ao lado da minha, aceitando a cerveja que a Mell lhe passa.

— Folga, até algum vacilão fazer merda e chamarem o Bope — a Mell reclama torcendo o nariz — lembro quando estava com o Leandro, e isso acontecia, atrapalhando nossos planos, era um saco.

Ela e o Leandro que é o Capitão da equipe alfa do BOPE e amigo do meu Gui, (sim meu, só meu, mesmo que ele não precise saber) namoraram por quase dois anos, mas se separaram alegando que seria melhor antes que se matassem.

— Acho até que o namoro de vocês durou — tia Onça comenta fazendo uma careta. Na verdade, ela se chama Rebeca, mas, bem como vários outros em nosso meio com apelidos de bichos, prefere ser chamada somente pelo *pseudo*, acredito que ela nem responde se for chamada de Rebeca. Assim como a mãe dela, a tia Cobra, nem que tentasse eu conseguiria chamá-la de tia Nesrin, o qual é seu nome de batismo, pois desde que me lembro é tia Cobra.

— Mas para chegarem a me chamar, seria somente se fosse algo grave, que necessite de todos, ou... se envolver alguém que seja importante para mim, como poderia ter acontecido aquele dia, caso eu não estivesse em serviço — diz me olhando — a equipe foi chamada para a ocorrência, e você estava lá, então obviamente eles me chamariam — o dedo duro insinua me olhando perverso.

— Entendi a insinuação, e a guerra de olhares, mas boiei no motivo — a tia Mell comenta apontando de mim para o Gui, depois para mim novamente — explique-se.

— Não é nada de mais tia — falo tentando mudar de assunto — ela arqueia as sobrancelhas me olhando, seguida da tia Onça e da tia Nat — você me paga — resmungo baixinho só para ele ouvir.

— Vou adorar cada minuto — o abusado fala tomando sua cerveja com um risinho insolente na cara.

— Lauren? — A tia Nat interroga com seu jeito doce, mas curioso e preocupado, que posso sentir.

— Eu fui em uma festa com uns amigos, mas era em uma comunidade, e por acaso o Tenente estava de serviço — digo da forma mais vaga que consigo, tentando mudar de assunto. Mas acabo dando um tiro no próprio pé, porque as palavras “festa em uma comunidade” e “o tenente estava de serviço” fizeram a tia Mell e a tia Onça até se sentarem eretas na cadeira, me olhando esperando o restante da história.

— Qual comunidade? Tia Onça pergunta olhando para o Gui.

— Não tem importância, tia — falo tentando desesperadamente mudar de assunto agora.

— Não foi nada, e quando chegamos, ela e os amigos já estavam saindo — ele responde salvando meu courinho, e me olhando com cara de... vou te cobrar depois...

— Você sabe que essas festas são perigosas, caralho — a tia Mell

rebate exasperada, se levantando — depois dessa, preciso de uma cerveja quase congelada para refrescar os ânimos e não matar você garota — ela diz apontando para mim, mas sorrindo de canto.

— Aproveita que já vai pegar para você, e traz mais três — peço sorrindo com olhinhos pidões — ela estreita o olhar para mim, bufa e sai buscar mais cerveja no freezer.

— Soube que seus amiguinhos chegam hoje da Turquia? — A Tia Nat pergunta referindo-se ao Ravi e ao Raj, e acho fofo como ela os chama, como se todos ainda fossemos crianças.

— Ah para Renata — tia Onça rebate rindo — amiguinhos? Aqueles dois pedaços de mal caminho?

Ouçó o Gui rosnar baixinho, em nítido desagrado com a observação da minha tia, e não entendo bem o porquê dessa reação, até ouvir seu comentário.

— E eles ficarão em um hotel, ou vão se enfiar no seu apartamento? — Pergunta diretamente para mim, fazendo uma careta até que fofa. E posso sentir o cheiro do ciúme em cada palavra que sai de sua boca deliciosa, da qual imagino em todos os lugares do meu corpo.

— Eles ficarão oficialmente no apartamento do Cezário com a Ayla, mas não me importo nem um pouco deles ficarem no meu, tenho quatro quartos para isso — provoco sua ira.

— E por falar nos meus irmãos, o Cezário disse que a hora que quiser, nós podemos ir para o aeroporto Lauren — a Ayla diz se aproximando com as bochechas um tanto rosadas demais — ele falou que assim evitamos o trânsito.

— Nisso concordo com ele — a Onça comenta — não importa que seja domingo, o trânsito em horário de pico é um verdadeiro caos.

Me levanto, sentindo os olhos gulosos do tenente em mim, em cada pedacinho do meu corpo, e isso me inflama de uma forma que não consigo explicar muito bem.

Estou usando um biquíni bem-comportado (não do tipo enterrado na bunda, e com rede controlável na parte de cima), que deixo bem aberto por meu seio ser de tamanho mediano, não pequeno. A parte de baixo é uma tanga bem atraente, que deixa um pouco à mostra e desperta o desejo de ver mais, o que acredito ser mais provocante do que um negócio que não deixa nada a imaginação.

Também estou usando uma saída de praia que parece uma camisa gigante sem botões, o que mostra e não mostra as tatuagens que tenho nas costas.

— Então vamos indo — falo, dando um braço para Ayla. Estou com muitas saudades dos meus meninos e quero encher aqueles dois de beijos — falo de propósito, para incomodar o Gui, só para ver a sua cara. E, apesar de fingir indiferença, consigo ver os olhos dele brilhando de ódio. Isso me deixa satisfeita, pois percebo que não é nada além de ciúme puro.

Sei que foi infantil, mas só de vê-lo olhar para o lado, com chispas de ódio saindo dos olhos, vale o papel ridículo que acabei de fazer.

Lauren

CAPÍTULO 08



Chegamos no aeroporto do Galeão já faz quase uma hora, o voo dos meninos atrasou, e isso nos fez esperar um pouco além do previsto, mas agora que chegaram, estou mais que ansiosa para rever meus dois irmãozão de coração, já que o meu de sangue, está do meu lado, fazendo uma careta de desagrado a cada vez que olho em direção do corredor de desembarque.

Ciumento que só.

A toda hora estico o pescoço para ver melhor, não sou muito alta, na verdade, meus 1,65 m não me permitem ver muita coisa, e não estou com meus tradicionais saltos altos, e sim de chinelas rasteiras, mas como ansiedade é pouco para descrever o que sinto, me estico o máximo que consigo para enxergar melhor entre as pessoas que também aguardam seus entes queridos.

Estou morta de saudades dos meus meninos. Eles vieram ano passado também, mas puta merda, já faz um ano inteiro sem eles, me contentando com nossas conversas em chamadas de vídeo. Para quem antigamente não se desgrudava o dia todo, isso é tortura.

— Se esticar mais o pescoço vou falar para o pai trocar seu apelido de águia para girafa — o Cezário brinca rindo com meu desassossego.

Mostro a língua de forma fofa, mas abraçando sua cintura em seguida.

Te amo, seu ciumento bobo — digo deixando um beijo em sua bochecha.

— Eu quem deveria ficar enciumada, já que tanto o Ravi quanto o Raj, são mais apegados a você que a mim, que sou irmã de sangue. — A Ayla fala segurando minha mão e se esticando também, para ver se eles estão vindo.

— Somos, afinal, todos irmãos, unidos pelo sangue e pelo

coração — respondo, ao abraçar a minha cunhada e meu ciumento predileto.

Amo meu irmão. Ele é a segunda figura masculina mais importante na minha vida, depois do nosso pai. Mas sou apaixonada pelos meus amigos. Eles são os irmãos que escolhi e que me aceitaram. E estar longe deles assim quase me mata de saudade. Por mim eles se mudavam para cá de vez, já que dizem gostar tanto do Brasil.

— Olha eles ali — a Ayla aponta o corredor de desembarque, e mal os vejo, já corro em direção de ambos.

Ravi vem na frente, puxando uma mala de mão, e eu o recebo primeiro. Logo atrás dele, está Âmica, e, por último, Raj, que ainda está na fila para sair do corredor de desembarque. No entanto, ao pular no colo do Ravi, que ri, e começa a me girar em volta dele, como uma criança, provoco um engarrafamento.

— Ahh! Senti tanta saudade — digo apertando seu pescoço, e cafungando seu perfume que amo. — Raj meu amor — chamo descendo do colo de um para pular no de outro, que nos olha sorrindo, já abrindo os braços para me receber também.

— Achei que só o Ravi ganharia essa recepção toda — fala comigo agarrada nele feito um macaco-aranha, me apertando num abraço apertado e caminhando para perto do meu irmão e da irmã deles, comigo ainda no colo.

— Sabe que os amo igualmente — digo enchendo seu rosto de beijos. — Adorei, vai arrasar muitos corações desprevenidos — comento alisando sua barba feita em formato de cavanhaque.

— Ah... não vai dar tempo — responde me colocando no chão — pretendo tirar assim que tiver acesso a um barbeador — ri aberto — deixei só para ver como ficava, e agora me sinto um gigolô de quinta.

— Fica lindo de qualquer jeito...

— Já chega! — Ravi interrompe fingindo um bico lindo — ta parecendo prostituto isso sim — ri debochado.

Após me esbaldar dos dois, acarinhando seus rostos, examinando se estava tudo do mesmo jeitinho que mandei para Turquia ano passado, me viro toda, sorrisos e puxo a Âmica para um abraço apertado também, de boas-vindas.

— Bem-vinda querida — cumprimento — desculpa, é que me

empolguei tanto devido à saudade que estava desses dois que acabei me esquecendo dos bons modos.

— Eu entendo — ela diz com um sotaque muito forte.

— Vamos? — Meu irmão interrompe o show de agarramento que estávamos protagonizando. — Acho bom parar com essa putaria — reclama enciumado.

— Ah! Meu Sagui ciumento — digo agarrando o pescoço dele também.

Seguido da risada de todos.

— Sou mesmo! Rumpf! — Bufa.

Ele sempre teve ciúme do Ravi e do Raj, desde quando ainda estávamos na Turquia. Ele costumava mandar eles cuidarem das próprias irmãs, como se já não tivessem o suficiente, para usurpar a dele. Mas sempre se deram muito bem, o que me deixava muito contente, pois amo meu irmão mais velho, mas o Raj e o Ravi são como meus irmãos também, de coração, mas muito queridos.

— O que os atrasou? Era para terem vindo semana passada — a Ayla pergunta olhando deles para Âmica com uma interrogação enorme da testa.

Ela está muito desconfiada, eu também, na verdade, a Âmica é a caçula entre os irmãos, e até onde me lembro, não era tão ligada ao Ravi nem ao Raj, ao ponto de trazerem ela junto.

— Se a pergunta for sobre o voo de hoje... não faço ideia — Raj comenta — mas se for por não termos vindo quando combinamos antes, não foi nada de mais, só negócios.

— Vamos? Vocês devem estar cansados — digo abraçando a cintura de cada um para sairmos dali — em casa, depois de um bom banho e umas horinhas de descanso, podemos conversar sobre esses imprevistos.

— Prefiro só o banho e o descanso, deixa a parte chata para lá — o Ravi comenta brincando enquanto saímos e seguimos em direção ao carro



— Não precisavam ter se incomodado — falo com os olhos brilhando de ansiedade quando vejo o embrulho de uma caixinha de manjar turco, da doceria que eu amava quando ainda morava na Turquia.

— Como se aqui no Brasil não tivesse bala de goma — meu irmão resmunga baixo, tomando seu whisky e levando um beliscão de leve da Ayla — aí, que foi? Não falei nada demais.

Então aproveito que a Âmica ainda está descansando, já que, por não estar acostumada a viajar para lugares longe assim, a pobrezinha apagou depois que chegamos. E pergunto o que aconteceu para trazerem a garota com eles.

— O senhor Samir aconteceu — o Raj responde com uma careta de desgosto. Ele não tem a menor ideia do que aquele nome me causa. Além de um nojo profundo, sinto uma raiva assassina que cega minha visão.

— O que esse... o que o senhor Samir tem a ver com a história? — pergunto, quase dando um fora perdendo a cor no rosto de puro ódio, me lembrando do dia que ele "quase" me estuprou, me tirando a paz com os pesadelos recorrentes que tenho daquele maldito momento, pois até hoje eu chego a passar mal, só com as lembranças.

Ravi observa o corredor que leva aos quartos, para ter a certeza de que ela não ouvirá a conversa, e comenta:

— Vocês sabem que é o tutor legal delas quem decide e se ocupa das negociações de casamento, apesar de sermos responsáveis pelas nossas irmãs e suas mães.

— Diz que o tio Cemil não deu a mão da pequena Âmica para aquele velho nojento? — minha cunhada pergunta com expressão de asco. — Por Alá, ela acabou de fazer dezoito anos, e aquele homem já deve ter uns sessenta.

— Deu. — Raj responde — mas nem em outra encarnação permitiríamos que esse absurdo acontecesse — torce o nariz em desgosto — por isso a trouxemos conosco para o Brasil com a desculpa de presente de aniversário.

— Mas terão que voltar, e depois? — Pergunto preocupada. — Vão levá-la e dá-la aquele porco?

Eles me olham desconfiados com o asco na minha voz, me conhecem bem, assim como o Cezário que também me olha interrogativo, devido a minha reação.

— Acredito que dois meses seja tempo suficiente para convenceremos o senhor Cemil a desfazer esse contrato descabido de casamento. — Ravi comenta rangendo o maxilar.

— Mas eles já firmaram o contrato? — o Cezário pergunta.

Rajesh também se levanta, servindo-se de uma dose de whisky, e responde:

— Ainda não, pelo menos não que eu saiba. Mas acredito que não demorará para assinarem, o infeliz do Samir é uma pessoa politicamente muito influente e importante, sem contar que é considerado um homem honrado e respeitável, devido ao título de Emir que carrega — fala passando um copo de whisky para o irmão, e outro para o Cezário — não será nada fácil dissuadi-lo dessa merda, no nosso país e na nossa cultura não existe isso de diferença de idade tem meninas que se casam com dez anos.

Infelizmente ele estava certo, as leis na Turquia são extremamente atrasadas em relação ao sexo feminino, sendo aquele bastardo quem era, uma garota como a Âmica, de dezoito anos apenas, não tinha chances nem de abrir a boca para expor o que queria, já que nas leis muçulmanas, mulher não tem voz para nada.

Foi por isso que, quando ele me agarrou e tocou-me à força, embora eu tivesse conseguido fugir antes que acontecesse o pior, nunca contei para ninguém, nem mesmo para meu irmão, que sempre foi meu confidente. Pois sabia que ele mataria o homem, e seria condenado a morte no país por assassinar um *Emir*.

— Vocês ficarão aqui, ou no meu apartamento? — Pergunto mudando de assunto, pois esse me deixou extremamente irritada.

— Um pouco em cada — Ravi me responde com uma piscada — quando eu enjoar de olhar para cara feia do seu irmão, pego meu travesseiro e bato na sua porta.

— Lembra que sexta começa nosso torneio online de GTA com os hackers do meu pai né? — pergunto arqueando as sobrancelhas — a Camille disse que o Hemerson conseguiu uma versão beta do 6, e

marquei com ela que jogaríamos final de semana.

— Sabe que só fazemos isso por você né? Porque não temos chances de ganhar daqueles três — fala fazendo uma careta fofa — Qual o prêmio dessa vez? — O Raj pergunta entornando a bebida do seu copo.

— Quinze mil de cada equipe perdedora — respondo empolgada, pois sou muito competitiva, e não estou interessada em perder para ninguém — como são três membros cada equipe, dá cinco mil para cada um pagar.

— Por que mesmo vamos participar desse torneio de game? — o Ravi pergunta rindo.

— Porque, da última vez, tomamos uma surra da Camille, do Hemerson e do Luan, e, dessa vez, eu treinei com meu irmão — respondo olhando com carinho para o Cezário, e comendo meus docinhos turcos.

— Vai ser online ou vão se encontrar em algum lugar e jogar em duplas? — o Cezário quem pergunta, pois na época que ele participava, jogávamos em duplas revezando o final de semana, cada dia na casa de alguém.

— Era para ser online, mas aí marcamos um dia no apartamento da Camille, e um dia no meu, assim passamos sexta e sábado concentrados em ganhar cinco mil de cada um — digo explicando como vai funcionar o nosso campeonato de games.

— No seu apartamento hein? — o Ravi pergunta insinuativo, balançando as sobrancelhas — a Camille continua gostosa?

— Idiota! — Jogo uma almofada nele, e todos caímos na risada, continuando conversando sobre assuntos aleatórios.

Depois que sai do apartamento do Cezário, já um pouco tarde, fui para o meu, muito disposta a tomar um banho e apagar.



Não faço ideia do porquê estou aqui; olho ao redor me sentindo deslocado, sei que seria bem melhor se estivesse no meu sofá, vendo um longa de ação qualquer, e bebendo uma cerveja. Não vou em baladas há tempos, na verdade, percebi que nos últimos meses, minha vida é só trabalho e casa, sem sexo e distrações, tudo devido à correria do dia a dia e de pensar só em uma pessoa.

A música está muito alta, as pessoas bêbadas demais e tudo está me irritando.

E não sei o que me deixa mais incomodado, estar me forçando a ficar aqui, ou não parar de pensar naquela passarinha rancorosa.

Caralho, eu sei que errei no passado, mas quem não erra? Posso ver nos olhos dela que ainda me quer, mas é teimosa feito uma mula para admitir, e eu orgulhoso demais para entrar no assunto com ela.

— Vai ficar aí com essa cara de bunda a noite toda? — O Leandro pergunta encostando no balcão ao meu lado, e pedindo outra cerveja. — Tá cheio de mulher gostosa aqui, não entendo por que você ainda está sozinho.

— Talvez por que eu não esteja interessado em nenhuma? — Pergunto sarcástico.

— Cara, você tem que tirar a Lauren da cabeça, ou chegar nela de uma vez por todas. Mas assim não vai dar para ficar não.

Olho para meu amigo, checando o quanto ele bebeu, e balanço a cabeça em negação.

— Você está bêbado idiota, não sabe o que está falando.

— Não tanto o quanto eu queria ficar hoje — diz com uma careta — acho que devido ao trabalho, é meio que automático não nos permitirmos ficar bêbados o suficiente — fala com um suspiro — afinal... podemos receber um chamado urgente, e de última hora. Mas você está de folga até amanhã que bem me lembro, pegou sábado,

domingo e segunda — meu amigo comenta com uma risadinha sugestiva.

— Encher a cara só vai me dar uma baita ressaca amanhã, tenho uma maneira diferente de curtidão — digo olhando em volta, e noto como o lugar está ficando cheio rápido.

— Então... aproveita de outra forma. Olha quanta mulher gostosa para aquecer sua cama hoje — o Leandro insiste. — E meu caro, você está precisando de uma foda bem dada, só assim para passar essa rabugice.

— Já disse que não tô afim — respondo virando minha cerveja e pedindo outra para o, barmen.

— Lembra que hoje ela foi buscar os “amigos” que chegaram da Turquia? Como você pode saber que não são aqueles tipos de amigos com benefícios? — Ele pergunta me provocando.

E o pior que acerta em cheio, minha mente dá uma volta de 180.º, imaginando o que ela pode estar fazendo agora, enquanto estou aqui, parecendo um padre em um bar, e tudo porque minha cabeça está em outro lugar. Esse fato que constato, está me incomodando mais do que deveria, porque imaginar que minha passarinha possa estar com aqueles dois enfiados no apartamento dela, me dá vontade de quebrar cada osso do corpo de cada um deles.

Viro minha cerveja e peço uma tequila, vou esquecer essa merda, e me divertir, afinal... o Leandro tem razão. Eu preciso, ou esquecer, ou chegar nela, e como não sei se tenho coragem para a segunda opção, decido beber, aproveitar minha folga e a noite.



Depois da segunda tequila peço uma cerveja e resolvo ir dançar, meus amigos estão todos com companhia, mulheres que conheceram ali mesmo, porém todos acompanhados, e não vejo por que não saborear uma bela noite regrada a sexo e bebida, amanhã será outro dia.

E decidido que é de uma boa foda que preciso, saio na pista de dança a caça.

Algumas mulheres bonitas e sensuais, dignas de rainhas de

bateria, se aproximam de mim sem esforço, fingindo dançar, e me deixo levar, tentando me entrosar com a música e achar uma que me interesse. Até uma morena linda chegar em mim, toda insinuante, esfregando a bunda no meu pau, sem pudor algum.

Com um sorriso safado, coloco as mãos em sua cintura, aproximando mais seu corpo do meu, me esfregando nela como ela fazia antes, fazendo com que sinta, através do quão duro estou, o que quero dela.

Ficamos uns minutos na pista, está tudo escuro, restando só os jogos de luzes que piscam conforme a batida da música, então a pego pela mão, arrastando-a para um canto mais sossegado, e ainda mais escuro, vejo que ela está tão excitada quanto eu, então, mesmo sem mal ver onde piso, tanto pela escuridão do lugar, como pela tequila, eu a puxo pela cintura colando seu corpo na parede, prendendo-o com o meu, e começo beijando seu pescoço, descendo as mãos para seus peitos, amassando-os com vontade.

Quero uma prova do que me espera antes de sairmos, ela não parece ser do tipo inocente e acanhada, sabe bem que dali será motel e adeus. Só preciso tirar minha passarinha da mente, do meu sistema, já que não vejo como chegar nela, como meu amigo propôs.

Continuamos nos beijando como se fossemos abduzir um ao outro, ela está com gosto de cigarro na boca, o que não me agrada nem um pouco, mas não sou hipócrita, o que eu esperava em um lugar assim? E no fim das contas só quero uma trepada, mais nada.

Desço meus beijos pelo seu pescoço, porque sério, odeio cigarro, e não vou me dar essa desculpa para sair daqui e deixá-la sozinha, mas o foda foi que quando eu puxei sua blusa, livrando um de seus seios, pronto para encher a boca neles, eu decidi abrir os olhos e “ver”

E puta merda, não dá, não é ela... quando abri os olhos, não era aquele par de jades que me encaravam com desejo, não era aquela boca carnuda, com a língua maldosa que me pedia um beijo, ou aquele narizinho arrebitado, empinado, me desafiando a parar.

— Desculpe, querida, não dá — falo subindo sua blusa e saindo de perto da garota, que me olha ofendida, sem entender nada. Já que alguns segundos atrás, nós quase trepamos no meio da pista de dança.

— O que foi? É o lugar? Vamos para outro — ela propõe.

— Não dá... foi mal — falo fazendo uma careta e saio dali sem nem me despedir de ninguém, não sei para onde foi parar meu senso

de responsabilidade, mas pego minha moto, mesmo um pouco embriagado, e dirijo até o apartamento daquela bandida.

Ela me roubou... e me quero de volta.



Paro a moto em frente ao seu prédio, tentando manter a compostura, afinal sou a porra do Tenente Dias, da equipe Alfa do BOPE, tenho que me dar ao respeito. Mesmo que o que eu esteja prestes a fazer não seja nada honroso.

Mas essa menina vai ter que me ouvir, me sinto corajoso, sei que devido ao álcool que ingeri, mas tenho que falar com minha passarinha, bebi, sim, mas não tanto, não o suficiente para não saber o que estou prestes a fazer.

Bato na porta, aperto a campainha, tudo ao mesmo tempo, até que minha deusa abre a porta, sonolenta, com cara de quem acabou de acordar.

— Guilherme? O quê?...

— Precisamos conversar — falo antes que ela bata a porta na minha cara — sei que está tarde, mas...

— Não pode ser amanhã? — pergunta com uma careta fofa — realmente está tarde, e me levanto cedo para trabalhar.

— Não. Tem que ser agora — digo juntando toda coragem que um homem apaixonado e desesperado consegue juntar.

Ela estreita os olhos, um pouco aérea, acho que porque estava dormindo e não esperava essa minha atitude, então fala:

— Tá legal, entra — abre espaço para eu passar.

Entro em seu apartamento tão rápido, por medo que ela desista de conversar e me chute para fora, que quase caio, tropeçando em meus próprios pés, então decido me sentar, mesmo sem ela ter oferecido, não confio em minhas pernas para me manter de pé.

Nunca me senti assim, nos meus trinta e dois anos eu “nunca me senti assim” com a boca seca como se tivesse lambido areia, com as

pernas tremendo e esse frio maldito na boca do estômago. Cheio de coisas que quero dizer sem fazer ideia de pôr onde começar.

— Você bebeu!? — Pergunta, mas afirmando, na verdade, com as sobrancelhas arqueadas — e não foi pouco pelo visto — diz pegando o telefone para ligar sei lá para quem.

— Bebi, mas não muito, só umas cervejas, mas o suficiente para me deixar corajoso, tinha todo um discurso pronto na mente para te falar, mas não sou bom com palavras — digo me atropelando, segurando suas mãos, impedindo que conclua a ligação.

— Guilherme eu...

Não a deixo terminar de falar, saio falando sem pausa antes que perca a coragem de novo:

— Eu sei que fui um idiota estúpido no passado, mas poxa vida, Lauren você só tinha quinze anos — divago agoniado — fui infeliz na forma que agi, as coisas que te disse... nunca fui um príncipe, passarinha — coloco uma mecha de seu cabelo atrás da orelha — como disse, não sou bom com palavras.

— Gui... — ela começa a falar e eu a interrompo novamente, colocando o indicador em seus lábios, sentindo a macies na ponta do meu dedo. Imaginando que gosto tem, e puta merda, qual seria a sensação de tê-los em volta do meu pau.

Me sinto um puta cretino por pensar nisso agora, mas preciso terminar de falar tudo que vim dizer.

— Quando você voltou da Turquia, mais velha, linda, um mulherão — sorrio — eu não estava preparado para essa Lauren — gesticulo com as mãos, mostrando-a inteira — senti como se tivesse levado um soco e acordado. Eu te quis naquele momento, e não como amiga, eu te quis na minha cama, e o fato de você me afastar, me repudiar como fez, me deixou puto, mas entendi seus motivos.

— Você está mentindo, — treme um pouco para falar — posso sentir o cheiro de perfume barato em você, você está fedendo como se tivesse se esfregado em alguma vagabunda.

— Eu até tentei ficar com outra pessoa, provar para mim mesmo que você não domina cada canto da minha mente — suspiro — mas não dá, eu não consigo, eu penso em você o dia todo, vinte e quatro horas por dia, eu desejo você, sentir seu gosto, sentir o que é tê-la em meus braços — falo me aproximando — só existe você para mim, é só

pensando em você que meu pau sobe, só pensando em você que consigo gozar quando me masturbo, porque literalmente não consigo ficar com mais ninguém — sua respiração trava com minha aproximação — sabe por quê? Porque elas não são você. Eu sonho com o dia que te terei gritando meu nome, que poderei te chamar de “minha” finalmente minha.

Quando vou beijá-la, ela me empurra e se afasta dizendo:

— Você está bêbado, não sabe o que está dizendo — fala ainda tentando buscar o número de alguém no celular, mas a impeço tirando o aparelho da sua mão — se você sentisse um terço disso tudo que disse sentir, não estaria fedendo com o cheiro de outra — respira fundo — olha... toma um banho, tenta tirar essa merda desse cheiro de biscate de você, vou fazer um café, depois podemos conversar.

Fico olhando para ela, tentando decifrar os seus sentimentos, mas a tequila que bebi está me deixando um tanto tonto agora que a adrenalina passou. Ainda assim, o único raciocínio que meu cérebro, sem vergonha, consegue fazer enquanto encaro minha passarinha, é que ela está de shortinho e uma blusa de alcinhas finas de dormir. O tecido é tão fino, que ao olhar para seus seios apontando para mim, vejo os seus bicos rígidos, e a minha boca se enche de água. Posso ver o contorno arredondado, cheio, nem grande demais, nem pequeno, do tamanho certo para encher minhas mãos. A barriga lisa, cintura fina, vejo a ponta de uma tatuagem vindo das suas costas, e fico curioso para ver o desenho, sei que nos ombros ela tem um corvo e uma águia, um de cada lado, mas a das costas não faço ideia do que seja, e quero ver, de preferência com ela deitada de bruços, nua, com esse traseiro redondo, feito para eu dar um tapa, deixando minha marca, empinado para mim enquanto a fodo por trás.

Balanço a cabeça dispersando o rumo que meus pensamentos estavam tomando.

— Vai tomar o banho, estarei na cozinha — ela fala categórica.

— Tudo bem — falo me virando para direção que ela apontou, indicando onde fica o banheiro, colocando a carteira e o coldre com minha arma em cima da mesinha de centro, fazendo as chaves da moto caírem no chão.

— Isso são as chaves da sua moto ou carro? — pergunta me fuzilando com o olhar, e um pouco disfarçando a tensão que se formou entre nós. — Me fala que você não dirigiu nesse estado de embriagues Gui.

— Eu precisava te ver, sentir seu cheiro, e não estou embriagado — falo contrariado — não nego que bebi, mas não assim.

— Você não está pensando direito, só pode — diz pegando minha mão e me levando para um quarto — vai tomar um banho frio enquanto faço um café forte para você, depois vou ligar para um dos rapazes vir te buscar, ou pode dormir aqui, e amanhã conversamos. — diz fingindo estar brava, batendo a porta enquanto sai, me deixando parado admirando sua beleza.

Lauren

CAPÍTULO 10



— Puta merda! — Falo me apoiando na bancada da pia da cozinha, respirando pesado com o furacão de emoções que estou sentindo agora.

Uma coisa era imaginar meu tenente no meu apartamento, todinho meu, a minha mercê, outra bem diferente era ter consciência que ele estava ali, no banheiro do meu quarto de hóspedes, e que não era uma ilusão realista, era muito real.

Controlar minha vontade louca de me esbaldar desse homem, de beijar, morder, e fazer amor com ele a noite toda seria complicado, eu não esperava essa atitude dele, aparecer aqui no meio da noite assim... tão apaixonado, tão aberto... juro que me desestabilizou.

Parte de mim quer acreditar desesperadamente em tudo que ele falou, mas outra me diz que não posso confiar no que vem de uma pessoa alcoolizada.

Respiro fundo, vou até o outro quarto de hóspedes, onde guardei umas coisas dos meus tios de quando resolveram se instalar aqui por uma semana inteira, com desculpa de que meu apartamento era mais próximo a um trabalho que estavam fazendo.

O tio Dan e o tio Rafa ficaram uma semana inteira aqui, me vigiando logo que me mudei, tenho certeza de que a mando do meu pai, mas... sou uma santa quando quero ser, e eles não viram nada de mais, além de uma garota que vive para estudar e trabalhar. E quando partiram, deixaram várias coisas deles para trás, como roupas, por exemplo.

Então decido pegar uma bermuda das que deixaram, toalhas limpas e caminho em direção ao outro quarto onde minha perdição se encontra.

— Guilherme — chamo meio que avisando que estou entrando — trouxe a toalha e uma bermuda que o tio Dan deixou aqui outro dia, acho que serve em você, pode usar para não ter que vestir as mesmas roupas que estava — digo colocando a toalha e a bermuda em

cima da cama, e saio quase correndo dali, antes que perca o juízo e invada aquele banheiro.



Estou terminando de coar o café que coloquei para fazer, meus pensamentos estão dispersos, minha cabeça está a mil com todas as palavras que o Gui me disse, mal ouço quando ele entra na cozinha sem camisa, exibindo aquela parede de músculos e tatuagens, me fazendo babar discretamente em seu peitoral, com os pelos rentes e bem cortados, bronzeado, com seu tanquinho cheio de gominhos que estou louca para passar a língua, fora aquela cavidade que desce pelo cós da bermuda que leva qualquer mulher desprevenida (*como eu*) a insanidade.

Como vejo tudo isso sem me virar para ele? É que além de minha cozinha ser toda em aço inox, meus armários são espelhados, então tento olhar discretamente através dos espelhos, e, porque já decorei o pouco que vi algumas vezes em churrascos que fomos.

Quando termino de coar o café, coloco uma caneca em sua frente na bancada, e após uns minutos em silêncio ele fala:

— Me desculpa por aparecer assim — suspira — e não estou falando bobagens por beber demais, eu... realmente gosto de você — diz se aproximando, me deixando muda e travada no mesmo lugar, sem conseguir mover nem um músculo. — É que... no passado, eu não podia aceitar o seu amor — passa os dedos em meus lábios — mas agora eu posso.

— E o que te faz acreditar que ainda sou apaixonada por você? — pergunto olhando sua boca que está a centímetros da minha.

— Você é apaixonada por mim, sei disso, posso sentir.

Meu Deus, eu tenho que focar em algo que não no tamanho desejo que estou sentindo para não cometer nenhuma loucura.

— Você é muito convencido — falo revirando os olhos,

Ele segura meu rosto com as duas mãos, se aproximando ainda mais, invadindo meu espaço pessoal. E eu só consigo ficar parada olhando seus olhos, com o peito subindo e descendo devido à respiração ofegante.

— Me afaste se não quiser, porque por Deus, Lauren, não aguento mais de vontade de beijar sua boca.

Não consigo, e nem quero me afastar, engulo em seco, olhando seus lábios quando eles tocam de leve os meus, primeiro sentindo, saboreando. Meu coração galopa meu peito, juro que ele pode ouvir se quiser, sinto sua língua invadindo minha boca, exigindo minha rendição, explorando cada canto.

Ele me abraça pela cintura com um braço, e com o outro, me prende a sua mercê, me segurando pela nuca, com os dedos embrenhados em meus cabelos.

Meu sonho desde menina, meu primeiro e único amor, e o amor da minha vida, sinto um aperto no peito, e me sinto quebrar em mil pedaços em seus braços, me sinto exposta, com a alma despida. Gemo em sua boca empurrando-o para parar o beijo, com um nó na garganta e a voz embargada, então só consigo sussurrar:

— Se amanhã você ainda desejar me beijar, nós conversamos, Guilherme — coloco as duas mãos em seu peito para mantê-lo afastado. — No momento sua embriaguez me deixa confusa — respiro fundo — Não quero ter meu coração pisado de novo. Também não pretendo ser um mero objeto.

— Você nunca seria um mero nada — fala prendendo meu rosto com as duas mãos novamente, com uma intensidade no olhar que me desequilibra ainda mais, tencionando me beijar.

— Para Gui... amanhã... hoje eu não consigo — digo me esforçando ao máximo, lutando contra meus próprios sentimentos e instintos — Não quero uma mera transa com você, não com você — falo baixo, tão baixo que mal me escuto. — Só uma transa consigo a hora que quiser.

— Lauren...

— Shhh! Não fala nada — peço dando um selinho demorado e casto em seus lábios, saindo da cozinha — Boa noite Gui, pode dormir no quarto que usou para tomar seu banho, tem lençóis limpos na cômoda, amanhã conversamos.

Quase corro para meu quarto quando saio de seu campo de visão, um choro convulsivo domina meu corpo, cubro a boca com o antebraço, abafando o soluço. Quando entro no meu quarto, desmonto sentada no chão, encostada na porta fechada.

Estou um caos, por Deus, como amo esse homem, achei que era paixonite adolescente, que hoje em dia havia restado somente a curiosidade, por algo que quis e não tive. Mas cada célula do meu corpo gritou quando ele tocou seus lábios nos meus, meu cérebro, pernas e coração viraram gelatina.

Sempre sonhei com esse momento, com esse beijo, sempre imaginei como seria, e agora que tive uma prova do gosto do meu amor, eu quero mais, sempre vou querer mais. Mas tenho medo de amanhã ele se arrepender.

Não quero, não posso, e não vou pensar nisso.

Vou dormir que ganho mais, tenho de acordar cedo amanhã para trabalhar. Então me levanto, vou até o banheiro, lavar o rosto e rosto para cama. Mesmo sem um pinga de sono, com a mente e o coração agitados por saber que o Guilherme “meu Gui” está no quarto ao lado.

Amanhã.

Isso... amanhã será outro dia e veremos como tudo vai ficar.



Acordo com uma baita dor de cabeça, não bebi tanto assim para essa ressaca dos infernos, culpa daquela tequila vagabunda, por isso que nem de beber destilados eu gosto, fico sempre na minha cerveja, bem suave.

Olho em volta e sorrio, lembrando da minha audácia, mas que acredito deu um empurrão na minha história com minha passarinha. Lembro do que ela me disse ontem, ou melhor... hoje de madrugada.

"Amanhã". Foram suas palavras.

Levanto e me troco, como tomei banho de madrugada, não faz muito tempo, só jogo uma água no rosto, e uso um enxaguante bucal que encontrei no armário da pia, já que não tenho escova de dentes aqui. Na hora minha mente ciumenta tentou me pregar peças logo cedo, imaginando de quem seria aqueles itens de higiene no armário de hóspedes, mas disperso os pensamentos rápido, não vou pensar nisso e me aborrecer logo pela manhã.

Quando saio do quarto, dou uma boa olhada em volta, nunca vim aqui antes, e me encanto em como requintada e caprichosa ela é. Tudo exala riqueza neste lugar, é muito moderno, vejo que minha passarinha gosta bastante de tecnologia também, mas tem uma mania que deve ter adquirido na Turquia, ou sempre teve, não sei dizer.

Em todos os lugares têm tapetes, cortinas e muitas, mas muitas almofadas, tudo bem colorido, em cores quentes, bem aconchegante.

Chegando na sala, pego minhas coisas que havia deixando na mesinha de centro, e vejo um bilhete ao lado do meu coldre.

*Bom dia, tenente, deixa a chave
com a Ayla no apartamento em
frente, quando sair, e tem café na
cafeteira, "se não esfriou"*
Bjs Lauren

Sorrio com o bilhete guardando-o na carteira como se fosse o mapa do tesouro, vou até a cozinha, pego o café ainda sorrindo feito bobo por ela ter se incomodado de deixar pronto para mim, mas realmente está frio, então jogo o conteúdo da caneca na pia e lavo, deixando de bruços no corredor. Ela não precisa saber que não tomei.

Quando saio trancando a porta, nem preciso bater no apartamento do seu irmão, coincide que a Ayla, e uma menina que não dou mais que uns quinze anos, estão saindo bem na hora.

— Bom dia tenente — Ayla cumprimente com o olhar brilhando de pura curiosidade.

Não precisa ser um gênio para saber que ela deve estar se perguntando o que estou fazendo saindo da casa da Lauren essa hora.

— Bom dia. — Respondo sem graça — a Lauren pediu para deixar a chave com você, eu ia mesmo bater na sua porta — digo sorrindo para as duas — ainda bem que deu tempo de entregar antes de vocês saírem.

— Tudo bem. — Diz pegando a chave e colocando na bolsa — mesmo que eu não estivesse, o Cezário trabalha em casa, e meus irmãos também estão, eles poderiam receber — sorri animada.

Enquanto, que, com a menção de seus irmãos, eu perco o sorriso na mesma hora, esqueci que esses dois chegaram ontem de férias no Brasil, e tão perto da minha garota. Sei que são somente amigos, mas me incomoda *pra caralho* saber que eles são tão próximos assim.

— Bom, tenho que ir. Tenham um bom dia, meninas — falo saindo em direção ao elevador, enquanto elas retornam para o apartamento. Certeza que para contar para todos que eu estava ali, e que pelo horário, fatalmente dormi no apartamento da Lauren.

E uma parte minha até aprecia isso, assim aqueles dois vão saber

que a partir de agora me verão muito por aqui.



Meu celular toca assim que me aproximo da minha moto que deixei estacionada em frente ao prédio, olho no visor e estranho o Leandro estar me ligando a essa hora, atendo curioso, já que ainda não são nem nove horas, e ainda é minha folga pelo que me lembro.

— *O que aconteceu?* — Pergunto logo de cara, sem nem dar bom dia.

— *Achei que passar a noite com sua garota ia te deixar de bom humor caralho — o idiota fala rindo — passamos em frente ao prédio dela ontem e vimos sua harley estacionada em frente.*

— *Não sei do que você está falando — respondo fingindo demência e subindo na moto.*

— Bom dia chefia — um morador de rua me cumprimenta se aproximando com meu capacete na mão — ontem o senhor o esqueceu pendurado no guidão, e como não voltou mais, eu guardei pra ninguém roubar.

— *Espera um pouco Capitão — falo baixando o celular.*

Olho para o sujeito, até um pouco envergonhado por ter me esquecido literalmente do capacete ontem.

— Cuidei da moto também, aqui é um bairro nobre, mas é Rio de Janeiro chefe, aí, sabe como é né.

— Valeu cara — falo tirando uma nota de cinquenta reais da carteira e dando para ele por cuidar da moto e do capacete.

— Eu que agradeço — ele responde com o sorriso de orelha a orelha.

Volto a ligação e ouço meus amigos rindo de fundo.

— *Realmente a coisa deve ter sido boa — o Leandro ri — esqueceu até o capacete.*

— *Vai se foder — falo enquanto coloco o fone sem fio para poder*

falar enquanto piloto. — Você não ligou para me zoar porque dormi no apartamento da Lauren, então desembucha.

— **Adiantaram o concurso de novos recrutas.**

— Para quando?

— **Saímos hoje às 15 h.**

— Porra, por que adiantaram tanto assim?

— **Sabe que me contam tudo né? Sei até os planos futuros da chefia.**

— Merda! Preciso avisar a mãe da minha filha que vou ficar fora avisar minha mãe, e a Lauren, nem conversamos direito ainda caralho.

— **Ajeita tudo por aí e vem para cá, mas tenta chegar lá pelo meio-dia, teremos uma reunião de estratégia antes.**

— Meio-dia estarei aí — falo finalizando a chamada.



Ligo novamente, pela vigésima vez nas minhas contas, mas só da caixa postal. Estou na casa da minha mãe, passei em casa antes, arrumei minhas coisas para viagem, e vim para cá, avisá-la que ficarei fora, vou almoçar com ela, depois vou direto para o Batalhão que não é nem cinco minutos daqui.

— Ligou para Roberta? — Minha mãe pergunta olhando curiosa minha frustração com a merda do telefone.

— Liguei, deixei avisado que ficarei quatro meses fora, mas que a senhora vai continuar indo buscar a Lili nos finais de semana.

— Então para quem está tentando ligar tão nervoso?

Olho para ela, e sei que não adianta mentir ou omitir, pois se após conversar com minha passarinha tudo for conforme eu espero e quero muito que seja, todos saberão que estamos juntos, vou explicar para geral que aquela águia linda é minha mulher.

— Para Lauren, mas o celular deve estar desligado, pois só cai na caixa postal.

— E, por que você ligaria para ela?

— A senhora anda muito curiosa, mãe — falo rindo enquanto ela termina o almoço.

— Você sabe que sempre torci para ela se tornar minha nora, né? — fala desligando o fogo do fogão.

— A senhora nunca escondeu suas preferências, desde que ela voltou para o Brasil.

— Meu filho, aquela menina, ama você e não é de hoje — só um tolo não vê o óbvio cada vez que ela te olha. E isso é o suficiente para uma mãe. Que seu filho seja amado.

— Não acha que anda muito alcoviteira e romântica — falo levantando me servir, e dou um beijo em sua bochecha.

— Só quero sua felicidade, e você nunca deu sorte no amor, acredito em destino Gui, acho que vocês foram feitos um para o outro.

— Mesmo eu sendo treze anos mais velho que ela?

— E quem disse que idade importa? Desde que ela seja maior e responsável, não existe isso de idade. Existem desculpas para covardia, é diferente.

— Ai! Isso doeu — brinco me sentando com meu prato para almoçarmos.

— Manda mensagem — ela sugere — é melhor que não falar nada e ficar meses sem dar notícias.

— Já mandei, mas queria falar com ela antes de ir — respondo chateado pois pelo visto não conseguirei conversar agora, só quando voltar. — E se ela não entender? E se começar a namorar nesses quatro meses? — Pergunto deixando minhas inseguranças falarem mais alto.

— Meu amor, acha mesmo que ela faria isso? Se você mandou mensagem, ela verá quando ligar o celular.

— Eu sei que ela não faria, mas é que nunca me senti assim antes.

— Assim como?

— Inseguro — suspiro olhando meu prato.

— Pois não fique — minha mãe fala apertando minha mão. — Vou preparar uns lanches para você e seus amiguinhos comerem na viagem.

— Mãe! Amiguinhos? Sério? Quem vê a senhora falando assim pensa que somos um bando de crianças no parque infantil — rio aberto terminando de comer para partir para o batalhão.

— Para mim você sempre será meu menino protetor, para as mães e pais os filhos não crescem. Acha que irá enfrentar o que quando voltar e disser para o pai da Lauren que está namorando a menininha dele?

Olho para ela com uma careta de “cruz credo”, mas não respondo nada.



Após uma longa e proveitosa conversa com minha mãe - como de costume -, pegando dois pacotes de lanches naturais de pão de forma que ela fez para eu levar na viagem, pego minha mochila e sigo para o batalhão.

Deixei algumas mensagens no whats da Lauren, espero que ela entenda que tive mesmo que sair às pressas.

Lauren

CAPÍTULO 12



Estou toda atrapalhada e dispersa hoje. Sonhando acordada, imaginando como teria sido se eu não tivesse afastado meu tenente ontem, se eu tivesse deixado as coisas acontecerem. Tenho certeza de que terminaríamos na cama, mas dele não quero só uma noite, somente um momento.

Quando se trata dele eu quero tudo.

— A noite deve ter sido boa — a Bia comenta rindo.

— O que a leva a pensar isso?

— Amiga! Esse sorriso estampado na sua cara está te denunciando — diz pegando a bandeja com uma piscada e saindo servir uma das mesas que ficam fora.

Não sei o que esperar nem como agir agora. Será que mudou algo entre nós? Vi que ele estava um pouco embriagado ontem, mas conheço meu Gui, ele pode ter bebido, mas não estava tão alto ao ponto de não saber o que estava fazendo ou falando.

Levantei-me para vir trabalhar, passando no quarto onde ele estava dormindo e fiquei uns longos minutos admirando sua beleza enquanto ele ressonava baixo, em um sono tranquilo. Meu peito se encheu e de novo o choro embargou na garganta, quando o ouvi balbuciar meu nome, me chamando de “sua” em seu sono.

Eu não teria saído daquele quarto até que ele despertasse, mas a covardia não me permitiu acordá-lo. Tive medo de que, ao despertar, se arrependesse de ter me procurado ontem, das coisas que disse e do que "quase" aconteceu.

— Planeta Terra chamando — minha amiga fala estalando os dedos na frente do meu rosto. — Pode contar quem foi o gatinho que te deixou assim — ri curiosa — porque duvido que você esteja dessa forma — me aponta como um todo — como se tivesse ganhado na loteria, só porque seus amigos bonitões chegaram da Turquia.

Olho para ela piscando rápido, sem entender uma única palavra do que acabou de dizer.

Minha mente ainda estava presa naquele quarto hoje de manhã, e meus amigos, como se fossem adivinhos e soubessem que foram citados, resolvem me ligar, naquele exato momento meu celular toca e vejo o nome da Ayla no visor, mas como ela não me liga quando estou no trabalho sei que só pode ser um dos meninos.

Vou para os fundos para atender e dizer que depois ligo de volta, ou que é para deixarem mensagens no *WhatsApp* que depois respondo.

— Oi! Não posso falar agora Ravi, ou Raj... seja qual for...

— *Calma lindeza, só liguei para avisar que depois vamos treinar o tal jogo lá no seu apartamento já que ele está instalado no seu XBox — a voz do Ravi me agracia com seu sotaque fofo. — E... como sabia que não era a Ayla?*

— *Ela não me liga em horário de trabalho e muito menos antes das oito da manhã — respondo rindo — e podem sair comprar um chip para vocês hoje — falo intimidando-o para não ficar usando o celular da minha cunhada — e não façam bagunça na minha casa, o que sujar limpa... há... eu tenho um hóspede lá, não sei se já saiu, mas só avisando caso ainda não tenha ido embora — digo e desligo antes dele começar o interrogatório que fatalmente viria.*

E vem... só que por mensagem. Sinto o celular vibrar no bolso do avental com várias notificações seguidas, então para não me atrapalhar durante o trabalho decido desligar o aparelho e deixá-lo quietinho no bolso.



Já tem um tempo que não paro para olhar as mensagens do meu celular, então aproveito o horário do meu cafezinho da tarde, e ligo o aparelho para ver a enxurrada que fatalmente veio após a ligação do Ravi, e vejo que tem uma do Gui também.

Decido entrar nas do Ravi primeiro, estou com medo do que vou ler na que o Guilherme enviou.



Rio enquanto leio as mensagens do meu amigo, imaginando a cara deles quando o Gui entregou a chave para a Ayla, como pedi no bilhete que deixei perto das suas coisas.



Nem em sonho vou responder agora, já que ele disse que vem me buscar, depois conversamos.

Não vejo a Bia se aproximar enquanto leio as mensagens do Ravi, só percebo quando vou abrir a que o Gui mandou e a ouço falar sentando-se na cadeira de frente a que estou:

— Que tal uma festa hoje? Da boa, e você pode levar os seus

amiguinhos gostosos, assim não escapa de me apresentar — balança as sobrancelhas de forma insinuativa.

Mas antes que eu possa responder ouço a voz grossa e rouca do meu irmão falar:

— Acho que você tem uma noção equivocada de festa, Bia — sua voz soa como um trovão atrás de mim. — Pelo que soube todas às vezes que você foi na onda dela, você quase morreu — diz me olhando, e fazendo uma careta de pitbull prestes a morder para minha amiga.

— Primeiro, para de ser exagerado que eu não quase morri nada, e segundo, já sou bem grandinha para decidir o que vem a ser legal, e o que não... — respondo meio estressada com seu jeito mandão — aperto a ponte do nariz respirando fundo — te amo Cê, mas não acho que você veio aqui por estar passando apenas. Diz... o que quer?

Ele me olha estreitando os olhos,

— Não disse que não podia ir, e nem que não saiba discernir o certo do errado, só comentei que sua amiguinha não tem senso nenhum de responsabilidade — ele retruca irritado, falando da Bia como se ela não estivesse ali.

— Ei?! Não sou assim.

— Sério, garota? — Cezário pergunta revirando os olhos. — Quer que eu a relembre de todas as vezes?

— Cezário, para com isso. Você está sendo ridículo! — falo, irritada com ele.

— Ridículo por querer cuidar de você? Obrigado por ser tão grata.

Pressiono minhas têmporas, me sentindo exausta.

— Não é isso. É só que...

— Ela está querendo dizer que você a sufoca, Cezário — a Bia fala se intrometendo

— Quieta! — Eu e Cezário falamos juntos.

— Primeiro que te conheço melhor do que imagina garota, conheço todos que se aproximam da minha irmã — meu irmão responde fuzilando-a com o olhar mais assassino que ele tem — e

segundo... se você tivesse noção de qualquer coisa, não teria uma ficha tão bonita e enfeitada quanto a sua é.

Só olho de um para o outro, e depois dele finalizar com menção as cagadas que ela já fez, paro o olhar na minha amiga pedindo:

— Bia podemos falar depois? Preciso conversar com meu irmão.

Ela nos olha indignada, mas suspira cansada respondendo:

— Quando esse ogro for embora me chama, estarei lá dentro — fala se retirando de perto de nós dois.

Volto a atenção para o Cezário que está parado a minha frente de braços cruzados me encarando como se me desafiasse a dizer que ele errou.

— Cê... mesmo que eu decida ir à festa, o Ravi e o Raj estarão comigo — digo mais amena — eles sempre cuidaram de mim, então... estarei segura — falo e vejo quando ele torce o nariz com a parte do “eles sempre cuidaram de mim”.

— Quem sempre cuidou de você e cuida até hoje sou eu sua traidora — ele comenta apontando o dedo para mim e sentando-se na cadeira ao meu lado — e sobre sua colega, essa desmiolada não parece conseguir cuidar nem de si mesma — fala arqueando as sobrancelhas, olhando para dentro da lanchonete onde ela sumiu das nossas vistas, então se volta para mim, falando um assunto totalmente diferente — tive o prazer de saber pela Ayla que o Gui dormiu na sua casa — diz com ironia — logo pela manhã.

— Não vou discutir com você sobre isso — falo voltando a tomar um gole do suco que fiz — suspiro cansada — já sou adulta Cê, sei que você só me protege, mas é o "meu Gui"... quando você já me viu levar alguém para casa?

— Eu vim te ver, precisamos conversar sobre isso, exatamente por ser o Guilherme — diz, e posso notar que está buscando palavras para o que quer dizer — não quero que ele te machuque novamente. Juro por Deus que dessa vez eu o quebro na porrada, pois da outra até dei um desconto, porque no fundo ele só estava sendo correto. Mas agora não teria desculpas.

— Ei! Confia em mim? — pergunto segurando sua mão com as minhas — eu ainda amo ele Cezário, tentei me afastar e esquecer, juro que tentei, mas...

— Não consegue. — Ele fala terminando o que eu ia dizer.

— Não.

— Já conversou com ele hoje?

— Não ainda — digo ficando nervosa com a expressão que vejo em seu olhar — meu celular estava desligado, liguei agora pouco e vi uma mensagem dele, mas não tive coragem de abrir para ler — sorrio fraco, abrindo a mensagem do meu tenente.



Estou tremendo um pouco após ler a mensagem, não sei se por emoção do que ainda está por vir, ou insegurança pelo que ainda não aconteceu.

Meu irmão me olha com uma sobrancelha levantada, curioso. Engulo em seco colocando o aparelho em cima da mesa, e falo:

— Ele mandou mensagem avisando que teve de viajar, que ficará quatro meses fora, mas que quando voltar conversamos.

— O que aconteceu ontem? Vocês ficaram? Vocês...

— Você quer mesmo falar sobre isso?

— Não. Mas preciso — responde com uma careta de quem chupou limão. — Você é minha irmãzinha e quero saber se vou precisar cortar as bolas do tenente e perder meu réu primário.

— Você não é réu primário a anos Cê — rio com gosto agora.

— Quantos anos será que se pega de prisão por castrar um

tenente do BOPE? — Pergunta fingindo ficar pensativo.

— Você não vai castrá-lo — falo rindo — ainda nem experimentei, deixa eu enjoar primeiro.

— Achei que ontem, vocês...

— Não fizemos nada — digo parando de rir — nós só conversamos um pouco sobre coisas aleatórias, e ficamos de conversar melhor hoje.

— Mas com a viagem, ficou para quando ele voltar.

— Isso.

— Vocês vão namorar?

— Não sei — suspiro cansada.

— Você quer namorar ele?

— Quero — sussurro olhando minhas mãos.

— Não importa o resultado da conversa de vocês, sabe que sempre estarei aqui né? — diz pegando minhas mãos e me puxando para um abraço apertado.

Aperto o seu pescoço retribuindo o abraço.

O meu irmão é o meu melhor amigo e, de certa forma, meu segundo pai, já que ficamos independentes e um pouco distantes da família quando deixamos o Brasil, há mais de quatro anos. Nos habituamos tanto, a ser os dois contra o mundo, que não me surpreendi quando ele se mudou, comprou um apartamento em frente ao meu, pegou sua esposa e fugiu da casa do nosso pai.

— Vou deixar você trabalhar, o Tico e o Teco disseram que vão passar aqui te pegar quando sair do trabalho — diz me dando um beijo no rosto.

Acho graça pelo jeito como ele apelida o Raj e o Ravi, mas também acho fofo. Ele nunca escondeu o ciúme que sente, e isso é perceptível, porque a Ayla sempre demonstra, desde que a Âmica chegou, como somos amigas. Como se estivesse se impondo para a irmã.

— Sobre a festa... vem também? Se não gostar vamos embora.

— Vou falar com a Ayla, ela não gosta de lugares muito cheio.

Mas vou pensar no seu caso.

— Mais tarde conversamos então — comento colocando meu avental e retornando para meu turno.



MOMENTOS ANTES

Paro no posto abastecer, e encher os pneus quando ouço meu celular tocando, e mesmo sem a mínima vontade de atender eu só pego e atendo, sem nem olhar o identificador, pela música de toque sei que é o Leandro.

— Fala chefe — atendo brincando como sempre fazemos entre nós em ligações.

— Já está chegando? Só falta você, cuzão. — Gargalha do outro lado da linha — já são quase 12 h, precisamos repassar as equipes e os grupos de treinamento.

— Para começo de conversa, cuzão é você idiota, estou só abastecendo, mais já a caminho.

— Beleza, vamos esperar a donzela mais um pouco. — Fala e desliga antes que eu responda novamente.

Tento ligar mais uma vez para a Lauren, mas cai direto na caixa postal, acredito que ela deva ter deixado o celular na bolsa, o que não deveria fazer, vai que ocorra uma emergência? Como agora, por exemplo.

Suspiro profundamente, olho para o visor decidindo se mando outra mensagem, mas o que vou escrever? Já disse tudo que era necessário na mensagem que enviei mais cedo.

Se, quando eu retornar, ela ainda tiver vontade de conversar, então vamos conversar. Sei que vou ficar apreensivo, mas agora preciso me concentrar no serviço, partindo para essa missão, resolvendo esse assunto.



— Que isso? Lista de compras ou de candidatos? — Pergunto indignado com o tanto de nomes que tem na lista, da qual foi repassada a cada um de nós. — Parece mais a ficha criminal de um *assassino em série*.

— Somos cobiçados — o Sargento Luiz brinca olhando a lista, assim que pega a dele.

— Não me fode, isso aqui não é a merda de um reality show para ter tantos inscritos — o Renan, reclama.

— Isso é só da nossa equipe — Leandro, nosso Capitão e responsável pela equipe toda, fala torcendo o nariz — a equipe do Oliveira pegou uma do mesmo tamanho.

— Não dou uma semana para essa merda enxugar a metade — falo olhando os nomes listados ali. — É cada um mais fodido que o outro, porra.

— Caralho chefe! Só tem vagabundo miliciano aqui — o Luiz rosna olhando para lista em sua mão — que aconteceu? Tão fugindo de que, esse bando de filho da puta?

— Não sei, mas sei que vou me divertir muito nesse concurso enquanto faço esse bando de lixo humano se cagarem e saírem chorando feito mocinhas. — Falo rindo com minha imaginação maligna.

Renan socou minha mão, dizendo: "Tamo junto", Luiz concordou e o Leandro riu diabolicamente.

— Senhores, bom dia — o Capitão Oliveira, da Equipe Alfa 2, cumprimenta a todos ao entrar na sala de reuniões, seguido dos membros de sua tropa.

— Já decidiu quem vai sair daí antes de uma semana, Dias? — o Arthur, Sargento da Alfa 2, pergunta dando um tapa de leve nas minhas costas, rindo aberto.

— Dessas duas listas que foram passadas a vocês, somente quatro nomes ficarão, dois para cada equipe como me foi solicitado — nosso Comandante entra falando e sentando-se na ponta da mesa,

enquanto todos nos ajeitamos em nossas cadeiras.

No começo do ano, eu e o Leandro, decidimos que vamos abrir uma empresa de segurança privada, e pendurar nossas chuteiras no Batalhão. E como seria feita a seleção para remanejamento de equipe, o Oliveira aproveitou e anunciou sua saída também, ou seja, serão três aspiras para as duas equipes principais, dois para a nossa e um para o lugar do Oliveira.

— Por mim sai todo mundo — o Renan resmunga colocando a lista que está em suas mãos em cima da mesa — essas fardas pretas são como o martelo do Thor, e ninguém é digno — olha para a lista que segurava como se ela contivesse um vírus mortal.

— Eu só consigo ver uns três ou cinco nomes aqui que de para salvar, porque de resto, só tem merda. Uma pica pior que a outra — comento dando mais uma olhada na lista que me foi entregue.

— Tem outra coisa... os dois soldados Agostini são meio irmãos, o rapaz só se inscreveu depois que sua irmã caçula entrou na corporação militar só para poder entrar no BOPE depois, e se inscreveu para esse concurso.

— Uma mulher? — o Leandro pergunta espantado.

Não é porque mulheres não possam ingressar no Bope, mas é extremamente incomum, e quando isso acontece, elas geralmente não resistem nem à primeira semana de treinamento, uma vez que são treinadas como todos os outros, sem nenhuma proteção especial. E, toda vez que uma candidata entra, nós torcemos bastante para que ela consiga.

— A menina é jovem e idealista, e lógico, mal colocou a farda azul já se sentiu incomodada e decidiu mudar para a preta.

— Esse sobrenome não me é estranho — comento observando a lista.

— O irmão mais velho, com vinte e cinco anos, é policial militar há sete. Já prestou o nosso concurso uma vez, mas não pôde finalizar na ocasião porque a madrasta faleceu. Ele ficou sozinho para cuidar da irmã, que tinha dezessete anos quando tudo aconteceu. — Fala de forma desconexa. — A garota cresceu, e, quando completou dezoito, ingressou na Polícia Militar, assim como ele. Dois anos depois, ela resolveu se alistar no Bope e usar o uniforme preto. Diante disso, ele percebeu ser a hora de tentar novamente e acompanhá-la.

— Ele pode não focar nos exercícios dele para cuidar da irmã — o Luiz comenta olhando para todos — está nítido que ele só se inscreveu agora por ela.

— Mas também está óbvio, que por ela acabar de completar o tempo mínimo para se inscrever, ele não pode tentar antes — diz o Renan rebatendo o comentário do nosso amigo — então agora, é só unir o útil ao agradável.

Passamos uma boa parte do tempo conversando e traçando cursos de treinamento. Logo viajaríamos para o local onde aconteceria o concurso.



Já faz quase uma semana que estamos aqui, e como imaginei, boa parte daquele bando de filho da puta já pediu para sair, estou sentado debaixo de uma árvore bonita, tentando relaxar um pouco do dia ferrado, mas produtivo que tive hoje. Quando consigo pegar um sinal no celular... fraco, mas acho que dá para completar uma ligação.

Passam sossegado das 21 h decido que vou conversar com minha passarinha por mensagem mesmo. Mas não resisto o desejo de ouvir sua voz que soa como o canto da sereia em meus ouvidos, então ligo, fico todo empolgado quando chama, e ela atende no segundo toque.

— Gui? Achei que não teria sinal para onde foi — fala assim que atende, sem pausa.

— Oi anjo, atrapalho? Pode falar?

— Não atrapalha, e sim, posso. O que foi? Está tudo bem?

— Está, sim, só senti saudade — respondo com um risinho bobo por saber que ela se preocupa comigo.

— Sobre a viagem... pode contar pelo menos se é perigoso? — Você foi tão vago na mensagem.

— Não é perigoso, não para nós, mas não diria o mesmo para os recrutas — rio de forma maligna — é só o treinamento dos novos soldados.

— Tipo um acampamento de férias? — Pergunta rindo.

— *Eu não chamaria assim — gargalho com sua comparação.*

— ***Toma cuidado — pede falando baixo — e sobre aquela conversa... Quando você voltar podemos tê-la sim.***

— *Tomarei anjo, não se preocupe...*

O sinal está horrível, e a ligação cai antes mesmo que eu consiga terminar de matar a saudade que estou da minha passarinha.

Sabia que a desejava para mim, mas, desde que a beijei, literalmente decidi que ela será minha. E sei que ela pensa o mesmo, pude sentir em cada fibra do seu corpo, como reagiu quando estive nos meus braços, o reconhecimento, o encaixe.

Estou viajando em meus pensamentos quando ouço alguém se aproximar, e para minha surpresa vejo a recruta novata, Amanda seu nome.

— Posso? — Pergunta apontando o chão ao meu lado com duas garrafinhas de água na mão.

— Claro — respondo curioso com o que ela pode querer conversar.

— Não sei se vou aguentar até o final do treinamento — ela confessa logo depois de se sentar, olhando a frente, sem me encarar.

— Você está se saindo melhor que muito marmanjo — respondo aceitando a água — se já pensa em desistir, então não é o tipo de garota que achei que fosse.

— Que tipo de garota?

— Que corre atrás dos sonhos e não desiste no primeiro obstáculo.

Ela me encara por uns segundos, então fala:

— Queria agradecer.

— Pelo quê?

— Por não fazerem diferença na hora de ensinar, de não me tratarem como inválida ou burra, só por ser mulher — me olha de lado com um sorriso amarelo, que não chega aos olhos. — Não é fácil ser o único membro do sexo feminino em um universo exclusivamente masculino.

— Se eu pudesse apostar... o que não posso — sorrio de canto — eu apostaria em você e no seu irmão.

— Por quê?

— Você tem uma meta, é forte e está decidida no que quer, e ele... — penso no que vou falar — ele está decidido a ficar ao seu lado, isso lhes dá uma força que nem vocês percebem.

— Obrigado.

— Você agradece muito, menina — comento rindo — pelo que foi agora?

— Eu ia desistir mesmo — sussurra — mas você me deu a confiança que eu precisava Tenente Dias.

— Cabe mais um na roda? — O Renan chega se jogando no chão ao nosso lado — conseguiu ligar para ela? — Pergunta apontando o celular na minha mão.

— Consegui — Respondo sem controlar a cara de bobo apaixonado que tenho certeza de que acabei de fazer, lembrando a voz deliciosa da minha passarinha.

— Acho que essa árvore é um catalisador — Amanda comenta olhado em volta — só aqui tem sinal, já vi vários dos, oficiais vindo para cá para poderem completar uma ligação.

— Mas é um sinal tão fraco que chega a dar nervoso, isso sim — falo torcendo o nariz frustrado.

Ficamos um tempo conversando assuntos aleatórios, falando de família, e de motivações. Trapaceei e dei bons conselhos para a garota, assim como o Renan, depois fomos descansar nos dormitórios, afinal, só estamos aqui há uma semana e temos muito mais caminho pela frente.



QUATRO MESES DEPOIS

Estou ansiosa, morta de saudade do meu tenente, poxa vida, já faz quatro meses sem vê-lo, e desde aquele dia que ele me ligou a noite, mas a maldita ligação caiu deixando o celular dele fora de área depois, que não nos falamos mais.

Até parece que eles foram treinar no quinto dos infernos, e devido à falta de sinal na droga do celular já enchi a caixa de mensagens dele, e não vai demorar muito o próprio aplicativo do *whats* me bloqueia por inconveniência.

Capaz de travar o aplicativo quando ele voltar para o planeta terra e receber todas as mensagens que enviei de uma vez.

— Lauren? Você está bem? — a Âmica chama, me passando uma garrafinha de água.

Olho para ela com um olhar perdido, divagando em meus pensamentos ainda.

Estamos na academia, e como minha nova melhor amiga e companheira de apartamento não desgruda de mim, ela sempre vem comigo e serve de minha ajudante durante os treinos. Ela diz que pelo menos para pegar as coisas na lanchonete ela presta, já que exercícios que é bom ela ainda não se inspirou para começar nenhum.

Âmica é toda delicada, parece uma boneca de porcelana turca. E desde que seus irmãos e meus meninos, Raj e Ravi, precisaram voltar para Turquia às pressas, ela não quis ficar com a irmã alegando não querer atrapalhar o casal, então, roubei a menina e a levei para meu apartamento, somos duas bagunceiras (*no bom sentido*) mas nos damos bem em meio ao nosso caos.

Eu não trabalho mais na lanchonete, então agora tenho tempo de sobra para vadiar na academia quase todos os dias.

Aquele dia que o Cezário foi conversar comigo no dia que o Gui viajou, e acabou dando bronca na Bia por me convidar para outra de suas festinhas, eu realmente cheguei a ir a tal festa que ela me convidou, e levei o Ravi e o Raj comigo.

Mas como sempre, *mordo a língua antes de admitir na frente do meu irmão que ele tinha razão*, e minha amiga nos levou para outra roubada, só que dessa vez foi pior, porque não conseguimos sair, e ficamos feitos reféns. Fazendo o Raj mandar mensagem para o Cezário, já que não estão acostumados a essas merdas, e não dava para ligar.

Óbvio que não demorou quase nada meu irmão estava no local com nada mais nada menos que quatro dos gatos do zoo do meu pai do lado, *que sempre foram conhecidos por sua precisão e agressividade dentro da organização*, e aquele dia precisamente estavam os tios. Rafa, Dan, e minhas duas tias terroristas... tia Onça e tia Mell.

Eles nos tiraram de lá, deram um jeito na situação, e lógico que meu irmão me tirou da lanchonete onde trabalhava e proibiu a Bia de falar comigo.

Ele não é de se meter na minha vida, ou me dar ordens, mas eu nunca vi o Cezário tão possesso como aquele dia, acho que ele só não bateu na Bia por ser mulher, mas sua ira era palpável.

Ele chegou a dizer para pobrezinha que se a vida dela era tão miserável ao ponto de ela não ligar se morre ou vive, ela que fosse por esse caminho sozinha dali por diante, e que se atrevesse a se aproximar de mim novamente, as coisas não ficariam nada bonitas; ele sabia dos vícios dela, e que teria o maior prazer de deixar essa informação chegar as pessoas que interessavam.

Eu fiquei chocada olhando a Bia, sei que ela usava pó vez em quando, sempre dava umas escapadas para o banheiro, e quando voltava estava ligada no 220V, mas hoje em dia isso é a coisa mais normal que existe, principalmente em baladas, então nunca liguei, mesmo que particularmente eu não gostasse pois acho essa merda um caminho sem volta.

— Estou sim, só um pouco preocupada com alguns assuntos — respondendo a Âmica, forçando um sorriso.

— O Ravi acabou de mandar uma mensagem avisando que chegaram, e querem conversar conosco — ela diz apreensiva pelo que posso notar.

— Sabe se vieram com o jatinho deles, dessa vez? — ela pergunta me ajudando a tirar as faixas da mão, e pegar minha mochila.

— Fatalmente, porque quando eles usam voo comercial eles sempre me fazem ir buscá-los no aeroporto — respondo rindo — e quando vem no jato deles, pousam na pista privada que temos na Ilha em Arraial.

Sáímos da academia indo direto para casa, estava com saudades dos meus amigos também, e agora curiosa para as notícias.



— Vocês não podem estar falando sério! — Repito pela milésima vez, andando de um lado para o outro feito um animal enjaulado.

— Você acha mesmo que brincaríamos com uma merda dessa? — Ravi pergunta com um suspiro derrotado.

Quando chegaram foram direto ao assunto, sem enrolação, mesmo com a Âmica, a mais interessada e afetada da história.

Eles voltaram para Turquia porque a mãe dela adoeceu, *muito rápido e estranho para meu gosto, mas não serei eu a comentar sobre o assunto nesse momento, e o que acho que causou a doença*, e confirmando o que todos desconfiavam, *que ela nunca gostou da própria filha*, aquela cadela velha, em seu leito de morte, fez o senhor Cemil prometer que casaria a Âmica com o bastardo do Samir. Visto que ela já havia autorizado aquele absurdo.

A senhora Odessa nunca aceitou o fato de ter dado à luz a uma menina, na cultura e nas leis da família deles, se o primogênito não for um homem, o caçula de todos os irmãos, independente de não ser da primeira esposa, se torna o sucessor do título de Sultão. E como a Âmica é a caçula, ter nascido mulher só fez com ganhasse o desafeto da própria mãe, que sempre foi uma víbora ambiciosa.

— Eu acho que aquela velha mal-amada da tia Odessa dormia com o maldito — deixo escapar alto, e rapidamente olho para a Âmica, que está quieta demais perante tanta merda — desculpa Amy — a chamo por seu apelido de berço.

— O que vamos fazer? Não podemos deixar esse crime acontecer

— Ayla, minha cunhada, pergunta para os irmãos, sentando-se do lado de sua irmã mais nova e pegando suas mãos em apoio.

Olho para a menina, que não é tão mais nova que eu e a Ayla, só um pouco mais de um ano de diferença, mas que pela forma como foi criada, acaba sendo tão inocente e ingênua, quanto uma menina de doze anos, e noto que ela está chorando em silêncio.

— Aquele *Ibn Sharmuta*^[3], só chegará perto de nossa pequena lótus depois que eu morrer — Raj fala até pálido de tanta raiva.

— Faço minhas suas palavras irmão. — Ravi comenta tiquetaqueando o maxilar.

Com isso a Âmica levanta a cabeça, com os olhos marejados, e fala para todos na sala, principalmente seus irmãos:

— Eu jamais permitiria que uma desgraça dessa recaísse sobre nossa família, se é meu dever Rajesh, só me resta obedecer — fala para seu irmão.

— E como seu irmão mais velho, é meu dever cuidar de vocês, não jogar nenhuma aos lobos — responde cerrando os punhos, nervoso.

— Mas o Samir não sabe que ela está no Brasil, sabe? — Ayla pergunta ainda segurando as mãos da irmã nas suas.

— Claro que sabe — Ravi quem responde.

— Mas não onde — falo olhando de um para o outro.

— Mas aí é só questão de tempo até ele descobrir que ela está conosco Lauren — meu irmão comenta.

— Vou dar um jeito, nem que eu me mude para Arraial, que volte para a ilha, levando-a junto — digo irritada com a situação — mas aquele maldito não chega nem a 50 m dela — falo espumando de raiva.

Eu já tive aquele porco perto demais, e não vou permitir que isso te aconteça com ela.

A pobrezinha me olha ainda com os olhos marejados, e o rosto vermelho devido as lágrimas, mas com um ar de esperança, agora que sabe que não vamos abandoná-la a própria sorte.

— Mas... mudando de assunto, e deixando para nos preocupar

quando realmente a merda feder — o Ravi brinca tentando desconstrair — que tal sairmos um pouco da toca? Podemos pegar um cineminha. Que vocês acham?

— Sério cara? Acha que restou algum clima para isso? — o Cezário pergunta se levantando indignado.

— Eu topo — falo me sentando do lado da pequena Âmica — nada melhor que um Sunday gigante para relaxar! Podemos ir naquele boliche novo que abriu aqui perto, com karaokê.

— Bem que estou precisando. — Ela responde animada, enxugando algumas lágrimas que deixou cair em silêncio.

— Cantar? — Ayla pergunta com meio sorriso. — Sou péssima nisso.

— Não canta, nos acompanha nas gordices, e deixa a serenata para os meninos — brinco me levantando.

— Eu quero ir — Âmica diz olhando os irmãos.

— Se vocês estiverem muito cansados, podem ficar, eu a trago em segurança — brinco já indo em direção ao quarto, puxando a Ayla e a Âmica comigo.

— Onde você pensa que vai? — Meu irmão pergunta para a esposa, mas sorrindo.

— Me trocar para irmos cantar — ela responde soltando minha mão e indo até meu irmão, parando em sua frente com carinha de pidona — nós vamos né?

— E quem disse que consigo te dizer não quando faz essa cara — ele fala puxando-a para seu colo.

— Hei! Menos — o Ravi fala fazendo uma careta fofa — não gosto de te ver pegando minha irmã.

— Minha esposa lembra?

— Mas ainda minha irmãzinha, não esqueça — Ravi resmunga — quero ver quando for sua vez de presenciar o tenente apalpando sua irmã se você vai gostar.

Meu irmão olha dele para mim com cara de quem engoliu algo muito azedo, mas não solta a Ayla. Pelo contrário, aí que a aperta mais contra seu corpo para provocar.

— Meninos, chega — falo rolando os olhos impaciente — vem Ayla, vamos ficar gostosas para hoje — falo animada e cheia de planos.

— Pega leve que não quero ter que bater em ninguém por cobiçar vocês — o Raj grita enquanto sumimos para dentro do quarto.



UMA SEMANA DEPOIS

Hoje decidimos vir a Lions para relaxar, estamos a semana toda fazendo de tudo para distrair a Âmica, para ela não pensar sobre a merda que a fodida da mãe dela fez. Então, eu resolvi escolher uma das boates dos meus tios em Copacabana, mais por questão de segurança, já que dá última vez que fomos a uma deu uma merda gigante.

Também, o meu irmão não viria se não fosse essa, e eu não queria cortar a felicidade da minha cunhada, que estava planejando essa noite a semana toda. Porque óbvio que se ele não viesse ela também não teria vindo.

Estamos todos dançando nas salas VIP, as quais são no segundo piso, toda cercada por vidros, nos dando uma visão de 180.º da pista de dança central. E por coincidência (*o que duvido muito*) todos os felinos da cartilha do jogo do bicho e também conhecidos como meus tios, estão aqui, até os Tigres e a tia Vera, que desde que começaram morar juntos, pouco saem de casa. *A festinha lá deve ser melhor.*

Estamos todos conversando, dançando e bebendo, distraídos com a música, uns com umas *peguetes*, como o Ravi, que logo será engolido pela menina que tá ficando, meu irmão que está até babando olhando sua mulher dançar, a Âmica, que está conversando com minhas tias, e pela cor vermelha do seu rosto a conversa deve estar bem imprópria.

Estou tentando me divertir, mas na realidade, apesar de ter sido ideia minha vir para cá, acho que foi só para distrair minha mente do assunto sobre a possibilidade do vira-lata do Samir vir para o Brasil, e por não parar de pensar no Gui, nem por um segundo.

— Olha quem chegou — a tia Mell quase grita no meu ouvido, já que a música está alta, e aponta para perto do bar na pista central.

Quando meus olhos seguem a direção que apontou, vejo o Gui

encostado no balcão, ao seu lado está o Leandro, seu melhor amigo, e os outros meninos da equipe, também tem outras duas pessoas que não reconheço, um rapaz e uma moça. Meu Gui está olhando para todos os lados, como se procurasse algo, ou alguém.

Sorrio internamente, posso sentir que é a mim que ele procura, pois quando seus olhos me veem através do vidro blindado que fecha a ala VIP para o público, ele sorri como se seu mundo estivesse enfim completo, e isso me deixa eufórica, com o coração quentinho.

— Hei, aonde vai com tanta pressa? — Ravi pergunta segurando minha mão e rindo quando passo por ele quase voando.

Ele está enroscado em uma menina bonitinha desde que chegamos, acho que hoje ele vai para um hotel ao invés de ir para casa conosco, baseando pela avidez da garota, ao reivindicar cada pedacinho dele para si, puxando meu amigo, quase abduzindo-o.

— Meu tenente voltou — respondo com o sorriso de orelha a orelha ignorando a cara de bunda que a moça faz quando vê ele segurando minha mão. Desço correndo, morta de saudade, louca para mostrar para o Gui o quanto estou pronta para aquela conversa.

Me aproximo, já me imaginando pulando em seu pescoço pois quero surpreendê-lo; — sorrio com meus planos.

Mas, quando chego perto o suficiente, do nada... tipo... como se tivesse brotado do quinto dos infernos, uma loira oxigenada, que deve ter silicone até no cérebro, porque nunquinha, mais nem em sonho, que essa bunda em forma de coração quase no meio das costas de tão empinada, e esses peitos enormes e anormais são naturais, ela entra na minha frente falando com ele, ou melhor, se esfregando nele.

— Oi Gui — diz passando a mão em seu peito, toda oferecida — faz tempo que não te vejo gato, você sumiu — se aproxima mais, com intensão nítida de beijá-lo — se lembra de mim? — pergunta descendo a mão para o meio de suas pernas.

— Não — ele responde pegando o pulso dela e afastando sua mão.

— Então me deixar te recordar — a maldita fala pegando o pau dele por cima da calça com a mão que ele não segura, sem o menor pudor.

— Ficou louca garota — ele diz afastando-a com asco visível.

Ele ainda não me viu parada a apenas uns metros de distância assistindo à cena.

— Wou! — o Leandro, que estava bem ao lado dele, exclama surpreso — que isso moça?

— Essa perdeu o medo de morrer — o Luiz fala apontando com o queixo onde estou parada, soltando fumaça pelas orelhas, e me olhando com cara de que diz; — agora fodeu.

E todos seguem seu olhar fazendo a mesma expressão quando me veem.

Puta que pariu, eu fico cega na hora, só ouço os praguejamentos ao redor, mas enxergar, só enxergo a mão imunda da vadia no que me pertence.

— Aí caralho, e põe fodeu nisso! — O Renan fala olhando de mim para a garota, e para o Gui.

— É a namorada dele? — Ouço meio que de longe a moça que está com eles perguntar.

— É, e não é... só é meio complicado de explicar, mas a única certeza agora é que isso vai dar uma merda enorme.

Não sei em que momento eu agi, qual o momento em que peguei aquela criatura pelos cabelos, *biscate do caralho*, quase fazendo um escalpo. Mas agora estou aqui, arrastando a puta descarada para fora, batendo a cabeça dela em tudo que está na nossa frente, já que ela está abaixada, subjugada a pressão que coloco na mão que segura firme sua crina até chegarmos na calçada do lado de fora.

— Ninguém. Toca. No. Que. É. Meu. — Falo pausando a cada soco que dou no seu rosto, jogando-a no chão logo em seguida, fazendo-a se esborrachar feito uma fruta podre.

Subo em cima da infeliz, imobilizando seus movimentos, travando seus braços com minhas pernas, e começo a socar a sua cara novamente enquanto ela tenta me acertar, me arranhando com aquelas unhas postiças enormes, não sou de brigar, mas quando brigo, não dou tapas ou puxões de cabelos, não é meu estilo. E essa piranha só sai daqui de SAMU hoje.

Desde aquele dia infeliz em que precisei me defender e não consegui muito bem, sem fugir como um animal assustado, que treino diariamente. Dessa forma, dá para imaginar que cega de ciúme por

aquela vagabunda ter colocado as mãos no meu homem, sendo que nem eu o toquei ainda, o mínimo que vai acontecer é que vou deformar o rosto de piranha que ela tem, para aprender a nunca mais tocar em nada nem em ninguém sem ser convidada a fazê-lo.

Um... dois... três socos seguidos, e sinto um braço forte me puxar, me levantando e me tirando de cima da cadela como se eu pesasse como uma pluma.

A maldita vira o rosto para o lado, tossindo e cuspidando sangue, pois no mínimo quebrei uns pares de dentes de sua boca nojenta.

— Calma, meu anjo, vamos sair daqui — o Gui diz no meu ouvido, me levantando, praticamente me arrastando dali.

— Tire-a daqui, Guilherme — ouço meu irmão pedir e vejo meus tios parados em volta só observando a cena.

— EU VOU TE PROCESSAR SUA VAGABUNDA — a puta tem coragem de gritar me ameaçando.

— ISSO VADIA, PROCESSA, QUE QUEBRO O RESTO DOS OSSOS DESSA SUA CARA DE BISCATE — grito de volta enquanto me vejo sendo arrastada para fora dali, e tento inutilmente me libertar dos braços do Gui, pois quero terminar a obra de arte que fiz na cara dela.

Mas um gosto eu tenho, eu destruí as fuças dessa vadia na porrada, depois dessa, ela vai ficar com algumas cicatrizes e um belo nariz torto, já que esmaguei aquele tucano que ela tinha no meio da cara. Deu para sentir a cartilagem do seu nariz moer no meu punho.

— Me solta — peço com um safanão, já que o Gui ainda me mantém presa em seu agarre.

— Está mais calma? — Pergunta entrando no escritório do tio Dan, comigo ainda presa em seus braços quase me jogando no sofá que tem em uma espécie de antessala.

— Precisando de alguma coisa, é só avisar tenente — meu tio fala saindo e fechando a porta atrás de si — mas a mantenha aí, pelo menos até essa harpia linda se acalmar e nós darmos um jeito na coisinha que ficou lá fora — pisca para mim e sai.

— Aquela...

— Seus tios cuidarão dela — fala me levando para o banheiro

privado que tem ali, pegando uma toalha, molhando e passando-a no meu ombro, onde as unhas falsas de fibra daquela coisa como tudo nela era, me arranharam, meio que quase rasgaram, aquilo parecia faca, deveria ser considerado arma branca aquelas garras.

— São só uns arranhões — falo observando-o limpar o machucado.

— Deixa que depois que limpar eu decido se são só arranhões — tem kit de primeiros socorros aqui? — pergunta abrindo os armários da pia.

— Ali — aponto um cesto de vime branco — faz tempo que chegou? — Pergunto tentando mudar o clima pesado que está.

— Não, chegamos hoje depois do almoço — responde parando com as coisas que precisa nas mãos, colocando sobre a bancada, e começando limpar a ferida, e me olhando com um sorriso discreto — descansei um pouco e agora a noite quando te mandei mensagem perguntando se podíamos conversar, a Mell que respondeu pelo seu celular, disse que você estava dançando com as meninas, e que estavam na Lions, então... liguei para os rapazes e eles toparam vir para cá, para comemorarmos a inclusão dos novos aspiras.

— Eu vi mesmo um rapaz e uma moça diferentes que chegarem com vocês — digo pegando sua mão, fazendo-o parar com a limpeza no meu ombro — viu? Não está tão ruim.

— Vou te levar no hospital, pode precisar de pontos, e de uma limpeza mais profunda para não infeccionar — ele diz jogando alguns lenços de papel antisséptico ensanguentados na lixeira, e lavando as mãos.

— Gui, olha para mim — peço me aproximando mais, e ele o faz. — Aquele dia que você foi no meu apartamento, eu...

— Eu sei muito bem o que falei aquele dia, havia bebido, sim, mas não ao ponto de não saber o que fazia ou dizia — ele responde sem me olhar nos olhos, com a respiração cortada.

Não o deixo falar mais, e já que ambos estamos no mesmo dilema, antes que eu perca a coragem, eu o puxo pela nuca, enlaçando seu pescoço, toco seus lábios de leve, passando a língua no lábio inferior, gemendo baixo com as sensações e a corrente elétrica que esse ato causa no meu corpo.

Eu sonhei com esse momento tantas vezes depois do beijo que

ele me deu em casa, em cada uma de forma diferente, estava com vontade e saudade de sua boca, do cheiro de seu corpo, mas não imaginava que nosso segundo beijo seria no banheiro de uma boate. Idealizei cenários mais românticos.

Quando ele volta a si, após breves segundos fora do ar, como se não estivesse acreditando no que estava acontecendo, ele me pega no colo, me segurando pela bunda, cruzando minhas pernas em sua cintura, gemendo baixo, um som rouco vindo do fundo da garganta, invadindo minha boca com sua língua, me encosta na parede, apertando seu corpo no meu, me fazendo sentir sua dureza sobre a calça jeans.

Seguro seu cabelo, me esfregando, rebolando em seu colo, mesmo prensada contra a parede, puxando-o para mim, devorando sua boca, esfomeada de tudo que ele possa me dar.

— “Hmm” — ele geme contra meus lábios — minha — fala, aprofundando o beijo, explorando cada canto da minha boca, enquanto chupo e mordo sua língua.

Beija meu pescoço, descendo para os meus ombros, deixando um beijo carinhoso no machucado, e volta a me beijar, dizendo contra minha boca:

— Desejei isso... — diz rouco, sem parar de me beijar — esse instante... nós dois assim... Te desejei desde que você voltou e me pôs de joelhos menina — esfrega seu sexo contra o meu, me apertando contra seu corpo como se pudesse nos fundir em um só.

— Vamos sair daqui, — proponho jogando a cabeça para trás, enquanto sua boca percorre meu pescoço, descendo pelo meu busto. — Preciso de você, mas não aqui.

Ele me olha com um risinho safado, me coloca no chão, arrumando a alça da minha blusa, e dando um beliscão de leve no bico do meu peito por cima do tecido.

— Vamos!

Lauren

CAPÍTULO 16



Eu não pretendia bater naquela vadia, nem quase devorar meu tenente daquela maneira, mas, apesar de tudo, valeu a pena cada soco.

Não sei explicar, mas senti-me corajosa ao ver outra mulher se aproximando dele. Isso me mostrou a verdade, os fatos das coisas. Posso perdê-lo a qualquer momento e depois, não haverá nada que possa ser feito, a não ser lamentar o que deixei escapar.

Me magoei no passado? Sim! Mas acredito que, atualmente, o problema estava sendo mais o medo de ser rejeitada.

Pura insegurança.

A carta do "Você me machucou muito" me permitia não ter que me confrontar com o fato, de que perto dele eu ainda me sentia como uma adolescente e tinha pavor de ter meu coração pisado novamente.

— Sabe que, antes de irmos, tenho que enfrentar o interrogatório que me espera atrás daquela porta, certo? — Faço a pergunta com o nariz torcido, fitando a porta do escritório que nos leva para a área exclusiva, onde sei que vou encontrar meu irmão, tios, amigos, e, se der sorte, até os amigos dele.

— Só fala o que aconteceu de fato — ele diz beijando meu queixo e maxilar, como se não conseguisse se afastar, como se fosse até dolorosa a ideia de manter as mãos longe. — Diz que bateu na moça porque ficou com ciúme quando a viu me tocar.

— E quem disse que foi por ciúme? — Pergunto fingindo indignação — ele gargalha alto, me apertando mais contra seu corpo — só achei aquela vadia abusada, e lhe dei uma lição — empurro-o devagar e saio em direção a porta.

— Ahan! Tá bom — me dá um tapa na bunda, me puxando de volta para seus braços, apertando seu corpo contra o meu novamente — diz que não estou sonhando — pede mordendo o lóbulo da minha orelha.

Me viro de frente para ele, segurando seu rosto com as duas mãos e olhando em seus olhos digo:

— Não é um sonho Guilherme, o único sonho aqui é o meu se realizando — digo com um sorriso sincero — me apaixonei por você desde que te conheci a seis anos, quando fui procurar a tia Renata e foi você quem me atendeu. Eu imagino coisas e desejo tudo com você desde meus treze anos — falo enchendo seu rosto de beijos a cada palavra — agora vamos, quero passar logo pelo interrogatório para podermos ir para casa, porque as coisas que imagino eu me recuso a realizar aqui.

— Vamos, minha passarinha, vou te ajudar a enfrentar as feras para poder te ter só para mim.



— Eu não tive a intenção de quebrar o maxilar daquela vagabunda, mas se quebrou foi bem-feito — falo revoltada com o “sermão” que meu irmão está me dando.

Até a euforia e o tesão que estava a minutos atrás murcharam um pouco, com o paredão formado não só do Cezário, mas meus tios também.

Uma multidão entrou quando eu abri a porta - ou melhor, invadiu. Como deduzi, tenho agora meus amigos, que, ao olharem de mim para as mãos possessivas do tenente, sorriem sacanas, Âmica minha amiga, minha cunhada, meus tios e o Leandro com o Luiz, amigos do Gui. Todos nos fitando como se aguardassem por um anúncio extraordinário.

— Imagina se tivesse? Se sem intensão de bater na moça você quebrou a mandíbula dela, imagina se tivesse batido porque queria muito! — Tio Dan fala rindo zombeteiro. — Por falar nisso, parabéns, soco forte o seu — ri, e meu irmão o olha feio por me encorajar.

— Não teria como a garota ter quebrado o maxilar e gritado como fez lá fora — o Leandro comenta em minha defesa — algo não está encaixando nisso aí.

— E supondo que se a Lauren realmente tenha quebrado alguns ossos da moça, conhecendo minha garota como conheço, foi porque a

vadia provocou, então... mereceu — Ravi comenta sorrindo com cumplicidade para mim, e ouço um rosnado vir do Guilherme direcionado ao meu amigo. E tenho certeza de que foi pelo Ravi me chamar de “minha garota”.

— Bom, eu não julgo nem dou palpite, porque se alguma piranha encostar o dedinho no que é meu, eu arranco o braço da vadia — a tia Onça fala rindo.

— Também sou ciumenta com as pessoas que amo — a Âmica comenta apoiando minha tia com a concordância do mulheril em geral na sala.

— Eu também não sou dada a discussões — Ayla comenta olhando para meu irmão — mas não suporto a ideia de outra sequer olhando para o meu marido.

— Mas não foi ciúmes — insisto em negar.

— Ah, para Lauren! É óbvio que foi — o Raj fala rindo, e olha para mim, depois para o Gui, e por fim, para nossas mãos entrelaçadas — mas, como sou seu amigo, vou ficar do seu lado dessa vez.

— Você sabe que no mínimo ela vai registrar um B.O contra você, né? — Quem pergunta é o Leandro encostado no batente da porta, mais no corredor que dentro do escritório.

— Nós daremos um jeito — tia Mell fala se levantando e saindo — vou voltar para minha noite, se precisarem me chamem estarei inspecionando a nova equipe do bar — pisca quando passa por mim.

Safada!

— Vamos? — O Gui sussurra, somente para que eu possa ouvir.

Aceno positivo com a cabeça, e me viro para meus amigos e irmão.

Jogo a chave para o Raj que a pega no ar, e aviso:

— Vou sair, deixem a Âmica na minha casa. Ela está ficando comigo agora. Conversamos depois. — Dou uma piscadela e ambos retribuem o sorriso.

— Não faça nada que eu não faria — a tia Onça brinca sorrindo de um jeito sacana de quem sabe muito bem que vou fugir com o Gui e para fazer o que...

— Estou de carona com você, lembra? — e não querendo ser o mala que vai atrapalhar, mas minha casa fica no caminho, podem me deixar lá? — o Leandro pergunta para o Gui.

— Lauren! — a Âmica me chama — por acaso seu apartamento é no caminho de onde vocês vão? — Pergunta falando devagar, já que ainda não está tão acostumada ao nosso idioma.

— Não exatamente — o Gui responde.

— Então deixa — ela fala disfarçando, voltando para perto da irmã.

— Mas podemos te deixar lá se quiser. Âmica certo? — ele diz deixando-a animada.

— Ahh eu quero, se não for atrapalhar muito — sorri — você se importa Rajesh?

— Claro que não, minha linda — ele responde.

— Mas eu me importo — Ravi comenta fingindo indignado — minha opinião não conta?

— Pelo visto não — o Gui fala antagonizando com meu amigo logo de cara, e sei que é ciúme também.

Sorrio para todos acalmando os ânimos, pego minha amiga pela mão, pego de volta a chave que havia entregado para o Raj e partimos dali.

E, ao passarmos pela porta onde o Leandro nos deu passagem para nos seguir logo atrás, percebo a Âmica observando-o furtivamente. Dou um risinho, pois já vi aquele olhar milhares de vezes... em mim mesma, quando estava perto do Gui.



— Tive uma ideia — falo olhando para todos dentro do carro — que tal antes de irmos para casa, pararmos comer uma pizza? Não sei vocês, mas eu estou morrendo de fome — socar a vadia exigiu um pouco das minhas energias.

— Eu gosto de pizza — minha amiga diz baixinho, quase um

sopro.

— Eu topo — o Leandro responde empolgado — também estou faminto, além de cansado, com sono..., mas a fome fala mais alto — ri das próprias palavras, enquanto noto a Âmica observando cada movimento que ele faz, com o canto dos olhos.

Vi que o Gui também notou os olhares discretos que ela dá vez em quando, ele sorri de canto, me olha, e fala baixinho quando descemos do carro na pizzaria:

— Eu sei o que está fazendo — beija meu pescoço, me abraçando por trás antes de entrarmos.

— E eu não sei do que está falando — respondo me encostando mais contra seu corpo, já que o caminho até aqui foi torturante. Imaginei mil cenas onde eu usava e abusava do meu tenente, cheguei até me arrepender de propor a pizza, admito que fiz isso para protelar o inevitável, não sou insegura, mas quando se trata do Guilherme eu volto a ser aquela menina apaixonada e boba.

— Só que ela é menor de idade, não é? — pergunta levantando uma sobrancelha — meu amigo não olharia a menina com cunho romântico, ela sendo uma criança ainda.

— Ela acabou de fazer dezoito, então não, não é menor de idade — falo de prontidão — e o Leandro seria um idiota se não a olhasse assim, ela é linda.

— Você é terrível, meu cupido delicioso — morde meu ombro que não está ferido — mas quando entreguei a chave para sua cunhada naquele dia que dormi no seu apartamento, eu jurei que se ela tivesse uns quinze anos seria muito.

— Seu cupido é!... — Comento adorando o som dessas palavras e o significado.

Então entramos, já que os dois estão lá dentro nos esperando.

— Já escolheram o que vão querer? — Pergunto me sentando de frente para Âmica, seguida do Gui, que se senta ao meu lado e de frente para o amigo.

— Eu disse que amo pizza de qualquer sabor, mas essa de abacaxi com queijo? — Âmica comenta torcendo o nariz para o cardápio em sua mão — não me parece apetitosa.

— Você aprendeu bem rápido nosso idioma e a ler em português também — observo, ganhando um sorriso tímido dela.

— O Raj e o Ravi são ótimos professores — ela comenta rindo — bastante rígidos também.

— São dois carrascos nesse sentido, isso sim — falo rindo alto, e decido o sabor que quero.

— Acho que mesmo sendo torturado eu não conseguiria aprender árabe tão rápido — o Leandro fala, apoiado veemente pelo Gui.

— Gostaria de aprender? — a Âmica pergunta para ele — assim podemos trocar conhecimentos, você me ensina palavras que são consideradas gírias aqui no Brasil, e te ensino meu idioma materno, o qual é o árabe.

— Como assim idioma materno? Achei que na Turquia só se fala árabe. — O Gui pergunta.

— Na verdade, os idiomas mais usados no país são o persa e o turco, e nós somos muçulmanos, vindos da Arábia Saudita, que mora na Turquia, por isso entre nós, falamos em árabe — falo respondendo à pergunta do Gui — mas no geral, se você souber inglês, se vira muito bem também — aperto sua mão.

— Eu nasci na Turquia — Âmica fala sorrindo — mas como minha família, e seus agregados sempre falaram árabe, eu o tenho como idioma materno, mas entendo o persa e o inglês fluentemente — diz orgulhosa — agora estou focada no português brasileiro, mas é tão confuso, o que o torna um desafio enorme pelo grau de dificuldade.

— É estranho ouvir alguém dizer que português é difícil — o Leandro brinca — mas eu topo trocar conhecimentos, e aprender árabe — ri aberto, e vejo minha amiga presa em seu sorriso.



— Então estamos combinados — o Leandro fala descendo do carro, quando chegamos a sua casa — quando eu estiver de folga, passo no seu apartamento aprender a falar árabe, e ensinar a menina bonita as gírias da língua portuguesa e seus significados.

Vejo minha amiguinha ficar com as bochechas da cor do tomate.

— Até lá então — falo com um risinho conspirador — sabe que os meninos vão estar presentes nessas aulas, né? Ou a Ayla — pergunto para ela assim que o Gui da partida no carro.

— Claro que sei — suspira como se aquilo não estivesse em seus planos caso pudesse escolher — seria indecoroso se não tivesse nenhum acompanhante.

— Isso foi tão primitivo — o Gui resmunga olhando minha amiga pelo espelho retrovisor.

— É a cultura que seguem — falo apertando sua mão que está na minha perna.

Percebi que desde que nos beijamos na boate, que ele não deixou as mãos longe nem por um segundo, como se necessitasse do toque para saber que aquilo era real de fato.

— Que seguem? Não é a sua também? — pergunta curioso.

— Sim é! Mas só de batismo, não seguimos as regras muçulmanas à risca — olho para ele, descendo o olhar pelo seu corpo, passando a ponta da língua nos lábios, com uma careta bem safada — imagina se fosse o caso, minhas tias e eu seríamos todas apedrejadas em praça pública — gargalho alto, seguida de um risinho zombeteiro da Âmica.

— Seriam mesmo — ela fala baixinho.

E nesse clima descontraído de informações sobre nossa cultura, seguimos para meu apartamento.



— Certeza que não quer ir para minha casa? — Pergunto para minha passarinha ainda beijando sua boca, enquanto entramos no seu quarto tropeçando em tudo, mas agarrados, como dois gulosos devorando a sobremesa favorita.

Quando chegamos, a Âmica foi direto para o quarto que está hospedada, nos desejando boa noite com um risinho sapeca dirigido a Lauren, quase cúmplice. E assim que ela entrou, sumindo de vista, eu puxei minha garota pela cintura, apertando seu corpo com força contra o meu, reivindicando sua boca, louco para sentir mais daquela língua atrevida dançando uma dança erótica com a minha.

Foi assim, que a ponto de entrarmos em combustão, com tanto fogo mútuo, que viemos parar no seu quarto.

Empurro a porta com o pé, e não paro de beijá-la enquanto tento tirar um espartilho de couro que ela usa por cima da blusa, cheio de botõezinhos irritantes nas costas. Minha vontade é de rasgar aquilo e fazer os malditos botões voarem longe.

Mas o esforço vale cada segundo, quando tiro aquela coisa, percebo que a safada está sem sutiã, pois a blusa fica solta, tipo uma bata, dessas de mangas fofinhas, e seus seios ficam livres, redondos, e empinados para mim.

Minha boca enche d'água, levo minhas mãos por baixo da blusa, sentindo a macies de sua pele, passo o polegar em círculos no biquinho, estimulando, deixando-os duros, ela geme enquanto devora minha boca, descendo as mãozinhas pequenas pelo meu peito, puxando minha camisa, e ao contrário de mim que fui paciente com cada maldito botãozinho do seu espartilho, ela puxa a camisa, fazendo os botões voarem para todos os lados, me pondo louco com sua fome, com o desejo cru que vejo em seus olhos.

Ela puxa a blusa que usa tirando e jogando-a em algum lugar no chão, lambe os lábios me olhando com o peito subindo e descendo em uma respiração cortada, falha. Começa beijando meu pescoço, desce

passando a língua no meu peito, mordendo meu mamilo, enquanto as mãos trabalham tirando meu cinto, abrindo o botão e o zíper da minha calça.

— Segundo beijo e primeira transa no mesmo dia? — Achei que fosse querer romance e esperar — digo com um risinho de deboche pela careta que ela faz.

— Tenho cara de princesa da Disney? — Fala torcendo o narizinho arrebitado que tem — e esperar mais? Já espero por você a seis anos criatura, quando cometi a loucura de me apaixonar por um homem mais velho e experiente.

— Por que loucura? — Pergunto afastando o rosto para olhar em seus olhos.

— Porque eu não tinha a menor chance — ela fala impaciente — quer mesmo entrar nesse assunto agora? Sério?

Não penso duas vezes a pegando no colo, e jogando-a em cima da cama.

— Se é assim, melhor não perdermos mais tempo então — comento tirando a calça com o sapato junto, e chutando tudo para o lado, ficando só de cueca boxer preta.

Ela está deitada apoiada nos cotovelos, e seu olhar de pura luxúria desperta o animal no cio que nem sabia existir em mim, subo em cima da cama, escalando por cima de seu corpo pequeno e frágil debaixo do meu. Seguro sua calça jeans pelo cós, puxando de seu corpo com a calcinha junto, deixando-a nua. E a visão que tenho quase me faz urrar e bater no peito gritando “MEU, MINHA”.

Sua boceta está brilhando com sua própria lubrificação, lisinha, pedindo minha boca, minha passarinha safada dobra os joelhos abrindo as pernas para mim, e começa se tocar, separando seus lábios para meus olhos famintos quase saltarem da órbita com a cena. Eu disse... regredi uns dez mil anos agora, porque, minha vontade é de dar um tapa na sua mão para parar de tocar o que é meu, sinto ciúme até dos seus dedos.

Me aproximo com intensão de afundar meu rosto e minha língua naquela delícia rosada, quando sinto seus pés descer minha, boxer conforme me aproximo.

— Com pressa, baby? — pergunto passando a ponta da língua e acariciando o nervinho do seu clítoris que está duro, demonstrando o

quanto ela está excitada.

Ela arqueia o corpo, empurrando seu sexo contra meu rosto, gemendo necessitada, me puxando pelo cabelo, apertando meu rosto entre as pernas.

— G-Gui... oh céus!... eu... q-queró... você... na minha boca também — pede pausadamente com a respiração ofegante e tirando o pouco do juízo que me restava.

Sugo seu clitoris mamando com vontade e enfiando dois dedos em seu canal, me deliciando com o barulho que faz devido estar encharcada para mim. Chupo seu nervinho com uma sucção forte, fazendo com que levante o quadril na cama, choramingando meu nome. E descubro que seu gosto acabou de se tornar meu vício, e sua boceta meu paraíso particular.

— Vem por cima, fode minha boca Tenente — pede sorrindo safada.

Meus olhos brilham de lasciva, nunca imaginei que ela fosse esse furacão como mulher, sabia que o era em personalidade, mas não fazia ideia de que na cama fosse a mesma tempestade.

Então, em um 69 invertido, eu fico de quatro em cima do seu corpo, enquanto ela pega meu pau, apertando a cabeça devagar, como se exprimisse o pré-sêmen, e o coloca na boca, testando, experimentando.

Me retraio todo, para não parecer um moleque e passar vergonha quase gozando no seu primeiro toque, deixo um gemido rouco escapar do fundo da garganta, enchendo minha boca com sua boceta, que agora não dou lambidas suaves apenas, simplesmente devoro, como, chupo, sugo, me esbaldo, enquanto entro e saio de sua boca, realmente fodendo-a, e ao vê-la me aceitando o máximo que aguenta, chegando ao fundo de sua garganta, sem que eu precise pedir, chego perto de quase gozar novamente.

Ela me recebe sem reclamar enquanto entro e saio da sua boca, seguro suas pernas bem abertas enfiando os braços por debaixo de seu quadril, e a cada vez que entro e saio da sua boca eu literalmente me perco comendo sua boceta.

Putá merda, essa menina vai acabar me matando hoje.

Enfio dois dedos dentro de seu canal, entrando e saindo com força, enquanto ouço os gemidos e barulhos de sucção que minha

passarinha faz recebendo meu pau, engolindo até a base. Ela tira meu pau de sua boca e começa me masturbar, chupando e massageando meu saco, enquanto rebola no meu rosto.

— Não para amor... — pede levantando mais o quadril, oferecendo mais de si, se abrindo toda para mim, gozando gostoso, me entregando tudo que pode, enchendo minha boca com seu mel — Gui... — Geme alto, gritando, chamando meu nome, voltando a me engolir até o talo, me segurando pela bunda.

Tiro meu pau de sua boca, pois estou prestes a gozar, mas ela não deixa, me toma de volta, chupando minhas bolas, me masturbando com vontade.

— Assim eu vou gozar linda — falo tenso, me segurando para não gozar ainda.

Quero que ela goze de novo, então volto a chupar sua bocetinha, dessa vez enfiando minha língua dentro de seu canal, raspando os dentes de leve em seus grandes lábios, prendendo com a boca, e circulando sua entrada com a ponta da língua.

Ela aperta um pouco minha cabeça com as coxas, tentando fechar as pernas, mas não permito, quero mais do seu mel.

— Goza para mim meu amor — ela pede me engolindo inteiro quando sente que seu gozo vem com tudo novamente, engasgando-se com meu tamanho, quando novamente me toma até a base e babando um pouco devido à grossura, mas ainda assim, continua me devorando, sigo entrando e saindo de sua boca, fodendo-a gostoso, quando sinto meu gozo vir com força, batendo no fundo, de sua garganta, e ela não para de me chupar, mamando meu pau até não restar nada.

Assim que sinto não restar mais nem uma gota, saio de sua boca, sentando-me, e trazendo-a para meu colo, beijo seu pescoço, subindo pelo maxilar, e mordendo o lóbulo de sua orelha pequenina, falo:

— Deliciosa... e minha... esse foi sem dúvida o melhor oral que já recebi — aperto as bochechas de sua bunda encaixando-a no meu colo.

— Hmmm!... — Geme se ajeitando nos meus braços.

Estou sentado com os joelhos dobrados, e ela está escarranchada, encaixada na minha pélvis, pronta para mim, ainda inebriada com a enxurrada de sensações e orgasmos sucessivos.

Levanto um pouquinho seu quadril, o suficiente para encaixar meu pau na sua entrada, e percebendo o que estou fazendo enquanto cubro seu corpo de beijos, ela mesma pega meu membro e coloca na posição certa, descendo escorregando no meu comprimento.

— Puta que pariu! — Solta um gritinho, mordendo meu ombro, me permitindo entrar inteiro dentro do seu corpo.

Sinto suas paredes pélvicas macias, quentes e escorregadias me estrangularem, apertada *pra* caralho. Quando sinto que estou todo dentro, coloco seus peitos na boca, mamando um de cada vez, sugando e mordiscando os mamilos sensíveis.

Ela me cavalga lenta e torturantemente, me empurra deitado, enquanto se esfrega em mim, masturbando-se conforme rebola no meu colo. Levanto seu quadril, segurando e apertando de cada lado das bochechas de sua bunda, mantendo-a presa em minhas mãos possessivas, enquanto começo meter com força dentro dela. Sentindo empurrar seus limites com a cabeça do meu pau.

— Isso Gui... mais forte... hmm... — pede perdida em seu tesão, debruçando em cima de mim, colocando o peito na minha boca.

Dou um tapa em sua bunda, socando forte, sentindo minhas bolas baterem no seu quadril, saindo até a borda, e entrando com força, batendo fundo em seu corpo. Enfio um dedo em seu cuzinho enquanto ainda meto em sua boceta e mamoo seu peito.

Estou guloso, quero tudo dela ao mesmo tempo, e ela me dá, quando sente meu dedo atrás ela se retrai, mas quase urra de tesão.

— Eu vou gozar — falo socando com mais força e mais rápido.

— Ahh!... — Ela grita mordendo meu peito, suada, descabelada, com o rosto vermelho, quando sinto seu gozo deixá-la ainda mais escorregadia e lubrificada, melando meu pau todinho, e isso basta para me fazer perder o controle.

Tiro de dentro, bem na hora que sinto meu gozo vir, me masturbo no final fazendo espirrar na minha barriga, melando nós dois.

— Nós não usamos camisinha — comento rindo, ao me lembrar disso em cima da hora — eu nunca fiz sem camisinha — digo enquanto ela se joga ao meu lado na cama me olhando incrédula.

— Então como fez a Lili? Com a força do pensamento?

— Para de ser debochada — falo me virando, sobrepondo seu corpo maravilhoso com o meu. — A camisinha estourou — me defendo deixando mordidinhas na carne, e no bico do seu peito.

Acabei de descobrir que mal provei, e já estou viciado em tudo nela, e esses peitos redondos, cheios, na medida certa, feitos para minha boca, com os mamilos rosadinhos, são minha perdição.

— Até entendo a camisinha ter estourado — ri debochada — isso aí não é normal não — a descarada diz apontando meu pau, que só por ser mencionado parece que ouve, como o canto da "minha" sereia em particular, e fica duro na mesma hora.

— Vamos tomar um banho antes que eu te coma de novo — falo me levantando e puxando-a comigo.

— Só se me comer dentro do box — diz sorrindo, e me dá um tapa na bunda, correndo para o banheiro em seguida.

Entro atrás da atrevida, que está com a respiração cortada, perto da pia, e não tem nada a ver com a pequena corrida que fez.

— Por que correu? Vou te pegar de qualquer jeito — falo me esfregando na sua bunda, me encaixando nas suas nádegas quando ela vira de costas para mim.

— Eu sei... você sempre me pega, mesmo eu lutando contra — responde e sei que não está falando do momento.

— Fica comigo? — Pergunto empurrando seu cabelo para o lado, beijando seu pescoço — seja minha, minha garota, minha passarinha, minha mulher, o título que quiser, desde que “minha” venha antes de qualquer palavra.

Ela busca minha boca, jogando a cabeça para trás, contra meu peito, e com esse ato, tenho minha resposta.

Ela sempre foi minha, só não era o momento certo ainda.

Lauren

CAPÍTULO 18



— Bom dia tenente — falo beijando seu peito, esfregando meu rosto nos, pelos rentes dessa parede enorme de músculos, inalando seu cheiro gostoso, me certificando de que não estou tendo mais um sonho erótico com o amor da minha vida.

— Dia — respondeu num muxoxo incoerente, ainda dormindo, e me puxando para seu abraço apertado.

— Que horas você tem que estar no batalhão?

— Só depois do almoço — fala abrindo os olhos, e alisando meu rosto de forma carinhosa. — Fiquei com receio de acordar e ver que estava sozinho na minha casa, e que tudo foi só um sonho, minha mente me pregando peças. — Diz beijando meus lábios de leve. — Por que está com cabelo molhado?

— Por que tomei banho? — repondo com outra pergunta como se fosse óbvio.

— Como assim tomou banho sem me esperar? — Me joga deitada na cama beijando meu pescoço.

Gargalho alto, pois sua barba me faz cócegas, ontem me causou outras sensações em outros lugares, mas agora está arrepiando minha pele como cócegas mesmo.

— Vai lá tomar seu banho enquanto faço um café — falo empurrando-o, ou não saímos do quarto hoje.

— Mas e se eu quiser você para o café da manhã? — Pergunta levantando meu top e abocanhando meu seio.

— Isso é covardia — falo baixinho, mas já descendo a mão em seu membro, sentindo como já está duro, pronto para mim.

Puxo seu rosto buscando sua boca enquanto tenta tirar meu short desajeitadamente e sem sucesso. Então, como o tecido é fino, de modelo largo, ele só empurra para o lado com a calcinha e me penetra

em uma estocada.

Cruzo as pernas em sua cintura, enquanto ele se apoia sob os cotovelos nas laterais da minha cabeça, sem parar de me beijar, entrando e saindo de mim lentamente, me fazendo sentir cada investida, cada centímetro me abrindo, me reivindicando.

Sinto em cada músculo que estamos fazendo amor, calmo, apaixonado, único.



— Bom dia, flor do dia! — Ravi me cumprimenta, entrando seguido do meu irmão e do Raj.

— De onde você tirou isso? — pergunto rindo — que brega.

— Poxa, achei que ia gostar — torce o nariz sentando-se em um dos bancos que tem recostados na bancada que separa a cozinha da sala gourmet.

— Achei que ia dormir fora — Raj fala insinuativo, e olha para meu irmão, que está soltando chispas pelos olhos, como um fio desencapado.

— Mentira! — Acuso estreitando os olhos em sua direção. — Ou não estariam aqui essa hora.

— E se vim pela Âmica? — Ele se defende.

— Ouvi quando ela saiu de manhã, era umas 7:30 h e para estarem aqui agora, nem 8:20 h — olho no relógio de parede da cozinha — é porque ela disse que o Gui dormiu aqui. Acertei?

— Seu tenente já foi embora? — Ravi pergunta pegando a jarra de suco na geladeira e se servindo de um copo.

— O tenente dela ainda não foi — ouço a voz grossa do Gui vindo em nossa direção.

Todos olhamos em direção ao corredor dos quartos, quando um Gui com cara de poucos amigos aparece, vindo para cozinha.

— Achei que entrasse cedo no Batalhão — meu irmão fala implicando com ele.

— Normalmente, sim, mas como chegamos ontem, hoje entramos só depois do almoço.

— Vai querer café ou suco? — Pergunto para o Gui, disfarçando o riso, devido à cara de bobo que meus irmãos biológico e de coração estão.

— Café, anjo, por favor — ele responde com um sorriso lindo, que faz meu pobre coraçãozinho galopar no peito.

— Anjo? — Meus três protetores perguntam em uníssono.

— Pelo menos não é moção — Ravi fala fingindo estar com ânsia.

— Então vocês estão juntos agora? Ou pretende usar minha irmã como uma vadia com quem transa uma noite e dá adeus? — O Cezário pergunta direto e reto, fuzilando o Gui com o olhar mais homicida que ele tem.

O Guilherme estreita os olhos, devolvendo o fuzilamento, suspira fundo e responde:

— Só não soco sua cara pelo desrespeito com minha mulher, porque é irmão dela, e sei que se preocupa. Mas da próxima vez que se referir a ela desta forma, juro que te quebro na porrada sendo irmão ou não.

Com essa resposta vejo os três sorrirem, como se tivessem provocado o Gui de propósito.

— Menos testosterona por favor — peço colocando as coisas na mesa para tomarmos café — e você, se acostuma, pois esses três são assim mesmo — falo dando um selinho no Gui.

— Então Guilherme, você pode contar como fomos treinamentos dos novos recrutas esse ano? Vi lá na boate ontem que vocês estão com uma mulher no time dessa vez? — O Cezário pergunta curioso.

— Sobre o treinamento em si, não posso comentar, mas garanto que a moça é boa, treinou sem diferença dos homens, passou em todos os testes — sorri — teve momentos que apostamos que ela desistiria, mas ela nem sequer baixou a cabeça ou fez cara de dor uma única vez.

— Cascuda ela — o Raj comenta admirado — o Cezário nos contou que esses treinamentos são pesados, bem exigentes.

— São, sim, ali para entrar e ficar, não basta ser bom, sempre dá para melhorar — o Gui fala tomando seu café.

Após uma meia hora de farpas trocadas, quando eu já estava para jogar a cafeteira na cabeça de um, os meninos se entenderam, e agora conversam como velhos amigos.

Homens. Runf! Vai entender a mente deles. Depois falam que somos nós mulheres que somos indecifráveis.

— A Lauren sempre disse que se você fosse um bicho seria um corvo — ouço o linguarudo do meu irmão falar.

— Porque corvo — Gui pergunta me puxando para seu colo com um risinho metido, pois ele viu minhas tatuagens ontem.

Tenho um corvo no ombro esquerdo, e uma águia harpia no direito, um de frente para o outro, e uma *harpia mitológica*^[4] no meio das costas, com as asas sobressaindo pelas costelas, terminando debaixo dos seios.

— Pôr o corvo ser o prenúncio da morte, assim como o BOPE, além de ser uma referência a farda que você usa, que é toda negra — respondo com um sorriso tímido.

— Então esse corvo que você tem no ombro? — Ele começa a perguntar, mas não o deixo terminar e respondo de imediato:

— Sim, fiz porque para mim ele te representa — levanto tirando as xícaras de café para colocar na pia.

— Hei! — Me pega pela cintura, vindo atrás de mim, beijando meu ombro machucado, bem na cabeça do corvo tatuado. — Não imagina como estou me sentindo por saber disso, saber que de certa forma sempre me carregou com você. Porque pelo que me lembro, quando você voltou da Turquia já tinha essas tatuagens.

Sorrio me virando de frente para ele, dando um selinho em seus lábios e puxando-o de volta para mesa onde os outros ainda estão. Já que pelo pouco que percebi de nós dois, nossos selinhos e abraços tendem a acabar com ambos, nus, enroscados, fazendo amor como dois loucos.

— Vou tatuar uma águia, assim te carrego comigo também — comenta enquanto nos aproximamos.

— Terá de fazer a harpia mitológica também, já que a quer com

você, tem que levar o anjo e o demônio — meu irmão comenta rindo, jogando um pedaço de torrada na boca.

— Por que a harpia? Que eu saiba, o bicho que te deram entre os seus foi a águia, não foi? — O Gui pergunta sem entender.

— Isso não é uma história para ser contada agora, muito menos por mim — o Cezário responde misterioso, mas sem graça por saber que deu um fora mencionando isso.

— Outra hora te conto — falo apertando a mão do Gui, que está na minha coxa.

Vejo meus amigos só observando o desfecho da conversa.

— Lauren, bem, na verdade, não viemos aqui para vigiar se você dormiu fora ou não — Raj comenta limpando o canto dos lábios, da mordida que deu na torrada com queijo que comia. — Teremos de ir para casa novamente, mas eu, ou o Ravi, ou se der nós dois, voltaremos o mais rápido possível, só queria saber se poderíamos deixar a Âmica com você mais um pouco.

— É que mesmo com a tia Odessa tendo falecido recentemente, não saber onde a menina está, atrasa o filho da puta do Samir de reivindicar seu troféu. — Ravi fala destilando puro ódio com menção ao nome daquele maldito.

É claro que a reação que tenho sempre que ouço esse nome, não passa despercebida para meu tenente, que me olha com olhos estreitos, curiosos.

— Você sabe que vai me responder cada pergunta depois né? E tenho algumas — Ele fala baixo, quase um sussurro, apertando minha perna de leve.

— Depois... sim... respondo todas, mas agora não sei se conseguiria — digo respondendo sua pergunta me virando para meu amigo.

— Acha que aquele lazarento consegue descobrir que a Âmica está no Brasil? — Pergunto para meus amigos, que se olham entre si.

— Não sei como ele ainda não descobriu querida — Raj quem responde amargurado.

— Estamos tentando persuadir o senhor Cemil a desistir dessa merda toda, mas foi uma promessa de leito de morte, está foda dobrar

o velho — Ravi literalmente rugi batendo na mesa irritado.

— Posso perguntar o que estou perdendo? — O Guilherme pergunta olhando para todos.

— A falecida mãe da Âmica, que o capeta a segure no inferno — o Cezário comenta — deu a mão da menina em casamento para um velho filho da puta, quarenta anos mais velho que ela — range o maxilar de ódio — e ainda fez o tutor das meninas prometer em seu leito de morte, que iria casar a Âmica ainda esse ano.

Vejo saírem faíscas dos olhos do Gui, ele odeia injustiças, não só por ser um oficial da lei, mas por força de caráter mesmo. Todos os rapazes do BOPE (*os amigos dele pelo menos*) são assim.

— Tem que haver algo que possa ser feito para que essa atrocidade não aconteça. — Ele comenta olhando do meu irmão para meus amigos.

— O senhor Samir é o *Emir*^[5] de uma pequena província, muito conhecido e respeitado, então, se colocar contra ele, ou levantar uma palavra em perjúrio seria o mesmo que assinar a própria sentença de morte.

— O que é um *Emir*? O que eles fazem? — O Gui pergunta atento as respostas.

— Vocês conhecem o título por Sheik, no idioma popular — o Cezário quem responde.

— Tem que haver algum jeito de livrar a pobrezinha de um destino cruel desses — o Gui fala mais para si mesmo, que para os outros.

— Vai por mim, tenente, estamos tentando — Ravi responde tristonho.

Fico quieta o tempo todo, somente ouvindo a conversa e maquinando o que posso fazer para ajudar minha amiga.



— Por que estou com a sensação de que você tem muita coisa para me contar? Pergunto para minha passarinha assim que ela fecha a porta, despedindo-se de seu irmão e seus amigos.

— Por que é curioso?

Finjo pensar sobre o assunto e falo:

— Sobre qualquer coisa, que esteja relacionada a você? Sou, sim, muito.

— O que quer saber Gui? — Pergunta sentando-se no meu colo, de frente, com uma perna de cada lado, visto que ainda estou na cadeira próximo à mesa.

— Safada — falo dando um tapa na sua bunda — pergunta isso assim, porque sabe que não vou responder de forma coerente à sua pergunta dessa maneira — falo mordendo seu pescoço, enquanto aperto sua cintura, fazendo com que se esfregue no meu colo.

Visto um jeans, mas ela usa um shortinho de tecido leve, solto e largo, para atormentar ainda mais a minha sanidade. E sei muito bem como ele é fácil de ser colocado de lado, sem esforço nenhum.

— Pode perguntar Guilherme — morde meu queixo — prometo responder tudo — desce as mãos abrindo o botão da minha calça, descendo o zíper.

Quando percebo o que pretende fazer, me levanto com ela ainda no colo, e caminho em direção ao sofá, deixando a calça cair após ter sido aberta, chutando-a para o lado. Coloco minha passarinha sentada, mas ela se ajoelha, tirando a blusinha e o short, ficando nua para mim.

— Você trancou a porta? — Pergunto me abaixando, e capturando seu seio com a boca, circulando o mamilo com a língua.

Minha menina é insaciável, e eu me tornei um viciado nela,

passamos a noite transando, fizemos amor de manhã, e agora estou aqui, louco para me enterrar dentro dela mais uma vez antes de sair para o trabalho. E por mim, nem iria, ficaríamos aqui o dia todo, nos amando feito dois animais no cio.

— Sim! Passei o trinco por dentro, já que meu irmão, têm a chave — responde puxando meu cabelo, debruçando e me apertando, oferecendo mais, pedindo mais.

— Bom... — assopro o bico beliscando com força moderada, fazendo-a se contorcer em meus braços.

— Para de me torturar — pede, sorrindo safada, descendo a mão no meu pau, me masturbando com força, com a mesma força do tamanho tesão que está sentindo.

E a cada pulsar do meu membro, ela geme, buscando minha boca, me beijando como se precisasse disso para se manter viva. Troco nossas posições, me deitando e puxando-a por cima, sem parar de nos beijarmos, ela senta gostoso em mim, travando as pernas nas laterais do meu corpo, gemendo contra minha boca.

— Puta merda Gui! E-eu... — Fala com um gritinho, quando saio quase todo e volto entrar em seu corpo até o talo.

— Isso amor... grita meu nome, será o único que vai chamar a partir de agora — falo mordendo o lóbulo de sua orelha sentindo quando empurro suas paredes com a velocidade de minhas investidas.

Começo a socar ainda mais rápido, amassando sua bunda, fazendo-a gemer, chamando meu nome como um cântico, conforme a fodo sem piedade.

Ela quase uiva quando ainda com ela de quatro em cima de mim, ainda a fodendo com força, enfio um dedo em seu buraquinho enrugado, percebi que gostou da outra vez que fiz isso, e juro que estou louco para fodê-la ali também. Quero marcá-la como minha em cada pedacinho do seu corpo, alma e coração.

— Um dia vou querer foder ele também — digo penetrando o dedo atrás como faço com meu pau na frente, entrando e saindo.

— Sou sua, Gui — diz ofegante, prestes a gozar.

Me levanto com ela no colo, sem sair dela, fazendo com que me cavalgue, segurando suas pernas. Tomo seu peito na boca, prensando seu corpo na parede, começo mamar os dois seios me revezando de

um para o outro enquanto ela me morde o peito, pescoço e unha meus ombros, onde se apoia para ter equilíbrio.

— Harpias são um pouco canibais? — brinco mordendo a polpa do seu peito, deixando a marca da minha boca com um chupão. Marcando de propósito o local.

— Depende da presa — ela responde rindo e rebolando, fazendo meu pau dançar dentro do seu corpo.

— Vou gozar... — digo aumentando a velocidade.

Ela trava as pernas em volta da minha cintura, me impedindo de sair antes de gozar.

— Eu tomo remédio — fala com a respiração cortada — g-goza... *pra* mim, em mim, Gui — pede urrando quando goza, tremendo em meus braços.

— Tem certeza? — Pergunto quando estou prestes a gozar — não que eu não queira filhos seus, mas você ainda é muito nova.

— Tenho — fala aumentando o ritmo de seus movimentos, me levando ao limite — não está nos meus planos ter filhos tão cedo.

Então me solto, esparramando meu gozo em seu interior, lambuzando nós dois com nossos fluidos misturados.

— Eu tenho que tomar um banho e ir — falo com a respiração ofegante, ainda dentro dela, e quando saio, descendo-a no chão, sinto um vazio, uma sensação de que falta algo.

— Diz que tá doente e falta hoje — ri, beijando meu peito — não estou mais na lanchonete, então poderíamos passar a tarde toda assim — aponta de mim para ela.

— Tentador, mas tenho que ir — dou um beijo casto em seus lábios — mais tarde passo aqui te pegar e podemos ir para minha casa antes que seu irmão ache que vou me instalar aqui.

— O que não seria má ideia — comenta mordendo meu queixo.

Tomamos um banho, transamos novamente antes de eu ir para minha casa me trocar com a promessa de voltar para casa dela quando terminar meu turno.

Hoje é o primeiro dia dos novatos, com muita papelada para despachar, vários relatórios sobre o concurso.

Um monte de chatice, mas necessária.



— Soube que enfim se entendeu com a Lauren — o Renan comenta assim que entro na parte que ficam os armários.

— As notícias correm rápido por aqui — falo com o sorriso de orelha a orelha.

— Ah, meu amigo, depois de todos esses anos de espera, vocês merecem ser felizes — o Luiz fala rindo, saindo da ducha.

— Porra Luiz, agora não somos somente nós, vamos dividir o espaço com uma mulher, soldado também, mas ainda assim eu exijo respeito aqui dentro, porra — o Leandro já entra xingando e pelo visto nervoso com alguma coisa.

— Foi mal, esqueci chefe — nosso amigo volta quase correndo para as duchas se trocar.

— Ela vai dividir o mesmo espaço de vestiário conosco? — pergunto achando estranho, pois achei que ela teria algum tipo de privilégio nesse sentido.

— Por que não dividiria? É só vocês se comportarem — o Leandro responde — assim param de ser tão porcos.

— Que bicho te mordeu? Achei que após a promessa de aprender novas “línguas” fosse ficar com um humor melhor — Pergunto para meu amigo me aproximando e rindo da sua cara de bunda quando compreende o que eu quis dizer.

— Não viaja animal — diz me mostrando o dedo do meio — só tô cansado, cara, estressado, sabe quando você sente que não só seu corpo, mas seu psicológico chegou no limite?

— E como sei — respondo com um suspiro — mas logo poderemos sair, como planejavamos a tempos.

— Não sei, mas eu não consigo me imaginar longe disso tudo — o Renan diz olhando em volta. — E isso não vai ser o mesmo sem vocês depois que saírem.

— Você ainda é bebê nesse ramo, meu caro — o Luiz dá um tapa de leve nas costas dele — quando tiver aí uns vinte anos ou mais de profissão, assim como nós, saberá do que estamos falando.

— Boa tarde, rapazes — Nossa nova recruta chega cumprimentando todos com o sorriso de orelha a orelha.

— Bom dia, Amanda — respondo retribuindo o sorriso. Pois hoje acredito que nada tira meu bom humor.

— Antes de mais nada, queria agradecer por não terem me tratado como se fosse frágil, diferindo minhas tarefas, só por ser mulher — fala olhando para o Leandro.

— Aqui não tem disso, Amanda, para ser caveira você tem que dar o seu melhor — ele responde — e não só no treinamento, mas no dia a dia. Como sempre dizemos: ... — sempre dá para melhorar, sempre dá para progredir.

— Você pretende chegar a Coronel um dia? — O Lucas, irmão dela também novato, pergunta entrando na conversa.

Meu amigo fica pensativo por uns segundos, então com um suspiro cansado responde:

— Quem sabe o amanhã? Por isso, vivam sempre o hoje, o agora, pois podemos sair num chamado e não voltar.

— Para morrer, basta se estar vivo, meus caros — o Luiz resmunga torcendo o nariz. — Mas o Capitão tem tendências pessimistas quando está estressado — brinca, e todos rimos, até mesmo o Leandro.

Depois de um tempo de conversa jogada fora, estávamos no pátio, executando um treinamento tático, quando recebemos um chamado urgente do Morro do Cantagalo, ou Pavão Pavãozinho, como muitos conhecem.

Um chamado estranho, mas pela denúncia que havia sido feita, era importante.



Chegamos na comunidade em quatro equipes, recebemos uma denúncia sobre tráfico humano, literalmente para prostituição, já que pelo que ficamos sabendo, as vítimas são garotas entre doze e dezoito anos que estão sendo levadas.

Então viemos o mais rápido possível para cá. O local estava cercado de viaturas da PM quando chegamos, mas ninguém se atrevia entrar sem nosso aval. Nos dividimos em pares, como sempre, o Renan que é meu parceiro, subiu me cobrindo. Porém, hoje, como é o primeiro chamado oficial dos novos recrutas, a Amanda ficou conosco e seu irmão, Lucas, ficou com o Luiz e o Leandro.

— Estamos posicionados em um ponto de acesso livre Capitão, aguardando suas ordens — falo através da escuta.

A Amanda montou o tripé para posicionar o *M40A3*, o *fuzil de precisão* que usamos em operações, abatendo qualquer ameaça, liberando o caminho para os outros entrarem.

— Temos informações de que estão mantendo as garotas no barraco do tal de Zé Cabelo — o Leandro passa a informação, abrindo mais o leque de abordagem.

A operação está tensa, não sabemos quantas meninas estão sendo feitas reféns, nem em que estado físico estão. Digo físico, porque é lógico que psicológico elas estão destruídas.

Invadimos todas as casas que encontramos no caminho, fizemos um verdadeiro pente fino na comunidade, e nada, nem sinal das garotas sequestradas. Mas não vamos desistir, enquanto houver uma casa que ainda não tenha sido revistada, não desistiremos.

— Obrigada por me esperar Capitão — ouvimos a voz da Mell invadindo nosso sistema de escuta.

— Quem é? — A Amanda pergunta confusa.

— Mais que porra Guepardo! O que diabos vocês estão fazendo

aqui? — O Leandro pergunta puto, pois todos ouvimos o ronco do motor de várias motos de fundo.

— Acha mesmo que uma merda dessa acontece no nosso território e sai impune? — Ouço a voz do Dan, mais conhecido como Puma, perguntar.

— Se sabiam do que estava acontecendo aqui, por que apareceram só agora para atrapalhar nosso trabalho? Por que não deram um jeito antes nessa porra? — Nosso Capitão pergunta cada vez mais irritado — precisavam de ajuda? — Ri irônico.

— Só ficamos sabendo agora dessa merda, não que devamos te explicar alguma coisa — a Onça comenta com tom seco, matando o assunto.

— Vocês andam mal-informados então — o Luiz fala rindo.

— Pode parar de gracinha, Sargento — o Dan fala sem o tom de brincadeira dessa vez — o Urso e o Cezário viajaram de manhã para uma emergência, e a Léo recebeu uma denúncia avisando sobre uma encomenda que sairia hoje daqui, por isso nos mandou limpar essa merda.



Um bom tempo se passou, já havíamos feito um rapa em quase 100% da comunidade, fora os bichos que estavam varrendo tudo do jeito deles por trás dos bastidores. Quando a voz atrevida da Onça ecoa nas escutas:

— Só eu estou achando que fomos tapeados e feitos de palhaço? Que não tem porra nenhuma aqui?

— Mas porque alguém faria isso? E não só com vocês, já que também nos chegou uma denúncia vindo da comunidade — o Leandro responde, pois eles ainda estão conectados à nossa transmissão — e, quando terminarmos aqui, preciso conversar com a Camille sobre sintonizar a nossa frequência.

— Não coloca nossa abelha no saco — o Dan pede referindo-se a Camille, já que seu apelido entre eles é abelha, e rindo com a piada sobre como operamos, a mesma mencionada no filme Tropa de Elite, onde o BOPE enfia um saco plástico na cabeça das vítimas quando vão

interrogar — nós que pedimos para ela nos manter na frequência das suas escutas.

— Alfa 1, todos em retirada — o Leandro fala puto, pois se isso foi distração é porque algo ruim estava acontecendo em outro lugar.



— O que foi aquilo na comunidade? — a Amanda pergunta — Porque eu juro que não entendi nada do que aconteceu hoje.

— Entra na fila princesa — o Renan fala entrando na cozinha que temos no batalhão.

Estamos frustrados, não por não ter tido ação nenhuma, mas porque quando algo assim acontece sempre é distração para algo maior e muito fodido. E ficar no escuro dos fatos nos deixa a ponto de explodir.

— Tivemos uma denúncia anônima, certo? — o Lucas pergunta — não tem como rastrear? Tem que ter um jeito.

— Ter como rastrear tem, mas seria ilegal, não é? — a Amanda questiona mordendo uma maçã.

— Sim, seria — Respondo enquanto descasco uma laranja, escalpelando a pobre fruta, de tanta raiva que estou, me sentindo tapeado, mas acredito que a sensação que mais está incomodando, é a de não saber os motivos reais por detrás do trote.

— Vocês vão falar quem eram aquelas pessoas nas escutas? — A Amanda pergunta curiosa — porque parece que o Capitão ficou bastante irritado quando eles apareceram.

— Também gostaria de saber — o Lucas, seu irmão, fala encostando no encosto da cadeira que está sentado.

— São mais conhecidos como os felinos da cartilha do jogo do bicho. Tomam conta de mais da metade das comunidades do Rio, "mantendo o equilíbrio" segundo eles — respondo fazendo aspas com os dedos.

— Mas como eles conseguiram invadir nossa frequência? Ou... reformulando a pergunta: — Como vocês os conhecem e

aparentemente são amigos se são criminosos?

— Eu não os chamaria totalmente de criminosos, estão mais para um bando de justiceiros com as próprias mãos — o Renan brinca — A alguns anos sequestraram a prima do Guilherme e a filha do chefe deles, o difamado Urso Branco — fala colocando muito drama nas palavras — desde então, desde que soubemos a forma que operam, eles não atravessam nosso caminho e os deixamos em paz.

— Sem contar que agora o Guilherme, além de ter a prima casada com o Urso desde daquela época, está namorando a filha do homem, que se tornou uma linda mulher — o Luiz completa me olhando com zombaria.

— Vai se foder — falo meio que rosnando para meu amigo, jogando casca de laranja nele.

— A mesma moça que desceu a porrada na outra na boate? — Amanda pergunta rindo — já gostei dela, essa é das minhas — comenta tomando sua água — não aceita esse tipo de audácia.

— Minha namorada é bastante ciumenta — falo rindo feito bobo, adorei como soou a palavra “namorada” para definir minha passarinha, e mais ainda, o minha na frente.

— Namorada? Se acertaram? — o Leandro pergunta sorrindo — percebi mesmo as trocas de olhares dentro do carro.

— Vocês haviam brigado? — a Amanda pergunta — tipo para se acertarem.

— Não! É só que nossa história sempre foi complicada — respondo com um sorriso amarelo.

— Vocês estão chegando agora — o Renan fala rindo divertido — ainda vão conhecer o pessoal e entender nosso caso de amor e ódio.

— Você quem tem caso de amor e ódio com os bichos, seu idiota — dou um tapa de leve na cabeça dele de brincadeira — desde que achou de “ter um caso” com a Camille.

— Só eu sou culpado né? — Ele pergunta torcendo o nariz em uma careta de desagrado — o Leandro não conta quando namorou a Mell?

— Você disse bem meu caro “namorei” ficamos quase dois anos juntos — nosso capitão se defende — não fiquei meses trepando com

ela e cai fora depois.

— Por mais que me doa admitir isso, mas foi ela que me chutou — faz um bico como se fosse criança.

A Amanda e seu irmão, Lucas, só observam a discussão, e riem com os comentários.

— Por que será que ela te meteu o pé na bunda né? — Falo rindo dele.

— Porque aquela ingrata não sabe apreciar esse pedaço de homem suculento que sou — ele fala passando a mão no próprio corpo.

Com isso todos caímos na risada, e passamos o restante da tarde treinando artilharia.

Até que quando chegou à tardinha, quase anoitecendo, a Camille apareceu no Batalhão me procurando, autorizei a entrada dela para além de nossos portões, curioso, pois ela nunca veio aqui antes, mas o que deixou todos alarmados, foi que ela estava em prantos tremendo igual bambu de nervoso.



HORAS ANTES

— O que vamos fazer de bom hoje? — Âmica pergunta zapeando a Netflix, procurando algo para matar o tempo, mas pelo visto e pela cara de frustrada que está, sem encontrar nada.

— Pensei em irmos ao shopping e depois na academia — respondo indo até ela na sala e me sentando ao seu lado, abraçando a almofada.

E lógico, minha mente me leva automaticamente as lembranças de hoje de manhã, quando eu o Gui, fizemos amor nesse sofá, disfarço o risinho bobo, mas é impossível não me arrepiar inteira, querendo muito que fosse ele e não minha amiga aqui.

— Shopping é uma boa — ela responde distraída com o que vê na TV, e dou graças a Deus que não percebeu para onde minha mente poluída me levou.

Hoje de manhã, logo após saírem daqui os meus amigos retornaram para a Turquia e, meu irmão com a esposa, viajaram com meu pai e a tia Nat. Não perguntei para onde.

Enfim, vou pedir ao Gui se ele pode fazer companhia para Âmica, ou se poderá mandar um dos amigos, apenas até eu retornar da faculdade. Não confio deixá-la sozinha, e meus tios estão em Arraial, na nossa ilha.

— Vou gostar de ir ao shopping, quero comprar umas roupas novas — ela comenta animada.

— Aquela história de você ensinar o Leandro a falar árabe era sério? — Pergunto curiosa, meio saindo do assunto do nosso passeio.

— Sim, por quê? Ele disse que não quer? — Disfarça a chateação com a hipótese, mas percebo seu semblante cair.

— Ele não disse nada Amy, estou perguntando por que me lembrou quando meu pai e a tia Nat se conheceram, ele se dispôs a ensiná-la o árabe também — falo rindo com as lembranças — e dessas aulas nasceu um amor lindo e o Isaac anos depois.

Ela olha-me espantada e eu rio da sua reação.

— Não disse que iria ensiná-lo com segundas intenções, Lauren — se defende, mas a vermelhidão em seu rosto desmente a cara de pau sem dó.

— Ahan!... Sei! — respondo rindo de canto — vamos nos trocar, que sete horas tenho que estar no Curso e já são quase meio-dia — falo me levantando seguida por ela — podemos almoçar no shopping mesmo.

— O que posso vestir sem parecer ser de outro planeta?

Não aguento sua pergunta e gargalho alto.

— Jeans e blusinha? Vem te ajudo, e podemos aproveitar e renovar seu guarda-roupa, não só comprar algumas peças novas — falo puxando-a para meu closet, porque no dela só tem vestidos tradicionais da cultura turca e vários hijab.

Uma hora depois e estamos prontas, entrando no carro a caminho do shopping.



— Como eu não conhecia essa delícia? — Âmica pergunta enquanto devora seu segundo cheesecake.

— Só pega leve ou terá que fazer exercícios comigo para não virar uma bolinha — brinco, pois vi que ela pediu mais dois para viagem, disse que para comer a noite.

Vimos na lanchonete que eu trabalhava, que realmente serve o melhor lanche da cidade. Notei que fizeram algumas mudanças no local, e que a Bia não está aqui hoje, ou é folga dela, ou ela saiu também. Estamos sentadas conversando sobre planos futuros, quando vejo a Camille chegar como se estivesse perdida no meu bairro.

— Não voltei trabalhar aqui, se veio verificar pessoalmente —

brinco olhando-a se aproximar.

— Você sumiu, perdi seu sinal, e como seu pai e irmão estão viajando e seus tios estão em missão, vim pessoalmente verificar se está tudo bem.

— Conta outra — falo rindo — como assim sumi? E meu rastreador? Missão? Que missão? — Pergunto de uma vez, sem respiro.

— Calma gata, respira. Por que acha que vim pessoalmente? Simplesmente perdi o sinal, aí, vim na caça do GPS do seu carro. — fala rindo — e não sei quem denunciou uma operação de tráfico humano no Cantagalo para Léo, e ela mandou os gatos na comunidade. Mas não me pediu para verificar nada sobre a informação — fala com uma careta nítida de desagrado — *tô bem bolada* com isso.

— Isso é normal? — Pergunto preocupada — não implantei essa coisa que coça pra caralho para não funcionar.

— Não, mas vou resolver — responde pedindo um suco — é que antes o Hemerson quem cuidava dessa parte, da manutenção dos rastreadores, digo, e agora com ele morando em São Paulo e o Luan viajando com sua tia, tô meio sobrecarregada.

— Vamos ao shopping depois — Âmica comenta toda, sorrisos — por que não vem conosco?

— Bem que estou precisando comprar umas coisinhas — Camille responde torcendo o nariz pensativa — eu topo, assim não perco vocês de vista.

— Roupas e sapatos Camille — falo pedindo a conta — você está proibida de ver qualquer coisa de computador entendeu? Dia de meninas.

— Sex Shop pode?

— E você acha que vou fazer o quê no shopping? — respondo com risinho safado — preciso comprar uns brinquedos novos, ainda mais agora que enfim tenho o homem que sempre quis comigo. Nunca vou deixá-lo enjoar de mim.

— Tá falando do tenente? Como assim sou a última a saber?

— Achei que o Renan já tinha dado com a língua nos dentes —

comento enquanto vamos para o carro.

— Brigamos da última vez que nos vimos, não estou conversando com aquele idiota.

— Quem é Renan? — Âmica pergunta entrando no meu carro enquanto a Camille vai para o dela.

— Um dos amigos do Gui, que trabalha com ele.

— Aquele moreno alto que estava com o Leandro na boate?

— Não, aquele é o Luiz.

Vejo um brilho diferente em seu olhar ao comentar do Leandro, mesmo que ela tente disfarçar, e um sorriso curioso da Camille olhando minha amiga.

— Renan é o mais novo entre eles, traidor, delicioso, irresponsável, gostoso, e incrivelmente convencido do bando — a Camille fala irritada.

— Tá por fora, agora entraram mais dois soldados novos e ele perdeu o título de mascote do time — brinco enquanto entro no carro também.

— Ele é seu namorado? — Âmica pergunta.

— Ex.

— Ex o caralho — falo rindo olhando para Camille. E a safada está rindo disfarçadamente.

— Não quero falar sobre isso agora — fala entrando no seu carro, mas para com minhas palavras:

— Olha, não sou de defender ninguém, muito menos dar palpite em briga de casal, mas a última coisa que qualquer um dos meninos do BOPE são é tudo isso aí que você xingou o Renan, tirando as partes do delicioso e gostoso, porque isso para mim só o Guilherme que é.

— Eu sei. — Diz com um suspiro. — Podemos mudar o foco da conversa? Eu realmente não tô a fim de falar sobre isso — diz realmente entrando no carro e fechando a porta.



Após algumas horas, muitas lojas percorridas, e mil sacolas, incluso de lingerie e sex shop, fomos para a academia, ainda dava tempo de uma horinha de exercício para queimar o tanto de sorvete e milk shake que tomei hoje.

Estou ansiosa para experimentar cada lingerie nova que comprei para meu tenente hoje à noite. E lógico, torcer para não aparecer nenhum chamado de emergência, e eu possa tê-lo só para mim, dentro de mim a noite toda.

— Não seria melhor deixar as sacolas em casa antes? — Âmica pergunta com nítida intensão de fugir, pois falei que hoje ela ia me acompanhar pelo menos na esteira.

— Depois levamos, aí, já guardamos tudo — digo parando no estacionamento da academia que meus tios Felipe e Fernando têm aqui no bairro — a Camille vai ficar te fazendo companhia hoje até eu voltar do curso, tudo bem?

— Claro, ela é ótima. Bem divertida — comenta sorrindo.

— Sei que ela não chega nem perto da companhia do Capitão, mas... depois falo com o Gui e vejo se ele pode cuidar de você enquanto eu estiver em aula amanhã.

— Não sei de onde tirou essa história, Lauren — reclama, mas não consegue esconder o brilho nos olhos com menção de ficar amanhã sob os cuidados do Leandro.

— Dessas bochechas vermelhas e desse risinho de menina safada?

— Não tenho risinho de safada — reclama fingindo estar brava.

Quando descemos do carro, tudo acontece muito rápido, mal coloco o pé para fora, e sinto algo úmido no meu rosto, me fazendo apagar. Só me lembro meio vagamente do grito da Âmica e tudo escureceu. Estou travando uma luta comigo mesma, pois não vida diferente quando estacionei.



— O que aconteceu Camille? — Pergunto nervoso, já que ela vem na minha direção assim que desce do carro, após entrar em nossos domínios, ela vem aos tropeços e em prantos. Nunca a vimos assim, até o Renan que já namorou a menina está assustado, vindo até nós, preocupado.

— N-não deu tempo de nada t-tenente, eu tentei, gritei, mas não deu tempo — fala soluçando de tanto chorar. — Levaram elas, e não tenho para quem ligar, o Urso tá viajando, o Cezário foi junto, e os gatos estão em missão — fala segurando meus braços, buscando apoio em mim.

E pela menção ao pai, irmão e tios da Lauren, deduzo de imediato que é dela que a Camille está falando, ou não estaria aqui, não viria pessoalmente até o batalhão, já que nem quando namorava meu amigo nunca veio aqui.

Ela brincava que perigava não poder mais sair caso entrasse.

— Senta aqui, me diz, o que aconteceu? — peço tentando manter a calma, mas *tá* difícil.

— Eu passei o dia no shopping com as meninas, a Lauren e a Âmica, e quando fomos para a academia, assim que chegamos, a Lauren mal teve tempo de descer do carro — fala disparado sem parar para respirar — vi quando acertaram a Âmica na cabeça com uma coronhada, e apagaram a Lauren com alguma coisa. Tentei gritar, atirar nos pneus, mas não deu tempo — me olha com os pensamentos longe — eles foram muito rápidos.

— Como era o carro? — o Leandro pergunta.

Estamos todos parados em volta dela, não somente o pessoal da nossa equipe, mas os outros soldados também, a garota chegar em prantos no batalhão pedindo ajuda, mobilizou até nosso Coronel.

— Eu peguei a placa capitão, mas sou só a garota do TI, não sou

soldado de campo, não sei o que fazer além de mantê-los informados, nem mira para atirar na droga do pneu eu tive — faz um bico e começa a chorar novamente.

Ela tem um rosto angelical, apesar de já ter mais de vinte, passa sossegado por quinze dezesseis ainda, lembra aquelas bonecas de porcelana de tão frágil que é sua aparência, e que agora está um pouco deformada devido o inchaço dos olhos, por conta do choro compulsivo e a vermelhidão da pele.

— Então mantenha-nos informados garota do TI — o Coronel pede dando a mão para ajudá-la a levantar.

Eu, o Leandro, o Renan e o Luiz, nos entre olhamos, pois apesar das circunstâncias não sei se seria confiável colocar a Abelha sentada em frente nosso sistema. Mas é minha passarinha quem está em perigo, eu colocaria a Abelhinha até dentro da secretaria de segurança se for preciso para encontrar o amor da minha vida.

— Que missão os tios dela estão? — pergunto só para ela ouvir.

— Tráfico humano no Cantagalo, a Léo recebeu uma denúncia, o que achei bem estranho, mas como ela disse que o informante era quente, e que eu não precisava pesquisar, eu foquei minha atenção em outros trabalhos — fala disparado sem parar para tomar fôlego.

— Passaram informação falsa para ela, e assim tiraram os gatos do caminho — o Leandro fala rangendo o maxilar de ódio.

— Por que diz isso? — Ela pergunta com os olhos arregalados. — Quem seria idiota o suficiente para cometer uma estupides desse tamanho?

— Porque não tinha nada lá. Seus preciosos gatinhos saíram putos do local. — O Renan quem responde baixo também. — Nós também recebemos a mesma denúncia e montamos uma operação no morro. Mas não encontramos nada.

Estamos praticamente cochichando até chegarmos na sala de TI do batalhão.

Vejo quando sua mente começa a trabalhar, processando as informações que acabou de ouvir, então começa a chorar copiosamente de novo, e até tremer um pouco, acredito de nervoso.

— Liga para Léo, por favor? Diz que estou aqui a pedido seu, assim o meu não entra na reta por estar dentro do batalhão — ela

pede segurando minhas mãos.

— Ligaremos, pode deixar, cuidaremos de você abelhinha — o Leandro fala sorrindo. E saímos da sala, deixando-a com o Coronel e os soldados que cuidam dessa parte aqui. Mas que apesar de serem bons, não chegam no chinelo da Camille, a qual é uma, hacker profissional.

Nem precisamos ligar, meu celular tem umas duzentas mensagens, esse povo exagerado até criou um grupo no whats e me colocaram para falarem de uma vez, me deixando louco, fiz a merda de abrir a porra do grupo, mas não li nenhuma mensagem. Porém, quando apareci online nessa bosta, meu telefone começou tocar na mesma hora, era a Léo, ou Leopardo, a chefona da gataria, e tia da Lauren.

— O que no inferno a Abelha está fazendo dentro do batalhão do BOPE? Não vai me dizer que vocês a pegaram?

— Boa tarde para você também, Léo — digo de má vontade. De todos os gatos, ela é a mais perigosa, e não só por isso, é a mais reclusa e insuportável também. — Não pegamos ninguém, ela achou que vocês estavam em missão, e devido ao ocorrido, me procurou pedindo ajuda, então a trouxemos para cá, para mantê-la em segurança.

— Que ocorrido? Explique — fala seco, e percebo que está no viva voz, e que todos estão ouvindo.

Então narro tudo o que a Camille nos falou, e o que ela está fazendo agora, agoniado, sinto meu peito sufocar, e óbvio que a gata velha percebe.

— Por que ela procuraria você por algo que aconteceu a Lauren?

— Porque estamos juntos, porque a Lauren é oficialmente “minha mulher”, e porque achou que todos vocês estavam em uma missão, o que foi um enorme trote para desviar nossa atenção — falo com um suspiro cansado. — Quem passou essa informação para você e ligou solicitando nossa presença com a mesma denúncia, fez para nos tirar do caminho.

Silêncio.

Foi assim que a ligação ficou após eu assumir com todas as letras que estou com a Lauren, e que todos fomos feitos de palhaços hoje, incluso ela.

— Estamos indo buscar a Abelha, e seja lá para onde as informações dela mandar vocês, fique ciente que estaremos na cola das viaturas, quer vocês queiram ou não. — Ela fala e desliga a chamada.

— A Léo é casca-grossa mesmo — o Renan comenta olhando o celular na minha mão, mas é fiel aos seus.

— Nós vamos encontrá-la Guilherme — a Amanda diz se aproximando — pelo que vocês comentaram da sua garota, ela é durona, vai aguentar até chegarmos.

Olho para todos, paro na Amanda, e aceno afirmativo com a cabeça, pois se abrir a boca para falar algo é bem capaz que eu comece a gritar e não pare mais.

Meu treinamento policial, minha disciplina, me diz para me manter calmo, com a situação sob controle, mas meu coração está em pedaços sem saber o que pode estar acontecendo com minha garota, estou a um triz de explodir e mandar tudo para o caralho e seguir seu rastro feito um louco.



— Que merda aconteceu aqui? — o Leandro pergunta entrando no nosso vestiário.

Depois que sai de perto de todos, logo após finalizar a ligação com a Léo, entrei no vestiário, e num acesso de fúria e pura frustração, quebrei meu armário, chutei uns bancos, e agora estou sentado no chão recostado na parede, puto, me sentindo impotente, apavorado em pensar o que pode acontecer com minha garota, enquanto estou aqui, aguardando informações.

— Eu preciso dela comigo, cara, nos meus braços e segura — falo sentindo os olhos arderem, mas sem conseguir derrubar nem uma lágrima.

— Nós vamos encontrá-las — ele responde sentando-se ao meu lado.

— Sabe que não vai sobrar muito de quem teve essa audácia né? — E tô pouco me fodendo se vou responder por algo depois.

— Calma Guilherme, a Camille vai conseguir rastreá-las, afinal, a Lauren tem a porra de um rastreador, não tem?

Fico mais esperançoso com as palavras do meu amigo, mas a sensação de ter o coração esmagado dentro do peito, e o pânico que está me consumindo a cada maldito segundo que passa, imaginar o que pode estar acontecendo com minha passarinha, está me destruindo.

— Ela encontrou o carro que levou as meninas — a Amanda entra falando, correndo eufórica no vestiário, e trava na porta, olhando o estrago que fez. — Vamos buscar sua mulher tenente — ela diz sorrindo fraco — mas ela vai precisar de você com a mente inteira, porque obviamente a dela estará em pedaços — olha mais uma vez em volta, e sai dali, voltando para sala de comando.

— Concorro com ela, agora, vamos buscar as meninas — o Leandro fala se levantando e me dando a mão em apoio para que eu saia desse estado de pânico.



— Não estou conseguindo ativar o rastreador da Lauren, mas através do sistema de vocês consegui acessar as câmeras de trânsito, e pela placa, achei o carro que levou as duas — Camille comenta teclando o mais rápido possível, deixando os dois soldados que trabalham nesse departamento com os olhos brilhando encantados, e o Renan com os olhos brilhando de ciúme. — Também consegui a identificação do motorista, e ele está no sistema, tem uma ficha bem extensa, inclusive a participação em um grupo terrorista que atua com sequestros e tráfico humano.

— Fica melhor a cada palavra — Jonathan, o soldado que cuida da parte operacional, comenta fazendo uma careta de desagrado.

— Isso pode ter a ver com a denúncia de tráfico humano no Cantagalo hoje de manhã? — o Leandro quem pergunta, olhando os monitores.

— Eu tenho certeza de que tem — ela responde digitando uns pares de números não sei para que. — Consegui! — Praticamente grita passando as mãos no rosto, tensa.

— Conseguiu o quê? — o Jonathan pergunta curioso, arrastando sua cadeira até ela e olhando a tela que ela está monitorando.

— Ativei a porcaria do rastreador da Lauren — responde olhando para mim — ela está no porto, o sinal está bem fraco, mas aponta em algum lugar lá dentro — fala mostrando um ponto piscando na tela.

— Que porto é esse? — Pergunto me aproximando para ter uma noção melhor no mapa que está aberto na tela.

— Levaram elas para a *Multi Rio*^[6], agora não sei se estão exatamente lá, ou se estão só se preparando para pegar a Rio/Niterói e sair do estado — ela responde torcendo o narizinho arrebitado, voltando a teclar sem pausa para os dedos.

— Montaremos dois pontos de operação — o Comandante fala repassando as ordens, uma equipe vai para a *Presidente Costa e Silva*^[7] e outra para o Porto, na ponte ninguém passa, nenhum carro, nem que seja somente civil, e no porto eu quero cada contêiner revirado e revistado.

Saímos da sala e vamos nos preparar, essa, além de ser uma operação foda, pois estamos no escuro sobre o que esperar, é a missão da minha vida, porque é para salvar minha garota que estou me preparando.

— Não te deu um Déjà vu essa merda toda? — O Luiz pergunta enquanto fecha o colete terminando de colocar a farda.

— Você fala da vez que sequestraram minha prima? — Pergunto engolindo a sensação de pavor de que algo aconteça a Lauren. Me lembrando dela encolhida, machucada e amarrada no porta-malas do carro do Rocha no passado.

Quando ela tinha somente treze anos, foi sequestrada junto da minha prima, para afetar o Urso, pai dela, e quem a encontrou trabalhando por detrás dos bastidores fui eu. Morro, mas nunca vou esquecer do pavor em seu rostinho infantil naquela época, do medo de que minha prima tivesse morrido, e de como se agarrou em mim, como se dependesse daquele contato para sobreviver.

— Deste dia mesmo.

— Deu — suspiro mentalmente cansado.

— Prontos? — O Capitão pergunta saindo, seguindo para as

viaturas e o caveirão.

Meu celular toca, olho no identificador e vejo piscar “Gata Velha” e sei ser a Léo, pois foi como salvei seu contato desde que ela ligou agora pouco.

— Fala — digo assim que atendo.

— A Camille nos colocou sintonizados na mesma frequência que você e sua equipe, somente vocês, não tenho o menor interesse no que os outros irão fazer, pois sei que você é quem vai me levar até nossa águia — fala, e posso ouvir um muxoxo de fundo, dos outros gatos — o Urso e o Cezário estão voltando, acho que já estão chegando, pelo tempo que avisei que ela foi levada.

— Onde vocês estão agora? — Pergunto entrando na viatura.

— Na entrada que dá acesso ao batalhão, de frente para uma placa ridícula de bem-vindos, nos mandando não fazer movimentos bruscos — ela fala com desdém e ouço risos de fundo.

— Achei que vocês fossem caveiras não cachorros para não poder fazer movimentos bruscos perto de vocês — ouço a voz do Felipe comentar rindo alto de fundo, seguido de vários outros.

Resmungo um xingamento, falando em seguida:

— Estamos saindo, nos sigam, mas não sejam vistos, não estamos indo sozinhos.

— A Camille nos disse que aquela porra de tráfico humano da denúncia de hoje está relacionada a isso.

— Sim, está, estamos seguindo para o local onde o rastreador da minha garota está identificando sua localização.

— Ainda precisamos conversar sobre essa “sua garota”, mas agora o objetivo é buscar nossa menina. A Camille está saindo com vocês? — a Léo pergunta.

— Não, ela vai auxiliar a operação do nosso centro de comando.

— Merda! — Se após isso acabar ela não sair daí sem nenhum arranhão, te esfolo vivo Leandro — a Mell ameaça pela escuta.

— Não sei de quem, nem de que está falando, Melissa, já que a ligação não estava no viva voz, mas se for da Abelha não se preocupe, ela está se divertindo bastante hackeando nosso sistema — ele

responde.

— Por que acha que ela faria isso? — o Dan pergunta rindo.

— Porque conheço aquele pequeno rato de computador a quase dez anos — ele responde com um sorriso irônico — e me lembro perfeitamente de uma vez que ela comentou que seria um parque de diversões o dia que conseguisse pôr os dedos nos teclados do nosso sistema operacional.

Após começarmos a falar pelas escutas, a Léo desligou a chamada. E quando saímos do Batalhão, eu vi as motos paradas, dispersas na rua que dá acesso ao nosso portão, e a Léo com três motos ao lado da dela, na curva que a estrada faz para continuar a subida da ladeira, a qual é a rua. Campo Belo.

Conforme passamos vejo as motos nos seguindo, estou tenso, tô pouco me fodendo para quem vem atrás de nós e quem não, só me importa ter meu amor nos meus braços, segura e bem.

Lauren

CAPÍTULO 23



Acordo zozna e enjoada, com um gosto nojento, meio adocicado na língua.

— Âmica? — Chamo minha amiga, tentando focar minha visão para saber onde estou.

Sinto suas mãos em meu braço me ajudando a me sentar, já que estava deitada em um chão gelado, de metal, pelo que parece.

— Estava preocupada, você demorou para acordar — ouço sua voz responder em árabe. Não entendo por que falar em seu idioma natal, ela deve estar muito nervosa, mas como desconfio até da minha sombra, respondendo em árabe também.

— Acho que exageraram em sei lá o que me deram — digo passando a mão no rosto, tentando limpar a mente e a visão que ainda está muito embaçada.

Olho em volta, mas a escuridão do local é intensa, não vejo um palmo à minha frente, só ouço a voz da Âmica, e sei que está à minha esquerda., também pelo calor que seu corpo emana, além-lógico que ela está segurando meu braço esquerdo, tão forte que acho que nem se deu conta

Levanto e começo andar no local, tateando as cegas à minha volta, sinto o ferro das paredes em minhas mãos, e o barulho do latão sob meus pés. Fora um cheiro insuportável de merda, urina, sangue e putrefação.

— Acho que estamos em um contêiner — falo colocando o ouvido nas paredes, para tentar ouvir alguma coisa, mas o silêncio do lado de fora é assustador.

— Quando acordei já estava escuro desse jeito.

— Temos que dar um jeito de sair dessa merda, aqui não tem oxigênio suficiente por muito tempo — falando passando as mãos nas paredes dessa caixa de metal que estamos procurando saídas de ar,

sem encontrar nenhuma.

— Estou com medo, Lauren — ouço a Âmica falar com a voz embargada pelo choro. Quando ouvimos o trinco ser aberto e barulho de correntes do lado de fora, como se estivessem sendo puxadas.

— Ora, ora... não é que as meninas acordaram! — Vejo para minha total repulsa e gana de ódio, o Galo, um dos bichos do meu pai, o desgraçado que cuida do Morro do Cantagalo, entrar, e posso ver com a luz parca que entrou de fora, que estamos em um contêiner de fato.

E para meu espanto, quase me fazendo vomitar ali mesmo, no canto deste caixote de metal, vejo o motivo do cheiro podre que senti. A pouca iluminação que vem de fora nos permiti ver o corpo de uma garota, ainda viva, mas por pouco tempo, pelo que dá para constatar, na verdade, não sei como ainda está viva no estado em que se encontra, ela está jogada como uma boneca usada, literalmente toda arregaçada por baixo, emendando seus órgãos genitais, e toda ferida, tirando as partes necrosadas.

Apesar de estar quase desmaiando com a cena, e por um respiro de vomitar as tripas, eu consigo me manter firme, já a Âmica literalmente vomita até os bofes ali. Seguida de um choro convulsivo.

Aquela garota foi brutalmente violentada sexualmente, e abandonada ali para morrer, não sei como ainda não morreu. Percebo a secreção da pele, mostrando que ainda estava viva, o que não aconteceria se ela estivesse morta.

— Recebo a encomenda de pegar uma putinha fujona e não é que ganho na loteria, e ninguém menos que a águia vem junto — o imbecil se vangloria, achando que vai sair vivo daqui.

— Você sabe quem sou... então sabe o que vai te acontecer quando eu sair daqui. — Falo entre os dentes, amparando minha amiga, que está tremendo feito um pinscher.

— Você acha que vai sair? Que fofo da sua parte coisinha. Mas sinto te informar — estala a língua como se pensasse em algo fenomenal — você daqui, será entregue para meu contratante, que paga muito mais que o filho da puta do seu pai.

Cuspo em seu rosto quando ele se aproxima o suficiente, por dizer isso e lógico, levo um tapa tão forte no meio das fuças que quase caio de lado, pois meu corpo se desequilibra. Mas “quase” não é cair, e no segundo que me recupero, sem dar tempo dele se afastar, passo a

rasteira nele, fazendo com que caia feito uma jaca podre no chão.

Me desvencilho da Âmica e subo em cima do filho da puta, sem dar tempo dele se levantar, e toda minha raiva do momento de merda que estamos, eu descarrego nele. Acerto uns bons socos na sua cara de galinha nojenta, mas levo uma cabeçada na boca, que foi onde ele conseguiu acertar, tão forte que sinto a pele interna dos lábios rasgando.

Com isso rolo para o lado, mas não antes dele conseguir me dar um chute no meio da barriga, daqueles que fazem o estômago grudar nas costas. Levanto, pronta para um contragolpe, quando a Âmica pula nas costas dele mordendo seu pescoço igual cachorro, e a bicha tem força na mandíbula, porque a dentada que dá nele arranca sangue, mas por não estar acostumada a isso, e ser puro instinto de autodefesa, ele a joga longe, fazendo com que caia em cima do corpo podre, ela rola para o lado até meio verde, aos gritos, e sai engatinhado para o outro lado do cadáver.

Me aproveito de sua distração para meter o pé com toda força em seu baço, fazendo-o se virar para mim, e quando está de frente, me acerta um soco no rosto perto do olho direito. Eu aproveito seu descuido de poucos segundos e dou outro golpe com o pé, agora de frente em seu joelho, fazendo-o dobrar ao inverso, estourando o ligamento e o osso da rótula.

— VAGABUNDA DESGRAÇADA — ele urra de dor, caindo no chão com esse golpe.

— Vagabunda é a cadela que te colocou no mundo seu lixo — respondo dando uma cotovelada com toda força que tenho na sua nuca, me aproveitando que está abaixado, ainda segurando o joelho estourado.

Com esse golpe ele apaga, e quando pego a Âmica pela mão para sairmos dali, ouço uma voz que faz meu sangue gelar nas veias. A mesma dos meus pesadelos mais nojentos, das lembranças mais asquerosas que tenho.

Samir.

— Imagino que não foi a lesada da Âmica quem fez esse estrago — ele fala me olhando, com os olhos brilhando, algo que me faz arrepiar os pelos da nuca, mas de puro ódio, aversão, nojo.

Estou machucada, com o rosto arrebetado dos golpes que o galo me deu, sinto meu olho inchando, e mal consigo enxergar devido

ao soco que aquele filho da puta me acertou, minha boca está cortada e feio por dentro, não paro de cuspir sangue, mas mesmo estando assim, me sinto revigorada para tirar minha forra, hoje eu mato esse maldito.

— Ainda assim vai tentar alguma merda? — Pergunto fuzilando-o com o olho bom e uma fresta do outro, que a cada momento incha mais.

— Ah! Me poupe menina, você mal se aguenta em pé, acha que vai lutar comigo? — Fala me apontando de corpo inteiro. — E mesmo que consiga, acha que estou sozinho? Você só sai daqui comigo, ou morta.

— Âmica! Quando eu for em direção dele, você corre, e busca ajuda — falo baixinho, para somente ela ouvir.

— Não vou te deixar sozinha com ele.

— Vai sim, agora faz o que mandei ou nós duas morreremos aqui, não vou conseguir lutar preocupada com você.

— O que as cadelinhas tanto cochicham? — O velho nojento, pergunta vindo em nossa direção, empurrando o Galo com o pé, ao que geme de dor, pois não matei o infeliz, só desmaiei. Esse vou deixar para meus tios.

— Agora — falo para minha amiga. E quando ela sai correndo, distraindo o Samir, eu pulo em cima dele nos derrubando no chão, para que ele não consiga segui-la.

Caído no chão, preso entre minhas pernas, eu dou uma sequência de três socos na cara feia dele, e quando vou dar o quarto, levo um em cheio no queixo, me derrubando de lado, e a posição se inverte, e quem me prende entre as pernas, sentado no meu tórax é ele.

O dobro do meu tamanho e força, esse velho asqueroso está me sufocando, apertando meu pescoço com as duas mãos, tentando me estrangular. E por alguns segundos eu volto aos meus quinze anos, quando ele me prendeu na varanda de seu palácio, em uma das festas que fui com meu irmão logo que chegamos na Turquia.



— Quietinha gazelinha, você vai gostar — ele fala me encurralando na parede, apertando meu peito e tentando me beijar a força.

— Me solta ou vou gritar seu maldito — falo quase chorando de asco e desespero.

— Isso, grita sua putinha, adoro quando vocês gritam enquanto estouro seus cabaços. No final vocês imploram meu pau.

— Tira essa mão imunda de mim — falo conseguindo empurrá-lo.

Mas ele me puxa com força pelo cabelo me jogando no chão, e me prende com as pernas sentando-se no meu peito.

— Você não sai daqui antes que eu sinta seu gosto, menina — fala tirando o pau para fora da calça, e enfiando aquela coisa podre e murcha na minha boca.

Viro o rosto para todos os lados tentando me desvencilhar de seu ataque, mas ele é muito mais forte que eu, segura meu rosto apertando minha bochecha com uma mão e meu pescoço com outra, abaixado mexendo o corpo em cima de mim, de forma que consiga enfiar aquela coisa dentro da minha boca.

Quase vomito quando sinto um gosto meio salgado, e uma pela murcha, nojenta. Então, entre lágrimas, eu consigo reagir, mordendo aquela coisa com força. Ele urra de dor, e me dá uma bofetada no rosto, mas sai de cima de mim, se contorcendo deitado no chão, me xingando de tudo que é nome.

Saio correndo dali, e me tranco no primeiro banheiro que encontro, até conseguir me recompor para sair dali.



Volto ao meu presente, onde estou quase perdendo os sentidos, devido ao estrangulamento, e enfio os dedos em seus olhos. Quando se distrai devido a minha ação inesperada, ele sai de cima de mim, então começo a tossir, buscando ar, mas não perco um segundo da oportunidade que tenho de levantar e acertar um chute em seu abdômen.

Mas o desgraçado é forte, e mesmo quase cego, pois cravei as unhas em seus olhos, ele me prensa na parede me dando vários socos

na barriga e estômago. Estou quase cedendo, sentindo a alma sair do corpo, quando consigo escapar da pressão de seus braços que me prendem na parede de ferro do contêiner, caio de joelhos, tossindo e cuspidando muito sangue, que para meu desespero, sinto que não é dos cortes na boca e sim, vem de dentro, dos socos que ele me deu.

Olho a minha frente e vejo um molho de chaves caído ao lado do Galo que ainda está inconsciente, o idiota tem uma bala de fuzil feita de chaveiro, e é tudo que preciso, algo com ponta e duro.

Pego o chaveiro com as chaves e tudo, e quando o Samir me levanta pelos cabelos, só me viro para ele enfiando a bala pontuda em seu pescoço, com toda força que me resta, aquilo o faz gritar e me saltar.

Mas não vou deixá-lo escapar, vou para cima dele, com um grito de puro ódio, enfio dois dedos no buraco que a bala fez, rasgando sua carne, abrindo mais a ferida, sentindo a textura da sua pele rasgando, abrindo, sentindo a carne mole e o sangue quente que espirra para todos os lados, lavando minha mão e braço.

Me sinto sádica, mas estou adorando a sensação de sentir sua carne rasgar na minha mão, então forçando um pouco mais, consigo enfiar mais um dedo e puxar uma veia que posso sentir na ponta do meu indicador.

— Você nunca mais vai ferir ninguém, seu velho decrepito — falo estourando o que resta da ferida em seu pescoço, fazendo-o sangrar feito um porco.



Ouçoo o ronco de motos e muitos tiros do lado de fora, mas estou fraca, oscilando entre o consciente e o inconsciente, quase apagando, mas sentada em cima do corpo desmaiado do galo, consegui juntar força para dar outra porrada nele, para mantê-lo apagado até meus tios chegarem. E de frente para o corpo morto do Samir, envolto a uma piscina de sangue.

Por isso, não sei se estou sonhando ou se é real, quando ouço uma voz de mulher dizer:...

— Encontrei, a Lauren está nesse contêiner — ela grita para

alguém do lado de fora, entrando e olhando o estrago causado ali, estou catatônica, desmaiada de olhos abertos, vendo tudo, mas sem conseguir reagir, sem sequer mexer nenhum dedo.

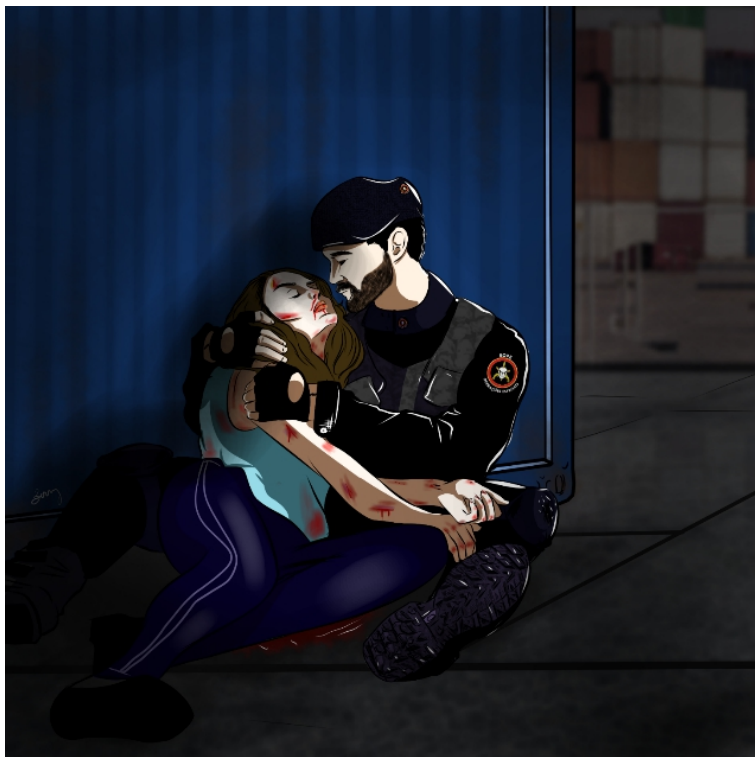
Meu tenente entra desesperado, vejo meu irmão e meu pai logo atrás, e quando o Gui se depara comigo lavada de sangue, toda estourada, pois imagino que um final de luta de MMA perde feio para minha aparência, ele corre para mim.

Sinto que estou toda arrebetada, por dentro e por fora, e não sei se vou aguentar ficar acordada por mais tempo, mas tudo que fiz, e cada porrada que levei, valeu, só pelo gosto da minha vingança, e por poder ver meu tenente aqui.

Sabia que ele estava me procurando, sempre soube.

— Gui... — consigo sussurrar. Pois minha garganta dói ao tentar falar.

— Estou aqui meu amor, por Deus Lauren abre os olhos — ouço ele falar, mas distante que não sei se imaginei ou ele me chamou de seu amor, e assim perco a consciência me afundando na escuridão.



— Não posso te perder minha passarinha... não dá.

By” Tenente Guilherme Dias



Nervoso... Ansioso... Estressado... Estou sentindo tudo isso e um pouco mais.

De dentro da viatura posso ver as motos nos seguindo, descrição é uma palavra que essa gataria desconhece.

— Vocês podem me ouvir bem? — A voz suave da Camille desliza em nossos comunicadores.

— Como música princesa. — O Renan responde rindo.

— Rainha... me sinto uma abelha rainha em uma colmeia cheia de zangões — a safada fala sobre seu apelido entre os bichos em trocadilho para que somente nós entendamos, mas os que estão ao seu redor no Batalhão não.

— Não tem zangão nenhum aí, caralho — o Renan reclama, e todos rimos da cara de bunda que ele está devido ao ciúme que ele não consegue disfarçar.

— Essa é minha garota — o Fernando fala nas escutas, mas em uma frequência diferente, que somente nós, a equipe alfa 1 temos acesso.

— Sua, teu rabo — meu amigo cai nas provocações.

Como ela consegue fazer essas gambiarras? Não fazemos ideia, mas um dia descobrimos.

— Tenente Dias — ouço a voz de trovão do Philippe, pai da minha garota na escuta. — Estamos sobrevoando o porto, coloquei meu canil dos dois lados da ponte, as serpentes da minha irmã estão a caminho, vão varrer os contêineres, ninguém entra e ninguém sai. Mas eu preciso te perguntar uma coisa:

— Pode perguntar — falo tenso, pois não faço ideia do que ele quer saber.

— Até onde você iria pela minha filha? Quais seriam seus limites?

Eu não esperava por essa.

Vejo todos meus parceiros e amigos me encararem dentro da viatura, aguardando minha resposta. Engulo em seco respondendo meu futuro sogro, se assim Deus permitir.

— Eu adoro minha profissão, e modéstia parte, sou muito bom no que faço — falo com meio sorriso — mas eu amo sua filha Urso, e por ela... para ela, não existe limites, nem o que eu não faça.

Com a minha resposta ouço o riso dos outros nas escutas, e um muxoxo de aprovação. Até meus amigos estão me olhando orgulhosos pelo que posso notar.

— Não esperaria menos de você Guilherme — o Cezário, irmão da minha garota, comenta.

— Aguardo vocês na entrada do porto — o Philippe fala saindo da conversa e me deixando com os chatos dos gatos, os tios da minha passarinha.

— Beleza, pelo visto o Urso aprovou esse namoro, mas nós não — o Felipe fala e os outros resmungam concordando — quando essa merda passar teremos um dia lá na academia, vou quebrar sua cara no tatame — diz me desafiando.

— E depois dele te quebrar na porrada será minha vez — o Dan também fala e os outros o acompanham.

— Você tá muito ferrado — o Renan comenta, e seguido do Luiz riem da minha cara.

— Cara, isso não é uma luta justa — o Leandro intervém em minha defesa — vocês dois são mestres em várias artes marciais.

Não tô nem aí para a opinião desse bando de idiotas, eu só quero chegar logo no porto e encontrar meu amor. Tê-la segura nos meus braços.

— Tenente, a Léo e os gatos irão seguir na frente, mas ficarão posicionados em pontos específicos do local, pois tem muitas assinaturas de calor naquele lugar, o que indica que tem muito mais carão nesse abacate. — A Abelha fala nas escutas.

— Você está sozinha na sala né? — O Renan pergunta sorrindo

de lado. — Para falar dos gatos assim, abertamente.

— Claro, né, acha que falaria dos meus “miaus” expondo-os?

— Miaus? Que porra é essa Abelha? — Ouvimos o Rafa perguntar rindo, e até a risada da Léo se fez presente com esse apelido carinhoso da Camille para eles.

— Quantos de vocês estão indo para o Porto Guilherme? — Ouço o Philippe me perguntar.

— Estamos em quatro equipes de seis, mas para o porto vamos em duas viaturas, somente doze. Os outros estão indo para Ponte, para que ninguém tente fugir, e consiga escapar. — Respondo irado só com esse pensamento.

— Não sei quem está lá, mas tem muitos capangas espalhados pelo local, fora seguranças de elite armada — o Cezário informa a todos.

— Quer que deixe alguns para vocês ou podemos fazer a limpa? — a Onça pergunta com tom sombrio na voz.

— Só não se divirta muito até chegarmos — o Leandro responde acelerando a viatura para chegarmos logo.



Estamos percorrendo o perímetro em duplas, o lugar é enorme e deve ter uns mil contêineres aqui, mas eu sei que vamos encontrar minha passarinha, eu sinto que estamos perto.

— Temos assinaturas de calor em dois contêineres a sua esquerda, Leandro — o Coronel fala acompanhando a operação.

Tem corpos por todos os lados, os exibidos dos gatos estão fazendo a festa com as motos, espantando cada filho da puta do esconderijo, e quando eles saem, nós pegamos.

Adotamos um ditado peculiar nesse momento: “Se ficar o bicho pega, se correr o caveira mata”

Ainda teremos de explicar o que são aquele monte de pessoas no local, quando era para estarmos somente nós. Mas no momento a

única coisa que tenho em mente é ter minha mulher nos meus braços, segura e bem.

— *Sā'idūnī!*^[8] — Ouço um grito e para gelar meu coração reconheço a voz da Âmica, principalmente que acho que por estar nervosa está chamando em árabe.

Todos corremos em direção de seu grito agoniado. Como eu, o Leandro, o Renan e a Amanda estávamos próximos, fomos os primeiros a chegar até a menina que corria sem rumo, gritando alto.

— Calma querida, estamos aqui, você ficará bem agora — o Leandro fala tentando acalmá-la — fala em português linda — pede — você ainda não me ensinou seu idioma lembra? — sorri tentando acalmá-la.

Ela olha para trás a todo instante, tremendo, pálida demais. Olha para meu amigo com a visão praticamente cega de tantas lágrimas, e se joga contra o peito dele, pouco se importando que quase se machuca com o fuzil que ele carrega.

— Ela pediu socorro — a Onça fala na escuta. — Merda! Estamos indo até vocês.

E ouço o ronco dos motores das motos por todos os lados, fazendo eco entre os corredores de caixotes de metal.

— Ele vai matá-la — Âmica soluça apontando uma direção, onde acredito minha passarinha esteja. — Ajudem-na, por favor.

Não espero ela terminar, corro para onde ela aponta seguido do Renan e da Amanda que como eu olham cada contêiner no caminho.

— Encontrei, a Lauren está nesse contêiner — a Amanda grita de frente a um dos enormes recipientes de ferro.

Corro em sua direção, e quando chego, a cena que vejo quase me mata do coração. Minha passarinha está sentada em cima de um homem, aparentemente vivo, ainda, mas tem outros dois corpos no chão, um, morto recentemente, pela quantidade de sangue que sai de seu pescoço, e o outro não dá para identificar, pelo cheiro eu diria que morto a horas, mas pela humidade, diria que ainda vive. Por um fio, mas vive.

Ela está coberta de sangue, envolta a uma poça enorme que esvai do cadáver recente a sua frente, está muito machucada, e rezo a deus que todo aquele sangue seja somente do defunto.

— Gui... — ela fala tão baixo, catatônica, que mal ouço sua voz.

— Estou aqui meu amor, por Deus Lauren abre os olhos — peço me aproximando em duas passadas, segurando seu corpo frágil e pegando-a no colo para tirá-la dali.

Nem notei que o lado de fora daquele lugar macabro estava lotado com os tios dela, meus amigos, seu pai e o irmão, que vieram na mesma hora que identificamos sua posição.

Me sento no chão do lado de fora, com ela ainda no colo, mantendo meu amor em meus braços.

— Abre os olhos, amor... — Peço fazendo carinho em seu rosto, constatando seus ferimentos — por Deus Lauren, fala comigo, abre os olhos — beijo sua testa tremendo, pouco me importando que ela está literalmente lambuzada de sangue. E só então percebo que estou em lágrimas, com a visão embaçada devido ao choro. — Não posso te perder minha passarinha... não dá.

— Gui! — Seu irmão me chama, e levanto a cabeça um pouco, não quero desviar meus olhos do rosto do amor da minha vida. — Precisamos levá-la para um hospital tenente — diz abaixando em nossa frente, minha e da minha menina, deixando as lágrimas caírem também.

Todos estão em choque com o estado que ela está. Só sei que está viva, pois ouço e sinto sua respiração, que está muito fraca, mas ainda respira.

O Philippe pega a filha nos braços, deixando o terno branco que está usando vermelho de sangue, ele não derruba uma lágrima, mas vejo em seu rosto que está semimorto por dentro, assim como eu.

— Olha quem encontrei lá dentro — Um Fernando possesso fala jogando um sujeito para fora, a base de chutes.

Ouçó o infeliz berrar de dor, vejo de longe pela posição de sua perna, que está, foddidamente quebrada. Não estou nem aí para ele ou para o que farão com ele, só vejo de longe quando o Rafael, filho da Léo, pega o cara e joga nos pés da mãe.

— Vou adorar depenar essa galinha — o Dan comenta, mas não posso ouvir o que diz a seguir, pois entro no helicóptero do Philippe, vejo a Âmica sentada em choque, já esperando dentro da aeronave, o Leandro veio comigo, deixando ordens claras para os que ficaram, e seguimos direto para o *Copa Star*^[9].

Quando pousamos já tinha uma equipe esperando com uma maca para pronto atendimento.

Caio de joelhos no chão quando a maca com minha garota some de vista, seguida do Philippe e do Cezário, meu amigo vem até mim, solidário, coloca a mão em meu ombro, enquanto a Âmica se ajoelha na minha frente e segura minhas mãos. Chorando compulsivamente, assim como eu, que não enxergo nada a minha frente.

— Eu não posso perdê-la... não aceito imaginar essa hipótese. — Falo baixo, meio que sussurrando.

— Você não vai tenente — a menina a minha frente fala de forma calma, mesmo estando tão devastada quanto.

— Vamos! — O Leandro nos chama, me ajudando a levantar, pois nesse momento ainda sinto meu corpo travado, morto de medo de perder minha luz, a passarinha que chegou de mansinho e fez seu ninho em meu coração.

Lauren

CAPÍTULO 25



Sinto dor em todos os lugares, cada músculo, a cada inspiração. Ouço vozes, mas não consigo identificar nenhuma. Vago entre a consciência e a inconsciência, entre a luz e a escuridão. Sem sonhos, sem pesadelos, somente um vazio, um nada.

Estou ciente de que estou em um hospital. Ouvindo os ruídos dos aparelhos, que estão ligados ao meu corpo, tento falar novamente, mas, mais uma vez sem sucesso. Sinto-me fraca, sonolenta, e preciso acordar, mas não consigo raciocinar.

— Certeza de que ela está fora de perigo, doutor? — Ouço a voz do meu pai perguntar. — Está tão pálida... Por que não desperta?

— Você consegue enxergar palidez? Mesmo com esse excesso de hematomas? — Ouço a reprovação da tia Cobra, irmã do meu pai.

Nossa, devo estar um horror, e deve ter sido feia a situação. Para trazer minha tia do Egito.

— A paciente está totalmente fora de perigo, senhor, só necessita descansar e acordará no devido tempo. — Uma voz de homem responde. Deve ser o médico.

Quero acordar, saber o que aconteceu, se consegui dar um fim a vida daquele miserável do Samir, e principalmente... quero saber do meu tenente.

E como se lesse meus pensamentos, minha tia pergunta:

— O Guilherme vem hoje?

— O que você acha? — Meu pai responde rindo. — Difícil foi fazer com que ele se afastasse um pouco. Ele só não se enfunou dentro da UTI porque lá ele não podia ficar, mas desde que ela veio para o quarto que ele não arreda pé, passa todo tempo em que não está trabalhando aqui.

— Quem diria que esses dois acabariam juntos. — Tia Cobra

comenta e ouço a voz da tia Nat, esposa do meu pai e prima do Gui, falar.

— Todos! Eu sabia que pai é cego e o último a saber das coisas, mas tia... essa é novidade — ela comenta rindo. — Agora acho melhor irmos antes que o Cezário nos tire a chutes para fora, o corredor está cheio de visitas, ela ainda tem vários tios coruja querendo vê-la.

— Vamos ser expulsos é do hospital mesmo — tia Cobra fala com um risinho.

— Eu não saio daqui enquanto minha menina não acordar, vão vocês, abram mais duas vagas — meu pai responde rindo e alisando minha testa com as costas das mãos que posso sentir.



Embora não pudesse abrir os olhos nem mexer um só dedo, assim como Ayla e Âmica pediram, acariciando as minhas mãos. Estive consciente ao longo de todo o dia, pelas vozes, identifiquei todos os que passaram por mim.

As meninas me disseram que seus irmãos, Raj e Ravi, meus melhores amigos, ainda não haviam podido vir, pois estavam resolvendo assuntos na Turquia após a morte do Samir, mas que, assim que pudessem, viriam correndo para o Brasil.

Até tentei responder quando o tio Dan me contou que eles ainda estavam mantendo o Galo vivo para mim, só estava um pouco despelado já que eles não resistiram. Mas eu tinha que despertar logo, porque não fizeram nada na perna dele que eu quebrara e que já estava gangrenando. Dessa forma, ele morreria e ia perder a graça.

Já quando ouvi as vozes dos rapazes do BOPE eu novamente tentei abrir os olhos, mas não consegui, tô desconfiada que colaram essa merda, porque eu não consigo abri-los nem por decreto.

O Leandro me pediu para acordar, pelo amigo dele, ou eles terão de internar o Gui também. Me contou que aquele dia conseguiram resgatar mais quinze meninas que estavam presas em outros contêineres. E que o Samir entrou na conta da legítima defesa, riu quando disse que não perdi meu réu primário, mas reclamou por não ter deixado nada para eles. Contou que o Coronel fez muitos elogios

sobre o trabalho que a Camille fez aquele dia, monitorando todos. E riu aberto quando disse que o pobre nem imaginava quem era ela, e que estava monitorando não somente eles, mas meus tios também. Disse que no mesmo dia a noite a Léo foi buscá-la pessoalmente lá dentro do Batalhão, e que o restante da gataria estava de escolta do lado de fora dos portões, mas nem por misericórdia deixariam a abelhinha deles ali.

Passei o dia agitada, mas internamente, já que aparentemente eu nem mexia os olhos, tava bancando a bela adormecida, mesmo sem vontade.

Quando o quarto ficou silencioso, senti um cheiro de perfume inconfundível, uma mistura de loção pós-barba e almíscar. Acho que acabei dormindo ou desmaiando pelo esforço de tentar acordar, porque não ouvi meu tenente entrar, e tenho certeza em cada célula do meu corpo que é ele quem está aqui.

Me sinto eufórica, preciso abrir os olhos, preciso vê-lo, acalmá-lo, dizer que estou bem.

— Desculpa a demora meu anjo, é que depois do ocorrido no porto as coisas no trabalho ficaram bem intensas — ele fala me dando um selinho suave, e mesmo só um roçar de seus lábios doem.

Caramba, eu devo estar parecendo um monstro se cada lugar que me dói estiver machucado ou com hematoma.

Luto muito comigo mesma, mas consigo abrir os olhos, o que me faz pensar que, se eu os mantivesse fechados por mais tempo, eles selariam e não abririam nunca mais.

Tento-me virar para o lado, mas estou me sentindo um chumbo, virar a cabeça é como se eu estivesse tentando puxar uma bola de boliche pelo pescoço, puta merda que peso e que dor.

— Gui... n-não... — fui pedir para não se preocupar, abrindo só um pouco os olhos, porque até isso doía, mas quem disse que consegui formular mais que duas palavras. Senti uma dor e uma ardência tão intensas na garganta que foi como se tivessem enfiado um cano de ferro em brasa pela minha goela.

— Você acordou! — Fala, chorando, sorrindo, tremendo, me beijando todo o rosto, tudo ao mesmo tempo.

Gemo dolorida quando ele segura meu rosto emocionado, e a expressão de alívio, amor, se transmuta para ódio puro, ao notar que

estou com dor. Ele desliza os dedos de leve pela minha pele, pedindo desculpas e beijando com suavidade onde está machucado.

— Descansa amor, vou chamar o médico, e avisar seu irmão e seu pai que você acordou. — Deixa um selinho casto em meus lábios e vai em direção a porta, quando consigo perguntar:

— Eles estão aqui?

— Não vida! Sou eu que pernoito com você, só não fico de manhã, pois não consegui afastamento do trabalho, mas não abro mãos de passar o tempo que tenho aqui do seu lado.

— Gui! — Chamo tentando levantar a mão para que ele entenda que quero que se aproxime.

— Diga meu anjo. — Fala voltando para perto e se sentando na beirada da cama ao meu lado.

— Eu te amo! Sempre te amei, desde menina — falo engolindo em seco — mesmo quando achei que me afastar seria o melhor a se fazer — deixo uma lágrima cair — depois disso tudo que nos aconteceu, percebi que poderia nunca ter tido a oportunidade de falar, e não quero nem pensar em algo assim de novo — falo baixo, e bem devagar, pois só o esforço para formular as palavras fazem minha garganta arder como se jogasse ácido nela.

Ele se aproxima mais, com o olhar brilhando, não são somente lágrimas não derramadas, mas um amor intenso que vejo em seus olhos, e após acarinhar meu rosto com ternura, com um beijo singelo na testa e nos lábios, ele fala:

— Não sei dizer em que momento comecei te amar desta forma menina, nas hoje digo com toda certeza do mundo... eu amo você, amo cada pedacinho seu, e sequer me lembro de como era minha vida antes de você. Eu te amo Lauren, você me completa de todas as formas, e não sou nada sem você. — Me dá outro selinho, mais demorado desta vez, passa a ponta da língua nas lágrimas que deixo cair com suas palavras, e sai do quarto avisar a cavalaria que acordei.



MESES DEPOIS

— Vamos tia? — Chamo a tia Ana, "a minha sogra", para irmos buscar a Lili na casa da mãe, já que eu nunca sequer troquei uma palavra com a Roberta. O combinado é que a avó ou o pai busquem a menina todo final de semana que o Gui estiver de folga ou fora de serviço.

— Calma, minha filha, essa velha aqui já não têm mais o mesmo pique de antes — ela comenta brincando.

Hoje faço vinte aninhos, meu pai e irmão como sempre fazem todos os anos, farão um churrasco regrado a piscina, família e amigos, e quero fazer uma surpresa para meu amor, indo buscá-lo no batalhão. Mas quero pegar a Lili antes.

— A senhora ligou para Roberta perguntando se podíamos pegar a Aline hoje? — Pergunto enquanto entramos no carro.

— Liguei, sim, ela está nos esperando.

Com isso entramos no carro e seguimos para Petrópolis, para casa da Roberta.



— Olá! Nossa, como você está diferente — a Roberta comenta me cumprimentando com um abraço. — Me lembrava de você dá sua festa de quinze anos, de quando fomos apresentadas.

Sorrio encabulada, pois aquele não foi meu melhor momento, tirando o ciúme homicida que senti na época, e a vontade de quebrar a cara dela.

— Em cinco anos as coisas e principalmente nossa aparência muda muito. — Respondo tentando ser educada, mas me sentindo muito deslocada com tudo.

Sei que ela é casada atualmente, e muito bem-casada, mas como foi a única que vi com o Guilherme até hoje, ainda não consigo simpatizar.

— Vóooooo! Tia Leeennn! — A pequena criaturinha mais fofa que já conheci só se equipando ao Isaac “meu irmão caçula” vem correndo em nossa direção, arrastando uma mochila de pelúcia, e um coelho maior que ela.

— Estava com saudade minha princesa — Dona Ana fala depositando um beijo no rostinho da neta enquanto coloco as coisas dela no porta-malas.

— Sei que pode parecer abuso da minha parte. Roberta, mas você me deixa trazê-la só na segunda? — Pergunto fechando o carro e pegando a Lili para colocá-la na cadeirinha do Isaac, que peguei assaltada do carro do meu pai.

— Pode, sim, vou aproveitar para colocar umas encomendas em dia — Roberta responde sorrindo — esse mini furacão me deixa esgotada no final do dia quando não está na escolinha ou no balé.

— Você está fazendo balé? — Pergunto apertando o narizinho da pequena de leve, e ganhando uma careta fofa, com um sorriso banguela de volta. — Bom, foi um prazer, mas temos que ir — falo colocando a Lili na cadeirinha no banco detrás — Quero chegar antes que esse dilúvio caia — falo apontando o céu, que está carregado para chuva.

Nos despedimos e rumamos para casa da tia Ana, que fica perto do Batalhão. De lá, vou com a Lili até o encontro do meu namorado. Sorrio de como gosto dessa palavra para o Gui, combinou para nós dois.



— Oi Lourenço — cumprimento o soldado que cuida da entrada no complexo do BOPE.

— O, Dias vai gostar da surpresa — ele brinca abrindo o portão

para que eu possa entrar.

Quando estaciono na vaga para visitantes, vejo o Gui vindo em direção ao carro, e como sempre acontece quando o vejo, meu coração dispara no peito, capotando ao invés de somente bater. Nem parece que nos vimos a poucas horas pela manhã, que passamos a noite inteira fazendo amor como dois gulosos um do corpo do outro. Esse homem me tem nas mãos, totalmente.

Desde que tive alta do hospital a meses atrás que o Gui praticamente se mudou para meu apartamento de início, para cuidar de mim, e quando eu tive condições de no mínimo tomar banho sozinha, quando ele não está na minha casa, sou eu que estou enfiada na dele.

Tive que trancar a matrícula na Universidade, não tinha condições de ir às aulas toda arrebitada como fiquei. E para ser bem sincera, estou repensando o curso que havia escolhido. Essa Lauren que me transformei não combina com os gostos e planos da Lauren que fui a dois anos, quando cheguei no Brasil.

— O que aconteceu para que eu ganhasse esse presente hoje? Receber a visita das duas mulheres da minha vida? — Ele pergunta se aproximando e me abraçando por trás, já que estou abaixada soltando o cinto da Lili para pegá-la. — Não abaixa empinando essa bunda gostosa em um lugar cheio de macho, caralho — me dá um tapa estalado no traseiro, para passar a mão acarinhando depois.

— Se comporte safado! — Reclamo, mas me esfregando em seu pau, fingindo demorar para soltar o sintó.

— Porra, amor! Não posso para ficar duro agora — ele geme acertando o pau dentro da calça da farda disfarçadamente.

— Você quem começou — respondo me levantando com a Lili no colo.

— Olha quem está perdida por aqui — o Leandro caminha até nós brincando e esticando os braços para Lili, que se joga nos braços do tio Lando, como ela o chama. — Acho que vou aproveitar que vocês duas estão aqui para dar uma grande notícia que acabei de saber — diz me deixando curiosa, e fazendo o Gui levantar uma sobancelha.

— Que notícia? — Meu namorado pergunta me abraçando pela cintura enquanto o Leandro brinca de jogar a Lili para o alto, tirando uma risada gostosa dela e muitos gritos.

— Achei que tinha sido nocauteada e teletransportada para um universo paralelo quando ouvi esses gritinhos infantis dentro deste lugar — Amanda brinca, vindo seguida pelos outros amigos do Gui, e roubando a Lili dos braços do Leandro — mas você cresce muito rápido soldado — ela brinca com a menina, e a Lili bate continência do jeitinho que sua nova tia ensinou.

— O Coronel acabou de me informar que nosso pedido de afastamento permanente da corporação foi deferido, e que assim que os novos oficiais que ocuparão nosso posto forem divulgados, seremos oficialmente dois soldados aposentados.

Olho meu tenente de olhos arregalados, ele não tinha mencionado nada que havia feito esse pedido de fato. Comentou que pretendia abrir uma empresa junto ao Leandro, mas não que seria agora.

— Mas quem ficará no lugar de vocês? — O Renan pergunta chateado com essa saída eminente de seus amigos.

— Por que vocês acham que sei de tudo que se passa na chefia?

— Porque você é nosso Capitão, é seu dever e obrigação saber de tudo e nos manter informados — o Luiz quem responde dando boas risadas e abraçando os amigos, parabenizando os dois.

— Eu não vou abraçar vocês, não gostei da notícia, e não sou falso igual ao Luiz — o Renan fala meio que fazendo birra igual criança contrariada.

Então, tanto Gui, como o Leandro, pulam em cima dele, derrubando o amigo no chão e fingindo que vão beijá-lo.

— Para com isso, caralho! — ele fala correndo para longe dos dois — beijam meu pau se querem beijar algo, porra — diz rindo, e segurando o pau por cima da calça, mas logo arregala os olhos com o olhar assassino que tanto eu como a Amanda lançamos para ele.

A Amanda se virou rápido tapando os olhos da Lili e prestes a dar um tiro no Renan.

— Desculpa princesa do tio — esqueci que você estava aqui — diz pegando a pequena do colo da Amanda — culpa desses dois bobões.

— Papai né bobão não tio! — ela defende o pai veemente.

— Isso filha, seu tio que é bobão né.

— Né, *bem* não, papai — balança a cabecinha em negação, jogando seus cabelinhos dourados para todo lado.

Todos rimos com seu jeitinho fofo de defender todo mundo. E nesse clima descontraído eu convidei todos para casa do meu pai, comemorar meu aniversário de vinte aninhos. Então, o Gui entrou pegar a mochila para irmos embora, já que o turno dele havia terminado.

— Vai indo para casa do seu pai com a Lili, só vou passar em casa, tomar um banho e me trocar e vou para lá. — Ele diz me dando um selinho chupado, e um beijo na cabecinha da nossa princesinha.

— Que tal deixarmos a Lili na casa do meu pai, irmos até sua casa, e te ajudo com o banho? — Cochicho em seu ouvido.

— Gostei mais da sua versão — ele diz mordendo meu queixo.



Deixamos a Aline na casa do meu pai, e saímos em seguida, prometendo não demorar, ele porque tinha que se trocar e eu dei desculpa de que esqueci de pegar umas encomendas no meu apartamento.

E mesmo com meu irmão bancando o chato, dizendo que a Âmica podia trazer a encomenda quando viesse, eu só dei um risinho safado e saí com meu tenente dali quase correndo, antes que um dos meus tios resolvesse embaçar também.

Já entramos no apartamento dele, nos pegando, eu ando bem gulosa do meu homem ultimamente, quero senti-lo a toda hora, quero seu toque, seus beijos a cada minuto.

— Você está insaciável ultimamente amor — ele fala me prensando contra a parede, levantando minha blusa e baixando o bojo do sutiã, livrando meus peitos e sugando os mamilos com força — notei que eles estão maiores — fala mamando um de cada, tirando minha calça enquanto desço a mão no zíper da sua calça, libertando seu pau que está duro, com a cabeça inchada e babando por mim.

Quando ele vai começar a tirar a farda eu não deixo, e peço com

um risinho safado:

— Me algema, e me come vestido assim — mordo seu rosto, passando a língua pelo pescoço, olhando para ver sua reação enquanto me ajoelho de frente para seu membro, segurando com as duas mãos, encarando desejosa, admirando meu brinquedo favorito.

Seus olhos brilham, carregados de tesão e desejo.

— Se continuar olhando meu pau desse jeito, eu não vou conseguir me controlar por muito tempo — fala rouco, com a voz falhando de puro desejo, e a respiração cortada.

— O que posso fazer se você é minha perdição, ainda mais vestido assim... — Gemo tocando minha boceta enquanto abocanho seu membro, que pulsa na minha boca.

— Minha mulher me quer fardado então? — segura meu cabelo enrolando-o em sua mão, enquanto tomo seu comprimento inteiro em minha boca, até a base, me engasgando, babando um bocado por conta do tamanho e grossura que tem, mas amo chupar meu tenente, tê-lo na minha boca, me deixa possessiva, me faz senti-lo tão meu.

Após uns minutos de um oral delicioso, lambendo, chupando, sugando seu pau todinho, sinto seu gozo bater na minha garganta. Então ele me levanta, me beijando, e me pegando no colo, me deposita sentada no sofá, abrindo minhas pernas o máximo que dá, me deixando exposta, pois enquanto eu o chupava sem descanso, fui me livrando das minhas roupas.

Nua, aberta, excitada, assim que estou agora, sentada nesse sofá, enquanto ele se ajoelha na minha frente, colocando minhas penas em seu ombro e abocanhando meu sexo com uma fome insana.

— Puta merda Gui! — Falo arqueando o corpo, segurando seus cabelos e puxando-o para mim — eu quero você... dentro de mim — peço fazendo-o parar de me chupar, e beijando seus lábios, sentindo meu gosto em sua boca.

Ele me vira de costas, debruçada no encosto do sofá, sinto sua língua no meu ânus me lubrificando, me preparando, e sei por onde ele vai começar. Não é a primeira vez que fazemos anal, e adoro quando ele me possui de todas as formas imagináveis.

Sinto quando ele coloca só a cabeça, entrando devagar no meu cuzinho, e quando está inteiro dentro de mim, começa um movimento cadenciado, um vai e vem gostoso, calmo, até que seu tesão vai

ganhando proporções junto ao meu, e ele começa aumentar a velocidade, me fodendo anal e normal, tirando de trás, colocando na frente e vice-versa.

— Não tem lugar no mundo que eu ame mais estar do que dentro de você amor — ele fala metendo com força agora, dando tapas estalados na minha bunda várias vezes, e apertando minha carne enquanto estoca fundo dentro de mim.

Um vai e vem que antes era cadenciado agora está selvagem. Me agarro no encosto do sofá, empinando mais o quadril, me sentando nele e rebolando enquanto ele me fode, entrando e saindo do meu corpo, tanto atrás como na frente. Me pondo louca com o misto de sensações que me provoca.

— Hmmm... Vou gozar — grito abafando o som mordendo a almofada enquanto gozo gostoso em seu pau.

Ele urra de tesão, indo mais rápido, e sinto quando ele soca na frente numa estocada forte, gozando, se esparramando dentro de mim.

— Vamos tomar um banho amor — diz beijando o meio das minhas costas, fazendo carinho na minha bunda que deve estar toda vermelha, deixando um beijo de cada lado — minha... só minha mulher — fala me virando de frente para ele, me pegando no colo me levando até o banheiro.

— Gui...

— Fala amor — me olha nos olhos enquanto entramos no banheiro e ele começa tirar a farda para tomarmos banho.

— Eu estava pensando, e se morássemos junto oficialmente? Não só sermos visita no apartamento um do outro. Posso vir para cá, ou você levar suas coisas para minha casa — falo rápido e baixo, por medo da reposta. Pois namorar, e ficar na casa um do outro é uma coisa, agora assumir o compromisso de morar junto de fato, é outra totalmente diferente.

— Tá me pedindo em casamento passarinha? — Ele pergunta zombeteiro e começa me beijar.

E para variar, como sempre acontece, fizemos amor de novo e de novo, até não nos aguentarmos em pé, nos trocamos e fomos para casa do meu pai. Percebi que ele fez isso para fugir da resposta, e não nego que fiquei um pouco frustrada com sua atitude em relação a isso. Mas... vamos levando.

— É pinguinho, o papai vai ter que pegar no tranco. Falo com a mão no ventre, onde o fruto do meu amor pelo meu tenente cresce.



Notei que minha passarinha ficou chateada por eu não responder sua proposta de morarmos juntos, porém, não disse mais nada depois. Mal imagina ela o que tenho em mente para seu aniversário.

Enquanto ela se troca, guardo a caixinha com o anel que comprei para pedir sua mão, no bolso, e a chave da nossa futura casa, nosso ninho, uma águia e um corvo como ela me apelidou, uma união diferente, muitos diriam.

— Vamos amor? — Chamo indo para sala, pegar a chave do carro.

— Só um minuto, não encontro meu celular — fala levantando as almofadas procurando o aparelho.

— Acho que você deixou no carro — comento ajudando-a a procurar.

— Liga para ele, aí sigo o som da chamada.

Quando completo a ligação para seu celular, ouvimos ele tocar abafado por algo, e seguindo o barulho, o encontramos debaixo da minha mochila de trabalho. Então o pegamos e saímos, antes que alguém venha conferir se não fomos sequestrados ou abduzidos.

— O que é isso, anjo? — pergunto segurando uma caixinha de presente quadrada e grandinha, lacrada para não ser aberta por um curioso desavisado, como eu por exemplo.

— É meu — ela responde tomando a embalagem das minhas mãos, vermelha feito um tomate. — Eu comprei para você, mas não vou dar agora, e nem era para ter encontrado.

— Sabe que sou curioso, né? Vou atormentar você até me dizer o que é, ou me deixar abrir logo — comento beijando seu pescoço, e mordendo o lóbulo de sua orelhinha.

— Assim não voltamos para minha festa hoje — ela resmunga

toda manhosa aos meus beijos.

E antes que começemos a fazer amor de novo dentro do carro, volto a atenção para o volante, ligando o motor. Olho minha passarinha com um sorriso que não cabe em mim, e uma felicidade que não cabe no peito.

— O que foi? — ela pergunta curiosa.

— Nada, só admirando como minha mulher é linda — respondo todo bobo.

Me arrepia até os ossos cada vez que me lembro do estado que ela ficou quando foi sequestrada.

Quando ela teve alta do hospital, em uma noite após acordar de um pesadelo, ela me confidenciou seu segredo, contou sobre o que o tal Samir fez no passado quando ela ainda tinha apenas quinze anos, que quase foi estuprada. Disse que nunca contou para ninguém, pois sentia vergonha, repulsa só de pensar a respeito.

E por Deus eu nunca quis tanto que uma pessoa voltasse a vida só para matá-lo lenta e muito dolorosamente. Ela me disse que ninguém, nem seu irmão sabia. Pediu que como o desgraçado filho de uma puta estava morto, era para enterrar essa história com ele.

Eu prometi que jamais revelaria seu segredo a alguém, mas disse que ela precisava por essa merda toda para fora. Imagino o quão horrível foi passar todos esses anos guardando isso, enfrentar sozinha situações em que aquele maldito estava no mesmo ambiente, respirando o mesmo ar que ela.

— Ficou tão quieto de repente — ela comenta apertando minha coxa enquanto dirijo.

— Não é nada amor, só alguns pensamentos desagradáveis — respondo pegando sua mão e beijando, segurando-a contra meu peito.



Quando chegamos na casa do seu pai, de volta a sua festa de aniversário, vejo que meus amigos chegaram, e tem mais algumas pessoas também, convidados do pai dela acho.

— Achei que ia dar o cano na sua própria festa — Ravi, um de seus amigos turcos fala saindo de dentro da casa e vindo até nós.

Acho bonita a amizade deles, mas não nego que não gosto nem um pouco quando eles se acham no direito de ficar abraçando e agarrando minha garota.

— Vocês vieram! — Ela diz eufórica, literalmente pulando para fora do carro e se jogando nos braços dos amigos, já que o outro, Raj, vem logo atrás do irmão.

— Não perderíamos por nada princesa — Raj fala sorrindo. Então me olha e seu sorriso aumenta debochado quando vê a cara azeda que estou com essa sessão de agarramento. — Como vai tenente — me cumprimenta.

— Bem, melhor que nunca — respondo puxando minha garota pela cintura, e prendendo-a em meu agarre.

— Vamos entrar crianças, a festa é lá dentro — a Onça chama brincando.

— Fez o que pedi? — Pergunto para o Felipe assim que entro, ele me olha zombeteiro com um sorrisinho sarcástico.

— Fiz, ainda acho que vai pagar mico, mas minha mulher disse ser muito romântico — responde rindo e revirando os olhos.

Então quando estão todos distraídos conversando entre si, eu chamo atenção de geral para mim, pegando o microfone que estão usando para brincar no karaokê.

— Será que vocês podem ficar quietinhos só uns minutos? — Peço olhando todos, que silenciam na mesma hora, e eu me torno o centro das atenções. Engulo em seco, olho para os gêmeos tios da Lauren, Felipe e Fernando que me ajudaram nessa empreitada, e vejo quando eles olham em direção a sua mulher que troca a música colocando a que pedi.

Ambos começaram a ficar com a Vera, melhor amiga da minha prima a quase sete anos, e hoje moram os três juntos, no início foi estranho, mas hoje, após todos esses anos, chega a ser tão normal, que é como se eles formassem as três partes de um. Ninguém aqui, acredito que consiga imaginar esses três separados.

Quando a Vera coloca a música “Quer casar comigo” do Netinho de fundo, os gêmeos soltam uma faixa toda cheia de corações escrito

um pedacinho da música... “*Eu te amo de mais... E agora é pra valer*” eu chamo minha passarinha estendendo a mão para que venha até mim. E da forma mais brega possível, me ajoelho a sua frente tirando a caixinha com o anel que comprei do bolso, e cantando o refrão da música peço sua mão.

“No meio da noite eu pulei seu portão

Fiz isso em nome da nossa paixão

Escrevi uma faixa em forma de pedido

A gente se ama, se gosta e se quer

Eu quero você pra ser minha mulher

Agora é sério... Quer casar comigo?”

Ela está com o rosto vermelho, sem conseguir segurar as lágrimas, ouço seus tios gritando e assoviando de fundo, mas no momento minha atenção é só dela.

Quando se ajoelha de frente para mim, tremendo e chorando muito, ela se joga nos meus braços, me derrubando de costas, e me beija o rosto todo, dizendo sim várias vezes, e quando para em meus lábios diz baixinho para que somente eu ouça:

— Eu sou sua desde sempre, e para sempre, Guilherme.

— Agora chega, tira essa música ridícula pelo amor de Deus — a Mell pede rindo.

Minha garota pega o microfone da minha mão e fala respirando fundo, sorrindo de orelha a orelha:

— Eu não sabia em que momento te daria seu presente — me olha com carinho de quem está aprontando — mas acho que agora seria perfeito, o momento ideal — fala chamando minha filha — Lili, pega aquela caixinha vermelha que está em cima da mesa, para tia?

Minha filhota corre até a mesa onde estão os presentes que a Lauren ganhou e que colocou a caixinha no meio sem ninguém perceber.

— Essa tia? — A Lili pergunta levantando uma caixa vermelha, mas comprida na mão.

— Não minha linda, a que está do lado.

— Essa? — Ela e o Isaac perguntam levantando a mesma caixinha que estava no carro escondida no porta-luvas.

— Isso, esse mesmo.

Eles correm até nós com a caixinha na mão, e o silêncio e olhares a nossa volta é unânime.

— Entrega para seu papai amor, é para ele esse presente.

Minha filha me entrega virando-se para Lauren com os bracinhos estendidos, e minha garota a pega no colo, enquanto o Isaac corre para o colo do Cezário, seu irmão mais velho. Olho minha passarinha, curioso, estou querendo saber o que tem na caixinha desde que a encontrei no carro, então não perco tempo, quebrando o pequeno lacre que tem nas laterais, abrindo a tampa para ver o que tem dentro.

E nada me prepara para o que vejo, minha reação olhando para o conteúdo da caixa vai de cômica a irritante pelo jeito, pois ouço a voz da Amanda seguida de a Onça pedir:

— Quer falar o que é pelo amor de Deus, antes de desmaiar.

Olho meu amor, e só então percebo que estou chorando, emocionado. Dentro da caixinha tem um par de sapatinhos de bebê, uma chupeta e um bilhete escrito: ... “Parabéns papai”.

Levanto o sapatinho e a gritaria começa vinda dos tios dela e meus amigos.

— Puta merda! Eu vou ser avô? — ouço o Philippe perguntar olhando incrédulo para o sapato de bebê na minha mão.

— Ahh que lindo! — A Ayla e a Âmica falam e correm abraçar a Lauren.

Vejo o Leandro, meu amigo, pegar minha filha do colo dela, também abraçando minha garota e parabenizando-a com um beijo em sua testa.

— Você não pode levantar peso. — Diz sorrindo e brincando com minha Lili.

— E eu achando que seria tio por parte da Ayla primeiro — o Ravi fala rindo, e dando um beijo na bochecha dela.

Estou um tanto catatônico em meio aos parabéns de todos. E quando volto a mim, olho para o amor da minha vida, sorrindo,

recebendo abraços de seus amigos e tios.

Me aproximo dela, e pegando sua mão, a puxo dali, não quero nem saber se estou sendo grosseiro com os outros, agora a única coisa que quero é meu amor só para mim.

Meu amor e nosso filho, minha semente crescendo dentro da mulher que me escolheu, e por quem eu morreria mil vezes para honrar seu amor.

Levo-a para o mesmo lugar onde a cinco anos eu a magoei, e quase a perdi por ser estúpido. E hoje, anos depois, estou aqui, rendido, apaixonado, despido de alma, para a única mulher, minha menina, que consegue fazer meu coração disparar no peito.

— Por que viemos aqui? — Ela pergunta olhando em volta, nitidamente incomodada com as lembranças que devem ter vindo em sua mente.

— Porque quero tirar a lembrança que tem desse lugar — digo puxando seu pequeno corpo para meus braços, deixando seu rosto a milímetros de distância do meu. — Eu te amo Lauren, eu amo cada nuance e cada detalhe, amo como morde os lábios quando fica nervosa — digo passando o polegar em seus lábios que acabou de morder — amo saber que mesmo após tudo que aconteceu entre nós, você nunca desistiu de mim. Você é minha metade, minha passarinha, o amor que o destino escolheu para mim.

Ela está chorando enquanto segura meu rosto com suas mãos pequeninas, rindo emocionada, quando me beija, suave no começo, mas como sempre entre nós dois, o beijo se torna guloso, como se um pouco não bastasse para nós. Pego-a no colo, cruzando suas pernas em minha cintura, e fujo com minha menina até o banheiro da piscina, trancando a porta, e a safada só me dá um risinho travesso, quando a coloco sentada na pia sem parar de beijar seu corpo.

Minha, intensão não era transar com ela no banheiro, mas quem disse que resistimos um ao outro? Saímos de lá com a maior cara de pau, de pós-foda que arrumamos. E passamos o resto da tarde aproveitando com nossos amigos e família.

Lauren

EPÍLOGO



MESES DEPOIS

Ahhhhh! — Abafo um grito de dor mordendo o lençol que me cobre. — Puta merda, isso dói demais — gemo baixinho esmagando as mãos do Gui, que está parado atrás de mim, me ajudando a fazer força para trazer nosso meninão ao mundo.

Achei que não daria tempo de ele chegar, quando minha bolsa rompeu, achei que demoraria para o bebê nascer, mas as contrações começaram uma seguida da outra, e literalmente cheguei no hospital quase parindo.

Meu tenente estava de serviço, então nem preciso falar que a equipe inteira do BOPE invadiu a sala de espera do hospital, pois o mais novo recruta estava nascendo, já com um bando de tios babões do lado de fora.

Quase morro emocionada ao ver meu amor ainda fardado, todo nervoso, parecendo um menino perdido quando entrou na sala. E as enfermeiras empurrando-o para trás de um biombo para que colocasse aquelas parafernálias que necessita para ficar ali.

Então ele estava ali, me apoiando, me ajudando a trazer nosso garotão para este mundo.

Quando completei tempo suficiente de gestação conseguimos ver o sexo do bebê, e desde então decoramos o quarto do nosso pimpolho. O Gui vendeu seu apartamento e comprou uma casa para nós perto da do meu pai, no mesmo bairro, e como a Âmica conseguiu que os irmãos permitissem que ela morasse no Brasil, segundo suas palavras com a Ayla, ficou com meu apartamento só para ela. E agora, quando meus amigos vêm para o Brasil, ficam hospedados com ela.

— Força Lauren... empurra — a médica pede enquanto eu quase me dobro ao meio fazendo o máximo de força que consigo.

— Tô tentando... Arrrrg! — grito tombando o corpo para trás, sempre me apoiando no meu marido.

É delicioso chamá-lo assim, o homem que amei desde sempre, aquele que sempre me teve em suas mãos, e que agora está aqui, quase desmaiando de nervoso a cada grito que dou, e força que faço. Até que após empurrar com todas as forças que ainda restavam no meu corpo, ouço o choro do meu filhote, forte, escandaloso, e quando a enfermeira o coloca em meu peito, mesmo todo sujinho ainda, tanto eu quanto o Gui damos boas risadas com a carinha de bravo que ele está, com a testa franzida, como se estivesse muito puto por ser arrancado de seu berço quentinho dentro de mim.

— Ele é bem filho do pai dele — brinco ganhando um beijo do meu amor.

— Que bebê bravo — a enfermeira comenta sorrindo, enquanto o pega para limpá-lo e fazer os procedimentos que tem de ser feitos.

— Esse é meu garoto. — Ouço o Gui falar orgulhoso seguindo a mulher sem desprender os olhos do nosso menino.

Estou cansada, sinto que vou apagar, mas de pura exaustão. Porém, me sentindo completa, tenho tudo que sempre sonhei. O amor da minha vida, saúde, um filho desse amor, e toda uma estrada a seguir com o homem que escolhi para dividir essa caminhada.

FIM.



QUEBRANDO A BANCA



SINOPSE:

Philippe Saulo é o poderoso Urso Branco, chefe da Máfia do difamado Jogo do Bicho, comanda o “tráfico do tráfico” no Rio de Janeiro, para muitos ele é a elite da alta sociedade Carioca, e para quem interessa, ele é o temido Urso Branco, aquele que dá a última palavra e que domina o fluxo de tudo ilícito que entra e sai do Brasil, seus negócios vão além das fronteiras. Viúvo, pai de um rapaz de dezesseis anos e uma adolescente cativante de treze, sempre focou somente no trabalho e em criar os filhos, não queria mais se envolver com ninguém que tirasse seu foco. Mas por obra do destino ela apareceu e pôs por terra todas suas convicções.

Renata Nowak sempre foi uma menina doce, sensível e sonhadora, morou toda infância com os pais em uma fazenda no interior de Porto Alegre no Rio Grande do Sul, até que uma fatalidade a deixa sozinha, e sua única opção é se mudar para o Rio de Janeiro com a Tia Ana, e o primo, Guilherme, mesmo mudando sua vida da água para o vinho, nunca deixou de sonhar, desenhista talentosa, ela só quer realizar sua tão sonhada carreira de estilista, não tinha em mente relacionamentos, e compromissos do tipo romântico, até que em uma manhã turbulenta, ela conhece ele, um Urso selvagem e marrento, que vai virar sua pacata vida de ponta cabeça.

Uma história de amor e ódio!

Será que os sentimentos são capazes de superar as diferenças?

Um Urso selvagem, forte e protetor...

Uma coelhinha assustada e arisca

*Venham conhecer essa história cheia de corações e flores, mais
também muito tiro, porrada e bomba.*

O SANTO PECADOR



SINOPSE:

Será que os padrões estabelecidos pelo Vaticano conseguirão afastar duas almas que se perderam?

Juan Carlo Hernandez tinha todo um futuro pela frente; planejado e moldado na mais densa escuridão de quem é nascido no berço da máfia. Não havia espaço para brechas, ainda mais na vida dele, que deveria assumir o comando da organização mais perigosa de toda Espanha, os tradicionais Sparrow's.

Todavia, um atentado a sua vida fez os planos mudarem, pois ele acabou perdendo a memória.

Agora, Juan se tornou Gregório, o Padre de uma pequena Paróquia no interior do Texas, para onde foi transferido.

Respeitado.

Amado.

Não havia espaço para a escuridão trazida de seu legado; ele era apenas um homem.

No entanto, a chegada de uma doce garota, fará a tranquilidade desse “bom padre” se desvanecer. E entre, a tentativa de protegê-la e livrá-la de todo mal que a rodeia, seu próprio passado vira à tona.

Juan o “Black Sparrow”, Dom da Máfia Sparrow's, ou Padre Gregório? Quem ele realmente era?

Pode a vocação ser mais forte que o amor?

Em que momento o santo, se torna o pecador?

UM ANJO PARA O COWBOY



SINOPSE:

Theodor Duncan não era conhecido pela sua paciência, muito menos pela sua delicadeza. Bruto de natureza, geria sua fazenda com mãos de ferro e muita dedicação.

Cowboy nato, ele sabia que seu destino era ali, no coração do Texas; sem problemas e sem surpresas.

Ao menos esse era o plano... até conhecer a garota mais teimosa e impulsiva da sua vida.

Isadora Wilson. Esse era o nome da sua mais nova tentação, que insistia em lhe atormentar, desfilando pela sua fazenda com tops e minissaias, desafiando-o a resistir as suas investidas.

E tudo o que Theodor não queria, eram complicações, sobretudo, ter de lidar com a petulância de uma adolescente de dezoito anos.

Apesar de sua relutância, as coisas fugiram de seu controle e o envolvimento foi inevitável.

Uma semana tórrida

Uma gravidez.

É possível encontrar o amor, em meio a tantas brigas?



[Amazon](#)

[Facebook Perfil:](#)

[Facebook Página:](#)

[Instagram:](#)

[WhatsApp:](#)

[TikTok](#)



[1] Que a paz esteja com você [2] "que a paz de Deus esteja sobre você também". [3] Filho da Puta [4] As harpias são criaturas da mitologia grega, frequentemente representadas como aves de rapina com rosto de mulher e seios. Na história de Jasão, as harpias foram enviadas para punir o cego rei trácio Fineu, roubando-lhe a comida em todas as refeições. [5] Vem do árabe Amir, que significa “comandante” ou “príncipe”. No Oriente Médio muçulmano, o termo é usado para designar um comandante militar, governador de uma província ou um alto oficial militar. [6] Terminal de Contêineres no Porto do Rio de Janeiro [7] Ponte Presidente Costa e Silva, popularmente conhecida como Ponte Rio–Niterói, é uma ponte que atravessa a Baía de Guanabara, no estado do Rio de Janeiro [8] Socorro [9] Hospital Copa Star.